



Espaços de Transição e Arquitetura Doméstica

Reflexões a partir das casas próprias

de Desirée Pedro e Ana Cunha

Ronelxy Gabriela Pinto Zarate

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitetura

(MESTRADO INTEGRADO)

ORIENTADORA: Prof.^a Doutora Patrícia Santos Pedrosa

Co-orientadora: Lia Gil Antunes

Outubro de 2025

Declaração de Integridade

Eu, Ronelxy Gabriela Pinto Zarate, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 45936 de/o Mestrado Integrado em Arquitetura da Faculdade da Beira Interior, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 12/10/2025

(assinatura conforme Cartão de Cidadão ou preferencialmente
assinatura digital no documento original se naquele mesmo formato)

Agradecimentos

A realização deste trabalho permitiu-me contar com pessoas que mesmo na distância, nunca deixaram de acreditar em mim. Cada palavra de alento foi mais do que uma direção, foi um incentivo constante para os dias mais exigentes. O caminho foi árduo e repleto de obstáculos, mas a presença constante, a companhia nas longas noites de trabalho e até as discussões serviram de reflexão para que este trabalho se concretizasse. A todos os que de forma próxima ou discreta contribuíram, gostava de dar-vos a minha mais sincera gratidão.

Agradeço primeiramente a ti que estas no céu por não me desamparares e mostrares o caminho.

Às minhas orientadoras Patrícia Pedrosa e Lia Antunes por acreditarem em mim, por estarem sempre dispostas e disponíveis para me ajudar quando precisava e agradeço por todo o conhecimento transmitido. Agradeço também, às arquitetas Ana Cunha e Desirée Pedro por fazerem parte deste processo e me darem a confiança para a conclusão do mesmo.

Aos meus pais por me permitirem cumprir os meus sonhos me apoiarem e confiarem nas minhas decisões. Aos meus irmãos por estarem sempre presentes. A minha tia pelas longas conversas cheias de saudades e ao meu tio pelos conselhos presenteados. Às minhas avós pelo apoio incondicional.

Aos meus amigos e amigas pelos risos e choros e por me ajudarem ao longo do processo. Ao Raul pela companhia oferecida ao longo destes cinco anos, por nunca me ter deixado sozinha e pela força para continuar.

Ao Simba por me distrair e pela companhia.

E ao Isma por estar presente nestes últimos anos, pela motivação de cada dia e suporte oferecidos.

Obrigada a todos por tornarem isto possível.

Resumo

A presente dissertação propõe um estudo sobre os espaços de transição como geradores de vivências e na forma como estes estão inseridos na arquitetura doméstica, tendo o género como fator principal e articulador do espaço. O trabalho parte de um enquadramento teórico dos espaços de transição e as habitações residenciais do século XX e XXI, analisa as premissas de organização e estruturação da habitação com os espaços de transição, partindo de uma abordagem histórica e uma perspectiva de género. Por conseguinte, indaga as mudanças nas dinâmicas sociais e arquitetónicas que moldaram esse processo. O objetivo principal da investigação consiste em estudar as diretrizes que orientam o projeto de habitação, analisando a forma de estruturação e organização, tendo em conta as controvérsias apresentadas ao longo do processo. Neste contexto, irão ser estudadas duas obras com o objetivo de analisar a configuração dos espaços conforme as necessidades dos utilizadores, sendo o género o principal agente questionador deste argumento.

Os exemplos que irão ser abordados são respetivamente as habitações próprias projetadas pelas arquitetas Ana Cunha e Desirée Pedro. De forma a enriquecer a análise são propostas entrevistas com as arquitetas mencionadas anteriormente, com o fim de compreender as suas motivações, desafios e prioridades no processo de realização do projeto. Adicionalmente, pretende-se proporcionar uma reflexão crítica sobre o papel do género no processo de projeção de espaços privados, destacando a sua relevância na criação de espaços mais humanos e adaptados às necessidades.

Palavras-chave

Arquitetura doméstica; Arquitetura Portuguesa; Espaços de transição; Perspetiva de Género.

Abstract

This dissertation proposes a study of transitional spaces as generators of experiences geared toward domestic architecture that has gender as the main factor and articulator of space. The work starts from a theoretical framework of transitional spaces and residential dwellings in the 20th and 21st centuries, analyzing the premises of organization and structuring of housing with transitional spaces from a historical approach and a gender perspective. Consequently, it investigates the changes in social and architectural dynamics that shaped this process. The main objective of the research is to study the guidelines that guide housing design, analyzing the form of structuring and organization, taking into account the controversies presented throughout the process. In this context, two works will be studied with the aim of analyzing the configuration of spaces according to the needs of users, with gender being the main agent questioning this argument.

The case studies that will be addressed are respectively the residential dwellings designed by architects Ana Cunha and Desirée Pedro. In order to enrich the analysis, interviews with the aforementioned architects are proposed, with the aim of understanding their motivations, challenges, and priorities in the design process. Additionally, the aim is to provide a critical reflection on the role of gender in the design process of private spaces, highlighting its relevance in creating more humane spaces that are adapted to needs.

Keywords

Domestic architecture; Portuguese architecture; Transitional spaces; Gender perspective.

Índice

Agradecimentos	VI
Resumo	VIII
Abstract.....	X
Introdução	12
1 Espaços de transição na arquitetura doméstica	16
1.1 Espaços de transição.....	18
1.2 Arquitetura doméstica	31
a. Casa Aalto, Aino e Alvar Aalto	46
b. Verberck House, Aldo van Eyck.....	48
c. Casa atelier, Inês Lobo	50
1.3 Género e espaço doméstico	54
a. Frauen-werk-stadt I, Franziska Ullmann	63
b. Older Women's Co-Housing	66
2 Espaços de transição nas casas próprias de duas arquitetas portuguesas	70
2.1 As arquitetas e os trajetos que as moldam.....	72
2.1.1 Desirée Pedro.....	74
2.1.2 Ana Cunha.....	77
2.2 As arquitetas e as suas casas: Um diálogo de morada.....	80
2.2.1 Casa-atelier	84
2.2.2 “Casa da Ana”	97
2.3 Reflexão cruzada entre os dois projetos	110
Considerações finais	123
Bibliografia	128
Apêndice- Entrevistas.....	132
I Entrevista realizada a Desirée Pedro (online).....	132

II Entrevista realizada a Ana Cunha (online).....	145
Anexos	157
I Casa-atelier.....	157
II “Casa da Ana”.....	159

Introdução

A presente dissertação surge de um interesse pelo percorrer do espaço no contexto da arquitetura doméstica e de como eu, como mulher, me interesso pelo meu movimento. O presente trabalho tem como objetivos analisar a articulação dos espaços de transição na configuração do espaço doméstico sob uma perspectiva de género e refletir a conexão que existe entre ambos. Assim como perceber a dissociação das barreiras entre corpo e espaço significa explorar um ambiente onde a arquitetura adquire uma nova identidade, espacialmente relevante, em que se pretende capturar a efemeridade da condição humana. Uma parceria que instiga o interesse e a curiosidade, focando-se nos sentidos e na experiência do espaço em si, assim como na sua interação com o corpo sob uma perspectiva de género. Estes espaços de transição assumem especial relevância, uma vez que podem servir como cenário na interação e relações sociais entre as pessoas, assim como na exibição ou resguardo de cada habitante.

Desta forma a dissertação procura responder às seguintes questões: O que são os espaços de transição na arquitetura doméstica? Como a arquitetura doméstica pode ser entendida mediante diferentes projetos? Qual é o papel do género no espaço doméstico? Como a arquitetura reflete um diálogo entre as arquitetas e as suas habitações? Como é realizada a articulação dos espaços de transição na habitação, entre o domínio público e o privado, entre a zona íntima, a zona de serviços e a zona social da casa? Como os espaços de transição contribuem para a experiência doméstica? Outras certamente emergirão no decorrer do desenvolvimento do trabalho.

Metodologia

De forma a atingir os objetivos referidos, a metodologia dividiu-se em etapas, numa abordagem teórica e análise de projetos, com a elaboração de entrevistas. Dessa forma a dissertação parte de:

A primeira etapa compreende uma abordagem teórica relativamente aos principais conceitos na temática dos espaços de transição e arquitetura doméstica, através da pesquisa bibliográfica e análise da mesma. Seguidamente, a partir da recolha e da análise bibliográfica de diversos autores pretende-se dar maior ênfase aos conceitos do espaço de transição, relacionando-os com a temática do utilizador sob uma perspectiva de género para servirem de base à componente na análise de dois exemplos do presente trabalho.

Na segunda etapa selecionam-se dois projetos nacionais, consolidados com entrevistas realizadas às projetistas e relacionados com os conceitos analisados. Adicionalmente, integram-se os conceitos teóricos com o desenvolvimento do projeto realizado pelas arquitetas de modo a refletir o espaço doméstico articulado com espaços de transição apoiados numa perspetiva de género.

Estrutura do trabalho

O corpo do trabalho apresenta duas componentes: a teórica e a de análise. A componente teórica organiza-se em três partes nas quais os conceitos são aprofundados; enquanto na segunda parte esses conceitos são retomados e aplicados à análise dos exemplos selecionados, possibilitando o aprofundamento da compreensão.

A primeira parte corresponde ao capítulo de “Espaços de transição na arquitetura doméstica”, que se divide em três momentos. Inicia-se com o subcapítulo “Espaços de transição” que desenvolve a introdução desses espaços, estabelecendo uma base teórica a partir das reflexões de Aldo van Eyck e Herman Hertzberger que servirão para a análise da arquitetura doméstica como um cenário gerador de interações sociais. O segundo momento corresponde à abordagem da “Arquitetura doméstica” sob o olhar de Irene Cieraad, Judy Attfield, Tim Putnam, Zaida Muxí entre outros; com ênfase na dialética entre o espaço e o corpo, analisa-se a configuração da habitação nos séculos XIX e XX e nas transformações da mesma até hoje sob uma perspetiva de género. Com o intuito de perceber a organização do espaço doméstico e a articulação dos espaços de transição para a criação de novas vivências, analisam-se os exemplos da Casa Aalto (1935 -1936) de Aino e Alvar Aalto, da Verberck House (1967) do arquiteto Aldo van Eyck e da Casa Atelier da arquiteta Inês Lobo (2016-2018). Num terceiro momento seguiu-se ao subcapítulo “Género e espaço doméstico” com a finalidade de estudar a vivência da mulher na habitação. Analisam-se os projetos Frauen-we-stadt I (1975) e o projeto Older Women’s Co-Housing (2016), para compreender a importância de conceber espaços que criem experiências significativas para quem os habita.

A segunda parte referente a análise dos exemplos reúne o capítulo “Espaços de transição nas casas próprias de duas arquitetas portuguesas” apresentam-se os casos de referência selecionados que argumentam as bases teóricas estudadas. A seleção dos exemplos iniciou-se com uma pesquisa sobre projetos de habitação realizados por arquitetas portuguesas para si próprias. A decisão foi orientada por diversos fatores, nomeadamente a geração das arquitetas e a localização das habitações, com ênfase em contextos não estritamente urbanos, a natureza das intervenções com preferência em obras de reabilitação de preexistências arquitetónicas e, crucialmente a relevância dos

espaços de transição na organização habitacional. Com base nestes critérios foram selecionadas duas habitações: a Casa Atelier (1996-2014) da arquiteta Desirée Pedro (n. Moçambique, 1970) e a “Casa da Ana” (2021-2022), da arquiteta Ana Cunha (n. Nova Lisboa, Angola, 1961). Após a seleção, procedeu-se à análise de cada obra iniciando com uma biografia e a apresentação do percurso profissional das arquitetas, seguida de uma planta geral com a localização das respetivas habitações no território português. A análise individual de cada residência, explora a sua organização espacial e a distribuição das áreas funcionais, nomeadamente a zona social, a zona privada e a zona de serviços. Adicionalmente, o subcapítulo “Reflexão cruzada entre os dois projetos” irá constar de uma comparação da configuração das duas casas analisadas, visando perceber as relações de género que foram demarcadas e com esse fim refletir de que forma podem ser reestruturadas para promover uma maior equidade, autonomia e novas formas de habitar.

Estado da arte

O estudo deste tema visa destacar relevância para a prática arquitetónica, uma vez que a investigação dos espaços de transição e a arquitetura doméstica sob uma perspetiva de género é um tema pouco desenvolvido em Portugal.

Nesta sequência para adentrarmos ao tema foram realizadas várias leituras que serviram de base teórica para a introdução dos espaços de transição, como o livro *Space and the Architect. Lessons in architecture 2* de Herman Hertzberger de 1996, e o artigo titulado de *Aldo van Eyck and the Rise of an Ethnographic Paradigm in the 1960s* do autor Georges Teyssot. Ambos autores, Herman Hertzberger e Aldo van Eyck, refletem que os espaços de transição devem ser entendidos como um intermédio capaz de gerar interações sociais. Um espaço compreendido entre o público e o privado, entre um espaço e outro, entre a exposição e a intimidade.

No seguimento do trabalho surge o subcapítulo de “Arquitetura doméstica”, para esta análise foram consultados vários livros e trabalhos como, o livro de *Mujeres Casas y Ciudades* de Zaida Muxí Martínez de 2018, como o livro *At Home. Na anthropology of domestic space* editado por Irene Cieraad, que consta de várias colaborações, e o trabalho titulado de *O desenho e o uso dos espaços intermédios em edificios de habitação plurifamiliar* realizado por Marta Isabel Ramos Pimenta em 2018. Estes trabalhos serviram de base para o conhecimento da configuração da habitação no século XIX e XX, das transformações o qual foram a surgir, assim como também o desenho dos espaços de transição e articulação com a habitação.

Nesta sequência foram realizadas várias leituras que serviram de base para as reflexões das configurações habitacionais e vivências do espaço doméstico sob perspectiva de género, subcapítulo 1.3. Para isto, destaca-se o livro de Zaida Muxí *Mujeres Casas y Ciudades*, a obra *Gender Space Architecture (2000)* de Jane Rendell, Barbara Penner e Lain Borden, o livro de Witold Rybcznski (1943-) titulado *Home: A Short History of an Idea* e a professora Céline Rosselin-Bareille no livro *At Home. Na anthropology of domestic space* editado por Irene Cieraad.

Adicionalmente, o conteúdo nesta dissertação foi escrito segundo as regras estabelecidas pelo Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, com exceção das citações diretas que correspondem aos acordos dos autores originais. Todas as ilustrações apresentadas e os desenhos técnicos foram modificados nas suas tonalidades, passando para um tom sépia relativamente às obras originais.

1| Espaços de transição na arquitetura doméstica



*Fig. 1- Orfanato de Amesterdão,
colagem.*

*Imagem de Autora, [Adaptação de
imagem Aldo van Eyck]*

1.1 | Espaços de transição

Ao nos adentrarmos num edifício somos confrontados com um espaço que não é interior nem exterior, senão ambos, duas realidades que não se podem assumir como independentes, cujas características dependem uma da outra. O diálogo construído entre o exterior e interior surge no olhar de espaços que comunicam com outros, os quais transmitem aos utilizadores a natureza do lugar que habita, seja através da sua configuração, função, materiais, luz ou temperatura. O meu interesse por este conceito surgiu da vontade de projetar espaços que evocassem um senso de pertença e experiências únicas, atribuindo um papel significativo a elementos aparentemente secundários. Ao longo do meu trajeto fui a aprimorar uma maior consciência sobre a relevância dos espaços de transição, frequentemente subestimados, mas essenciais para a estruturação e organização espacial. É dentro desse contexto que o presente capítulo se propõe a aprofundar a análise, recorrendo ao enquadramento teórico de ambos arquitetos holandeses Aldo van Eyck (1918-1999) e Herman Hertzberger (1932-).

O termo transição advém da procura de definir espaços que interligam diferentes âmbitos, tanto no domínio público como no privado. Estes espaços estabelecem gradientes de conexão entre os diversos espaços, os quais são organizados por funcionalidade, privacidade, flexibilidade e as convivências geradas, correspondendo a um âmbito fundamental na arquitetura. Entende-se assim que o espaço denominado no *entre*, entre o espaço público e o privado, entre o social e a intimidade, entre a cozinha onde se terminou uma refeição ou as escadas onde estivemos a falar com o vizinho, denomina-se por espaço de transição, não é uma exceção, mas sim uma condição contínua da experiência espacial. Como refere Aldo van Eyck (cit por. Gil Guinea, 2016, p. 39):

La imaginación no ve la realidad como un terreno que uno puede dividir entre consciente y subconsciente. Corneille no pinta en ninguno de los dos, o desde los dos, pinta en un terreno intermedio, uno al que leyendas, mitos, pasiones, pájaros, peces, gusanos, flores y personas vienen, y al que vuelven.

Estes espaços de transição estão relacionados com o termo *in-between*, seguidamente apresentado nas conferências e revistas do *Team 10*¹, e desenvolvido por diversos

¹ O Team 10 é o nome que foi atribuído ao conjunto de jovens encarregados de organizar os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, conhecido como CIAM. Entre 1953 e 1981, foram os anos de maior atividade entre os membros principais. Entre os participantes, destacam-se Aldo van Eyck e Alison e Peter Smithson, responsáveis por fomentar novas abordagens arquitetónicas. (Miranda, 2021, p. 28); (Rodrigues, 2015, p. 51).

autores, tais como Aldo van Eyck, Alison e Peter Smithson, Herman Hertzberger, entre outros² (Teyssot, 2011). No contexto temporal de 1950, a ideia do espaço intermédio em Aldo van Eyck e nos membros no *Team 10* surge com dois tópicos essenciais *doorstep* e *threshold*. Estes emergem na procura de um lugar de encontro ou a forma do espaço intermédio, o *in-between* (Teyssot, 2011). A ideia de *doorstep* que Alison e Peter Smithson (cit por. Gil Guinea, 2016, pp. 15 e 27) defendem, é:

El punto de paso entre el espacio interior y el exterior, entre calle y casa. O umbral, junto al hogar, como símbolos de la casa. Unos cuantos “umbrales” juntos forman una calle [...] y que se relacionan con otros hasta formar la ciudad.

Por outra parte, Aldo van Eyck refere o termo de *doorstep* como uma ideia limitadora, relativamente ao que ele considera como espaço intermédio, descreve nas suas próprias palavras a ideia de *doorstep* como “o espaço para deixar a garrafa de leite” (cit por. Rodrigues, 2015, p. 72) usando estes dois conceitos *doorstep* e *threshold* como uma metáfora e referindo-se a este conceito como o “lugar donde dos mundos convergen [...] la puerta es el escenario para un acto humano maravilloso” (cit por. Gil Guinea, 2016, p. 28).

Com o propósito de trazer a ideia de *in-between* para a arquitetura, Aldo van Eyck defende que esta deve entender-se como a configuração de espaços de transição que proporcionem ambientes que promovam uma “consciência simultânea de fenómenos relacionados” (cit por. Gil Guinea, 2016, p. 28). Seguindo esta linha de raciocínio, o arquiteto argumenta que a arquitetura não deve ser pensada como um espaço isolado, mas sim como uma relação viva, uma conexão entre os diferentes elementos, tais como pessoas, lugares, objetos e atividades. Uma arquitetura na qual tudo acontece em convivência, tudo se encontra relacionado e comunicado, um espaço vivo, propício de relações sociais.

O termo *in-between* é o tema mais desenvolvido pelo arquiteto Aldo van Eyck e, na verdade, surge como uma forma prévia que provém do seu interesse pela poesia, uma vez que o acompanha desde a juventude. Dado à influência direta do pai visto levar a ideia do *in-between* para a sua poesia e literatura. Assim como também do seu interesse pela arte em geral e sobre tudo quando conhece a filosofia de Martin Buber (Rodrigues,

² Apesar de não ter identificado outros trabalhos relevantes, é possível destacar as contribuições de autores como Glenda Kapsteins Lomnboy e Till Boettger, bem como trabalhos de graduação notavelmente realizados por Andre Balsini, Marjorie Suárez e Milton Ávila.

2015, p. 75). Van Eyck, assim como o arquiteto Hertzberger, estudam a filosofia de Buber (cit por. Hertzberger, 1996, p. 215):

The concretization of the *in-between*, the in-between as object, such as the threshold between house and street which, depending on how you interpret it, belongs more to the house or more to the street and hence is a part of both.

Este dá relevância ao que acontece no *entre*, a relação entre o sujeito e/ou objetos, não separadamente, mas um algo criado entre ambos que se torna visível ou tangível, mas não é um espaço que pode pertencer nem ser realmente definido por nenhum dos dois, trata-se de um *entre* que possui a sua própria realidade. O arquiteto Herman Hertzberger (1996, p. 215), considera que:

Space comes about where the things are built and shaped so that they give ground, so to speak, and relinquish their priority by slipping into their context in such a way that built substance and surroundings acquire equal standing, and become as one.

O autor refere que o espaço surge como algo onde as coisas são construídas e moldadas no sentido de ceder lugar, de certo modo, e se misturam ao seu contexto para que a parte construída e o seu entorno ganhem o mesmo valor, tornando-se como um só. Aldo van Eyck, igualmente, refere que o *in-between* representa o ponto onde espaços opostos se encontram e harmonizam-se, carregando uma dinâmica de tensão, na qual procuram equilibrar realidades contrastantes. Ambos arquitetos têm como foco principal o conceito de limiar como um mecanismo para estabelecer relações graduais e controladas, onde a transição entre o interior e exterior seja uma continuidade articulada.

Este conceito pode ser entendido no exemplo de um vão de uma janela (Fig. 2), que se posiciona entre o interior e o exterior, ou entre o público e o privado (Pimenta, 2018; Teyssot, 2011) um elemento que oferece ao utilizador a percepção do mundo exterior, sendo entendido como os olhos do projeto através dos quais o exterior se deixa contemplar. Herman Hertzberger aprofunda esta ideia ao considerar elementos como a porta, o alpendre, os degraus e a soleira como verdadeiros pontos de interseção entre dois mundos distintos, a casa enquanto espaço de intimidade e protegido, e a rua como um espaço público e aberto. Estes elementos atuam como zonas de transição que suavizam a mudança de um ambiente para o outro, criando uma sobreposição representativa e física entre os dois mundos e proporcionando o encontro entre as pessoas (Teyssot, 2011; Trofimenko, 2019, p. 18).



2



3

*Fig. 2- Herman Hertzberger, fotografia do quadro
The Letter de Pieter de Hoogh.*

(de Miguel, 2015, p. 82)

*Fig. 3- Criança sentada no degrau em frente à sua
casa. Fotografia de Ernst Haas.*

(Teyssot, 2011)

Ambos autores, Hertzberger e Van Eyck, mediante uma fotografia que ilustra a entrada de uma casa (Fig. 3) abraçam a representação de dois mundos adjacentes que unem a rua como domínio público e a casa como domínio privado, traduzindo o *in-between* na transição de essas duas realidades. Nessa zona de encontro o espaço deixa de ser meramente um ponto de passagem, atuando como um lugar de permanência e contemplação, um *entre* onde o dentro e o fora se diluem (Rodrigues, 2015, p. 78,79; Trofimenko, 2019, p. 18).

Os arquitetos mencionados anteriormente enfatizam a porta como um ponto de encontro que para além de delimitar, acolhe, transformando-o num palco de pequenos hábitos quotidianos, num espaço onde pode decorrer uma conversa ocasional ou um gesto partilhado. E quando ganha profundidade, abriga do vento e da chuva, acolhe os músicos de rua, uma pausa inesperada ou um instante de contemplação (Trofimenko, 2019, p. 18). Como refere o arquiteto Van Eyck: “uma porta é um lugar feito para uma ocasião” (cit por. Trofimenko, 2019, p. 19)

Para além da porta, há outros elementos da arquitetura como muros, degraus ou parapeitos, que adicionalmente a sua função formal, carregam em si um potencial de encontro (Trofimenko, 2019, p. 18). Seguindo esta lógica de raciocínio, ainda que não se possa prever com certeza como estes constituintes serão usados, é justamente nessa incerteza que reside a sua riqueza, podendo tornar-se em assentos informais, pontos de pausa, proporcionando gestos simples e convites à permanência, ou a criação de pequenos lugares que sem articular uma palavra ecoam e convidam a convivência informal. Cabe ao arquiteto adotar um olhar generoso e atento, oferecendo oportunidades para a apropriação espontânea do espaço. À vista disso, identifica-se um espaço que surge do diálogo entre o exterior e o interior, a continuidade espacial da conexão entre o público e o privado, do aberto e do fechado, das pessoas e do ambiente, um *entre* que os liga e relaciona, não pertencendo a nenhum deles senão contraditoriamente a ambos. Estes espaços atuam na delimitação e mudança gradual das funções dos ambientes, comparecendo como um lugar criador de encontros ocasionais que acontecem ao estimular naturalmente a troca e a vida partilhada, onde o tempo abranda e o ser humano encontra um lugar.

A arquitetura deve, portanto, estruturar espaços que propiciem a articulação de ambientes que proporcionem uma vivência e relação ocasional entre as pessoas e a vida quotidiana, como refere Hertzberger (1996, p. 214):

The habitable space between things represents a shift in attention from the official level to the informal, to where ordinary day-to-day lives are led, and that means in the margins between the established meanings of explicit

function. Everything that gets built is necessarily the objectlike or thinglike, physical, bodily aspect of architecture.

O arquiteto defende que a arquitetura deve ir além da função explícita, esta deve considerar “the space between things” (Hertzberger, 1996, p. 214) onde a realidade e o informal acontece. É nessa transição onde o espaço e o tempo se entrelaçam e ganham significado, são vividos. Por exemplo, uma escada não serve somente para subir ou descer, mas também pode tornar-se um lugar para sentar-se, um ponto de encontro, ou um miradouro silencioso.

Neste sentido, ambos os autores, Hertzberger e Van Eyck, referem que os espaços de transição não devem ser percebidos somente como espaços de passagens, mas sim como lugares com potencial para acolher diferentes funções e experiências. Em termos práticos, um corredor amplo ou um vestíbulo de entrada podem tornar-se em áreas de permanência, encontro e apropriação. São lugares que, ao abrir-se à indeterminação do uso, enriquecem a vivência dos espaços, proporcionando maior flexibilidade na sua utilização, permitindo que os próprios habitantes a completem com os seus gestos quotidianos. Além do seu papel estrutural, os espaços de transição desempenham um papel essencial na organização e no conforto do ambiente, uma vez que atuam como barreiras físicas contra o ruído e a poluição, assim como garantem maior privacidade. Este espaço intermédio que divide dois momentos diferentes, esse processo de transição influencia diretamente a percepção do utilizador, preparando-o para a mudança de ambiente de forma gradual e consciente.

Herman Hertzberger opõe-se à divisão rígida entre o espaço público e o privado, afirmando: “Building units can however be stripped of their individuality [...] by blurring the bounds of public space so that the units themselves seem to lose their edge” (1996, p. 218). Na mesma linha de raciocínio, Van Eyck questiona a separação rígida entre o espaço público e o privado, defendendo que estes devem ser entendidos como complementares. Dessa reflexão, o conceito *in-between* define um espaço de transição que estabelece uma relação entre ambos os domínios, promovendo a interação e a continuidade espacial (Trofimenko, 2019, p. 18). O arquiteto recorre a uma metáfora para explicar o conceito de *in-between* com uma imagem de uma praia (Fig. 4), onde o mar e terra se encontram num limite fluido e contínuo, num limiar instável, entre a solidez e o movimento, Aldo van Eyck (cit por. Gil Guinea, 2016, p. 29) identifica o que nomeia por lugares intermédios:

Quítense los zapatos y caminen a lo largo de una playa a través de la delgada lámina de agua que se desliza entre el océano y la arena. Se sentirán reconciliados de un modo que no sentirían si hubiera un dialogo forzando entre ustedes y cualquiera de los dos grandes fenómenos. Pues aquí, entre medias de la tierra y el océano, en este territorio intermedio, ocurre algo muy distinto de la nostalgia del marinero. No hay deseo de la tierra desde el mar, no ha deseo contrario, no pueden dividir uno del otro.



Fig. 4- Fotografia de uma praia em Portugal, captada por Carel Blaze.

(de Miguel, 2015, p. 45)

Nas palavras de Van Eyck o espaço *in-between* não resulta da definição rígida de dois opostos, mas sim do surgimento de uma relação sensível entre eles. Não se trata de delimitar, mas criar um lugar onde dois opostos coexistem sem se anular. Este pensamento define uma zona intermédia fluida e mutável, tornando-o num espaço vivo, um território que não pertence só a um lado ou ao outro, mas simultaneamente a ambos. É um *entre* onde não há conflito nem ausência, é um espaço pleno onde o diálogo entre os opostos é natural e harmonioso, um espaço com identidade própria, onde o ser humano se sinta parte dos dois mundos que deixam de estar separados para se tornarem complementares.

Seguindo então essa linha de pensamento, os *entre-espacos* revelam-se como zonas de transição que mais do que conectar lugares proporcionam atmosferas. São espaços que se encontram em constante movimento, moldados pelas condições ao seu redor e pela forma como são habitados. Não é um espaço estático, há fluxo, troca, ressonância, ao estabelecerem uma relação viva entre as pessoas e o ambiente, tornando-se em espaços de interação recíproca, o ser humano muda o espaço à medida que o habita, mas, ao mesmo tempo, é transformado por ele. A potencialidade presente nos espaços intermédios reside precisamente na capacidade de criação de um senso de lugar, promovendo vínculos mais profundos e complexos com o espaço vivido.

A articulação desses espaços traz abertura à curiosidade e amplia a perceção dos lugares por meio das sensações; como resultado, são instrumentos fundamentais na conceção arquitetónica. Estes territórios, onde ocorre uma mudança subtil entre condições, entre interiores e exteriores, entre o íntimo e o coletivo, só ganham existência plena quando são habitados, sentidos, vividos. A sua definição não reside na geometria, mas na presença humana que os atravessa e os transforma (Rosas, 2023, p. 31).

Para um melhor entendimento do conceito *in-between*, iremos analisar o projeto do Orfanato de Amesterdão, de 1960, realizado pelo arquiteto Aldo van Eyck (Hertzberger, 1996, p. 198). Para apresentar a obra escreve o artigo titulado de “The medicine of reciprocity tentatively illustrated” no ano 1961, relatando que para ele o orfanato representava uma aplicação prática das suas ideias. Esse artigo foi introduzido com uma citação do poeta romeno Tristan Tzara (1896-1963): “Juste ce qu’il fault de souterrain entre le vin et la vie” referindo-se a interpretação do mundo interior e exterior (Lidón de Miguel, 2015, p. 21)

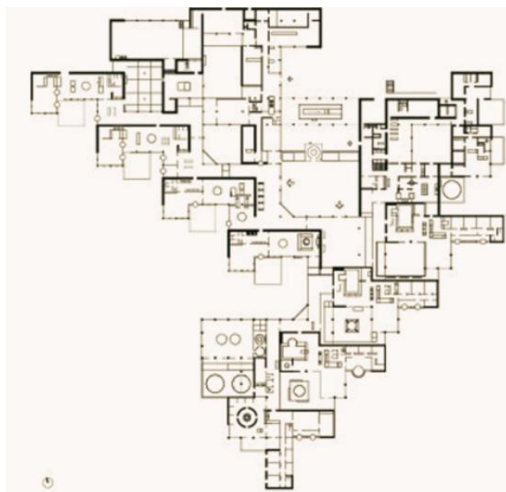
Ao analisar a obra é possível observar uma repetição horizontal de módulos mediante uma retícula (Fig. 5) e uma organização de diversos espaços interiores e exteriores que se encontram interligados numa ordem complexa, onde os espaços internos se diluem

ao encontro do exterior relacionando-se entre si de forma quase impercetível. Os principais argumentos defendidos pelo arquiteto Van Eyck são a relação das crianças com o exterior como a possibilidade da relação entre os diferentes espaços (Fig. 6 e 7) onde cada unidade funciona como uma pequena casa (cit por. Lidón de Miguel, 2015, p. 25), garantindo, desta forma, uma identidade para cada grupo que a habita. O orfanato configura-se como uma ode à reciprocidade. Nele, as divisões dissolvem-se em espaços que são um mundo pequeno num grande e um grande mundo num pequeno (Lidón de Miguel, 2015, p. 48). A forma do arquiteto projetar e organizar os espaços não se limita à articulação de funções, ele tece relações sociais transformando o edifício num organismo vivo onde cada detalhe – das colunas que se tornam bancos, às cúpulas que desenhavam sombras e móveis que convidam ao uso – transforma o edifício num espaço de convívio e apropriação.

Na obra encontra-se a ideia que “foi concebida como uma configuração de espaços intermédios claramente definidos” (cit por. Rodrigues, 2015, p. 77). Aldo van Eyck em convergência com o arquiteto Herman Hertzberger entendem que a passagem entre o domínio público e o privado deve ser efetuada gradualmente, através da criação de espaços de transição que aprimorem uma ligação mais fluida entre os espaços, atribuindo-lhes um papel essencial na promoção da interação social e na construção de um ambiente mais dinâmico e comunicativo (Trofimenko, 2019, p. 11).

O arquiteto em questão defende que o *entre*, o *intermédio*, não deve ser reduzido a um recurso arquitetónico, como uma praça semipública entre a rua e a casa ou as distintas capas construtivas de um edifício. O *intermédio*, o *entre* é a vida (Fig. 6 e 7), aquilo que acontece entre um e outro lugar, num momento e no momento seguinte, é uma forma de conviver com o espaço. Para este autor o que existem são fenómenos, coisas que se apresentam, um mundo transformado em mundo conforme é vivido, um espaço que é criador de convívio na qual o indivíduo consegue habitar, viver, segundo o arquiteto este conceito é uma forma de entender a realidade (cit por. Lidón de Miguel, 2015, p. 45).

A arquitetura, portanto, não se limita à criação de edifícios, existem muitas alternativas as quais a arquitetura se pode debruçar, algumas mais relacionadas com a expressividade artística do que com questões funcionais. Trata-se de dar forma à relação das pessoas com o espaço de modo mais emotivo. Apoiando-nos em ambientes capazes de transitar no espaço e no tempo, sendo possível criar lugares associados a eventos e a memória, indo além da funcionalidade espacial. Desta forma, estes ambientes transitórios adquirem um significado mais profundo, tornando-se num incentivador de sentido de lugar e acontecimento. É uma arquitetura dissolvida em atmosferas nos quais podemos



5



6



7

*Fig. 5- Aldo Van Eyck, plano de planta piso
térreo.*

*Fig. 6- Espaços de transição, Orfanato de
Amesterdão.*

*Fig. 7- Fotografia do pátio de entrada.
(de Miguel, 2015, p. 69)*

circular livremente em todas as direções, experienciando o espaço em dialética com o corpo que nele se movimenta, sem restrições. Van Eyck (cit por. Gil Guinea, 2016, p. 29) refere que:

La arquitectura debe extender la delgada frontera, persuadirla para convertirse en un territorio intermedio, articulado. Su trabajo es proveer este territorio por medio de la construcción; proveer, desde la escala de la casa hasta la de la ciudad, un conjunto de lugares reales para gente real y cosas reales.

Como se percebe, o arquiteto defende que a fronteira entre opostos, entre o público e o privado, o espaço construído e o espaço vivido, deve ser explorada e estendida delicadamente. Propõe que a arquitetura transforme essa linha liminar num território intermédio, onde as transições entre diferentes usos, escalas e vivências humanas sejam articuladas com sensibilidade e intenção. Em oposição à rigidez dos espaços funcionalmente determinados, valoriza a ambiguidade e a riqueza dos lugares plenos de possibilidades e significados. A sua perspectiva sugere que a construção não é um fim em si, mas um meio para criar lugares verdadeiros, desde a escala da casa até à cidade, que respondam às necessidades humanas reais, mais do que às exigências puramente técnicas ou formais.

Contudo, esta visão poética e humanista do *entre* foi progressivamente questionada a partir da crise provocada pela arquitetura moderna, oriunda no começo do século XX pautada por princípios como “a forma segue a função” e “eliminação de detalhes desnecessários”. Este enfoque, procedente do arquiteto americano Louis Sullivan (1856-1924) (Martins, 2010, p. 8; Rosas, 2023, p. 53), apontava para um desenho do espaço orientado pela utilidade ao invés de elementos decorativos. Esta vertente tendeu a reduzir os espaços de transição a simples elementos de circulação, como corredores estreitos, escadas utilitárias e entradas isentas de escala humana. Para alguns autores, essa rigidez funcionalista ignorou a complexidade social inerente a esses limiares, transformando-os em zonas de passagem e não em lugares de permanência ou encontro. Em oposição, Van Eyck e Hertzberger compreendiam o *in-between* como um território de mediação, interação e reciprocidade. Enquanto o modernismo, de modo geral, entendeu esses espaços como um problema técnico a ser resolvido e não como uma oportunidade para enriquecer a experiência espacial (Martins, 2010, p. 8).

Partindo da reflexão sobre os espaços de transição em várias abordagens arquitetônicas, direciono a minha atenção para o campo da arquitetura doméstica, onde tais elementos como soleiras, varandas e corredores desempenham um papel fundamental na vivência quotidiana. Se na escala institucional como o Orfanato de Amesterdão esses espaços

promovem encontros coletivos, na escala doméstica eles revelam relações mais íntimas. A habitação enquanto extensão do corpo e da identidade, exige que esses entre lugares adquiram não somente fluxos de luz e ar, mas também onde se entrelaçam hierarquias sociais, relações de poder e gestos quotidianos.

Para aprofundar o estudo irei decorrer a obras como a Casa Aalto, a Verberck House e a Casa-Atelier, de forma a entender como estes projetos articulam os espaços de transição com a arquitetura doméstica. Ao articular o íntimo e o coletivo essas conexões espaciais não somente organizam o habitar, eles questionam-no. É essa a dimensão crítica que exploraremos a seguir, analisando como a arquitetura doméstica em diferentes contextos lida com as transições que moldam o entre, entre o íntimo e o coletivo.



*Fig. 8- Entre paredes, colagem.
Imagem da Autora*

1.2 | Arquitetura doméstica

“Home” brought together the meanings of house and of household, of dwelling and of refuge, of ownership and of affection. “Home” meant the house, but also everything that was in it and around it, as well as the people, and the sense of satisfaction and contentment that all these conveyed. (Rybczynski, 1986, p. 62)

A habitação surge não somente como um espaço utilitário, mas como um abrigo contra a intempérie protegida do ruído exterior, um domínio de autonomia que acolhe o corpo e resguarda a intimidade. Enquanto primeiro território do habitar, a casa configura-se como espaço gerador das relações íntimas do ser humano e palco da descoberta do mundo e vivências. Este subcapítulo propõe-se a estudar a organização da habitação com o propósito de responder a questões como, por exemplo: Como é vivenciada a casa? Quais são os significados que emergem nas ações de dividir e organizar o espaço? De que forma as questões de gênero moldam a casa, além das relações que poderia enfrentar com o espaço exterior. Dentro desse contexto, recorre-se ao enquadramento teórico da obra *At Home. An Anthropology of Domestic Space* editada pela antropóloga holandesa Irene Cieraad (1952-), que reúne diversas colaborações como as de Judy Attfield, Tim Putnam, Paul Pennartz, Céline Rosselin-Bareille, entre outros. Esta obra analisa a evolução histórica do espaço doméstico Ocidental, desde o século XIX até o modernismo, visando entender a casa não somente como uma estrutura física, mas também como um espelho de identidades e de valores sociais e culturais.

Na introdução desta obra Irene Cieraad salienta a ausência de um enfoque antropológico sólido na análise do espaço doméstico Ocidental. Enquanto a antropologia tradicional focava na “casa tribal”, interpretada como um reflexo de hierarquias sociais e divisões de gênero, o espaço da habitação no Ocidente, especialmente após a industrialização, acabou sendo visto como desprovido de significado simbólico (Cieraad, 1999, p. 2). Em contradição, Irene Cieraad defende que as casas permanecem como reflexos de identidade e dinâmicas sociais, reveladas na forma de organização e utilização dos espaços.

Tendo em conta a configuração do espaço doméstico após a Segunda Guerra Mundial, a historiadora britânica Judy Attfield (1937-2006), menciona que evoluiu de uma planta fechada tradicional para um sistema aberto, atuando com a intenção de comportar maior flexibilidade, mobilidade e mudança (1999, p. 73). Esse conceito pode ser ilustrado pela

planta aberta do edifício de habitação social³ (Fig. 9) projetado por Margreet Duinker (1953-) e Machiel van der Torre em 1989 em Amesterdão. O surgimento do movimento moderno na arquitetura conduziu uma proposta de habitação que fosse acessível para todos os cidadãos, priorizando a funcionalidade, rejeitando desenhos tradicionais e ornamentos desnecessários, criando ambientes de convívio versátil (Attfield, 1999, p. 73), essa alteração no desenho revela uma postura de mudança social, orientada por novos modos de habitar e por uma relação mais direta com o exterior (Attfield, 1999, p. 75). Com a adoção dos princípios da arquitetura moderna a atenção do bem-estar dos ocupantes da habitação tornou-se uma prioridade, promovendo a inclusão de luz natural, ventilação adequada e a relação com a natureza, tendo como objetivo reduzir a dimensão das habitações e torná-las mais eficientes (Attfield, 1999, p. 76).

No contexto dessa mudança Judy Attfield refere a tentativa de subtração do “Salão Burguês”, um espaço do século XIX, carregado de hierarquia tradicional e representadora de papéis de gênero e classe, usado para exibir respeito e pretensões sociais (1999, p. 77). No século XIX, os reformadores, o arquiteto urbanista britânico Barry Parker (1867-1947) e o urbanista britânico Raymond Unwin (1863-1940), procuravam reduzir a importância simbólica deste espaço integrando-o em zonas mais funcionais, no entanto, não foi de todo conseguido (Attfield, 1999, p. 77). Não obstante, no modernismo optaram por uma abordagem mais radical, o objetivo era destruir essa divisão rígida e substituí-la por um espaço mais funcional igualitário e adaptado à vida contemporânea, sem salas formais de “representação social” (Attfield, 1999, p. 77). Este desaparecimento das divisões entre os espaços refletiu uma postura voltada para a mudança social, promovendo um ambiente mais funcional flexível e eficiente (Fig. 9).

Ao longo da história, o investigador britânico Tim Putnam (1995) refere que a habitação carrega uma série de alterações relativamente na sua configuração, uma vez que existe uma mudança de hábitos, rotinas e necessidades. O autor menciona que se uma pessoa continua a viver na mesma habitação, esta é sujeita ou a adaptar-se a habitação, limitando-se as limitações da casa, ou o espaço é moldado à vida, ou seja, é submetido a uma reinterpretação e ajuste (Putnam, 1999, p. 145) (Fig. 9). As mudanças na ocupação do espaço refletem transformações culturais, tanto na seleção do mobiliário e decoração, bem como nas dinâmicas domésticas. Tim Putnam refere que no século XX é possível observar duas mudanças nas formas de vida contemporâneas, em

³ Projeto trabalhado segundo a ideia de planta livre, em que é utilizada a técnica da integração da zona de serviços num núcleo central, permitindo que a área restante fique livre, possibilitando uma disposição flexível ajustada conforme às preferências dos habitantes.

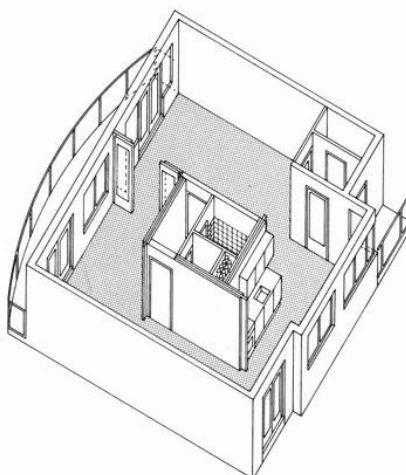
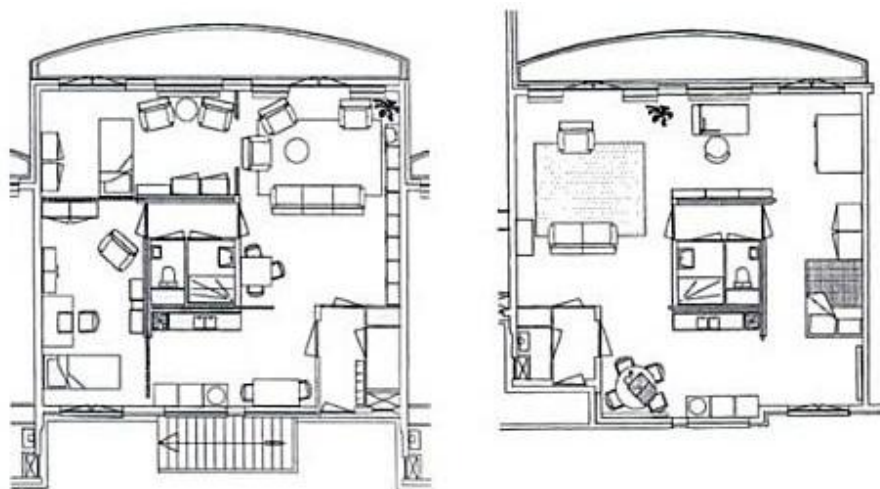


Fig. 9- Magreet Duinker, Dapperbuurt, planta e axonometria de uma unidade de vivenda, 1988.

(Charvet, 2015)

comparação com os padrões tradicionais do século XIX (1999, p. 145). A primeira mudança encontra-se relacionada com o surgimento da casa moderna, entre as décadas de 1920 e 1950, período em que o espaço doméstico passou a adotar um sistema que abrangia esgotos, sistemas de água, gás, eletricidade e linhas de telemóvel (Putnam, 1999, p. 145). Na década de 1960, uma segunda mudança manifestou-se à medida que as infraestruturas técnicas, económicas e políticas formaram parte integrante da vida doméstica, adquirindo características pós-modernas (Putnam, 1999, p. 145). Como consequência, a vida dos habitantes nas habitações também foi alvo de mudanças, dependendo das estruturas externas, como a educação, emprego e apoio social, alterando, por sua vez, as perceções da divisão entre a casa e o exterior, alterando o papel da habitação na formação de identidade social (Putnam, 1999, p. 146).

Desde a década de 1960, a configuração da vida familiar foi alternado gradualmente afastando-se da rua e do espaço público, voltando-se para o interior da habitação em direção aos jardins privados (Putnam, 1999, p. 147). Putnam refere que a rua deixou de ser o principal local de socialização, encontros e convívio social, à medida que as mudanças nos hábitos de vida e nas estruturas sociais ocasionaram um isolamento progressivo das atividades quotidianas nas residências (1999, p. 147). Nesse cenário, as áreas de estar adotaram um estilo mais informal, enquanto a cozinha e a casa de banho começaram a ter outros papéis mais significativos, recebendo maior ênfase na organização (Putnam, 1999, p. 147). Partindo das considerações anteriores, esta transformação, da habitação voltada para os jardins privados, aponta uma mudança significativa na forma de ocupar a habitação. Esse espaço exterior, frequentemente visto como uma extensão da habitação, revela-se como um espaço de transição, mas continua relacionado à intimidade e influência familiar. Esta organização do espaço não só destaca a predominância do domínio privado relativamente ao público, como também indica um aumento na apreciação do individualismo e da autonomia no lar, causando a perda das interações sociais.

Neste contexto, a casa enquanto programa arquitetónico revela-se como um sistema espacial dinâmico que estrutura e reflete formas de vida. Moldada pelo estilo de vida contemporâneo, pelo contexto territorial e pelas intenções projetuais, esta organiza o quotidiano mediante uma lógica espacial que articula funções e significados. Desta forma, na arquitetura doméstica contemporânea torna-se crucial atender a forma de estruturação espacial, às relações entre interior e exterior, bem como à configuração dos espaços de transição que facilitam a passagem entre a vida privada e as interações sociais.

Na análise dos espaços de transição, a harmonia entre o íntimo e social, adquire especial relevância. A compreensão dos níveis de intimidade e sociabilidade na habitação exige uma observação atenta de como a articulação espacial, a distribuição dos

compartimentos, a relação entre continuidade e separação, bem como o tratamento decorativo influenciam diretamente os níveis de privacidade e de convivência. A presença e a configuração desses espaços de transição estão intrinsecamente ligadas à organização espacial da casa e ao grau de proximidade ou distanciamento pretendido entre os compartimentos que o constituem. Dessa forma, é proposta uma leitura das transformações ocorridas na forma de projetar e viver o espaço doméstico, com especial atenção à articulação entre os domínios da intimidade e da sociabilidade, do privado e do público, assim como o papel ativo do habitante no contexto da vida doméstica, tendo em conta o que refere Zaida Muxí (2018, p. 47): “La vivienda es a la vez reflejo y pauta de normas”.

Durante o século XX, os avanços sociais, económicos e tecnológicos ocorridos na Europa ocasionaram alterações significativas na forma de projetar o espaço doméstico. Procurava-se, de modo geral, associar o conforto a um uso mais eficiente do espaço por meio da organização racional dos compartimentos, em resposta a exigências modernas de bem-estar, higiene e funcionalidade (Muxí Martínez, 2018, p. 65). Como menciona Zaida Muxí é de destacar que uma parte significativa das contribuições mais estudadas para a compreensão do habitar, abrangendo desde os usos do espaço, modos de vida e desenho arquitetónico, até às políticas públicas e à produção de conhecimento crítico sobre a experiência habitacional, foi protagonizada por mulheres ao longo da história (Muxí Martínez, 2018, p. 203). A autora menciona vários projetos realizados por mulheres que propõem novas formas de organizar o espaço doméstico, com base na mudança das relações sociais, como, por exemplo: A casa em Utrech de Truus Schröder de 1924, ou o conjunto residencial em Viena, Frauen Werkstadt de Franziska Ullmann (Muxí Martínez, 2018, p. 34) a análise de este último projeto será desenvolvida mais adiante.

A conceção da habitação moderna foi historicamente estabelecida por uma estrutura familiar composta por mãe, pai e filhos, refletindo e, simultaneamente, reforçando valores sociais predominantes. Neste processo, a arquitetura da casa unifamiliar emergiu como um mecanismo normativo de domesticidade, frequentemente pautando-se em premissas ideológicas pouco questionadas. Nesse contexto, a habitação é pensada pragmaticamente, nem demasiado grande, pois o que ocupa não é a representatividade do espaço, mas a sua manutenção, nem demasiado pequena, uma vez que nela deve haver espaço para que cada membro da família leve uma vida autónoma. Assim, observa-se uma tendência crescente para o respeito à individualidade no espaço doméstico (Machado, 2011, p. 52). Como refere Zaida Muxí: “La vivienda es el lugar de la primera

socialización y es también el lugar donde se desarrollan las primeras relaciones entre géneros” (2018, p. 36).

É no contexto doméstico que se desenvolvem as primeiras relações familiares, os vínculos aos estereótipos de género e as formas de organização do tempo, sendo, portanto, um espaço que além de ser funcional é também fortemente simbólico. A habitação longe de ser um cenário neutro, articula relações sociais dinâmicas afetivas e normas culturais que influenciam a vivência dos seus habitantes. Como denota Zaida Muxí a relação entre os géneros, da mesma forma, evidencia uma carga simbólica e estrutural que o espaço doméstico assume nas experiências individuais e coletivas.

Segundo Tim Putnam a casa deve ser considerada um espaço de consenso e construção da vida a dois, a sua organização compreende escolhas estéticas e funcionais que atuam num cenário onde os casais tentam harmonizar as suas diferenças, frequentemente evitando discordâncias para um objetivo em comum. Apesar da modernidade ter trazido a opção de moldar as normas de vida familiar, essas escolhas a maioria das vezes, nunca estão livres de tradições de género e tendem a manifestar-se novamente (Putnam, 1999, p. 148). Putnam distingue dois tipos de transformação, algumas habitações são usadas para atingir o desenvolvimento pessoal, enquanto outras pessoas adaptam o espaço para atividades de convívio, equilibrando o tempo empregue no trabalho (1999, p. 148).

Este raciocínio destaca que a vivência no espaço doméstico não é neutra, sendo influenciada por constantes negociações na família, portanto, a casa deve ser vista como um recurso capaz de evidenciar relações de género e promover novas dinâmicas de equidade. As reflexões de Tim Putnam e de Zaida Muxí ainda que surgiram em contextos diferentes, permanecem relevantes, especialmente nas mudanças recentes, como a fusão entre ambientes privados e profissionais ou a valorização de espaços abertos, como cozinhas integradas. Desta forma, a casa pode ser compreendida como um espaço contraditoriamente de estabilidade e mudança, uma vez que os modelos tradicionais continuam a reaparecer nas interações de mudança, porque emergem novas formas de habitar e viver o quotidiano.

De modo geral, procurava-se uma organização do espaço doméstico que fosse “um organismo vivo em perfeita harmonia com as condições de vida” (Pimenta, 2018, p. 98), pelo que estes compartimentos deviam então estar organizados para responder aos requisitos de bem-estar, de higiene e de conforto para os modos da vida moderna e desta forma, torna-se crucial uma melhor organização do espaço (Pimenta, 2018, p. 98). Como refere M. Ferreira de Mira (ob. 1929): “Passa-se em casa pelo menos metade da vida (...)

isso justifica que dediquemos especial atenção à higiene e os confortos do lar” (cit por. Valentim, 2014, p. 34)

Desta forma, conclui-se que, para além da construção da casa é importante o seu interior, a organização e tecnologias necessárias para o habitante poder viver confortável e seguro. Esta configuração interna assenta sobre uma base tripla, tais como a definição das atividades domésticas, a determinação das áreas necessárias para a sua concretização e a organização das relações espaciais entre essas atividades (Silva, 2013, p. 9). Complementa-se o entendimento das atividades domésticas com a análise das dimensões espaciais requeridas para a sua adequada execução, fornecendo-se assim dados objetivos que fundamentam o processo de conceção arquitetónica. A organização interna da habitação é, nesse sentido, condicionada por tais diretrizes, sendo cada compartimento dimensionado conforme as exigências funcionais específica da atividade que acolhe (Silva, 2013, p. 9).

A arquitetura doméstica é articulada a partir de valores como a privacidade, a convivência e a flexibilidade, comportando-se como um sistema dinâmico que responde ou resiste às transformações socioculturais. Como refere a antropóloga social Shirley Ardener “if space is an ordering principle, so, of course, is gender” (Rendell, Penner, & Borden, 2000, p. 115). A articulação e compartimentação dos espaços são reflexo dessas escolhas de organização, que implicam diferentes modos de habitar. Estes princípios manifestam-se espacialmente, desde a clara separação das zonas íntimas e sociais até à integração de soluções de articulação de espaços. Desta forma, se existe um domínio nas soluções de separação dos espaços, isto pode denotar uma valorização da ordem do controlo interno quanto as interações dos habitantes. Conforme referido por Zaida Muxí a casa tradicional tende a configurar-se como “un sistema anidado de espacios cerrados, cada uno com una puerta” (2018, p. 38), apresentando um padrão de controlo e ordem social, maioritariamente associado ao papel da mulher no domínio do espaço doméstico.

A organização interna da habitação moderna estrutura-se principalmente em torno das relações estabelecidas entre três núcleos funcionais, a cozinha, zona de estar e os quartos, essas relações são determinadas tanto pelas atividades quotidianas como pelas exigências de funcionalidade e intimidade (Pimenta, 2018, p. 100). Os espaços públicos e formais, tais como a zona de estar, sala de refeições, cozinha e quartos de banho dos convidados encontram-se organizados no piso térreo, ou em zonas mais expostas, e o quarto principal, quarto das crianças, quartos de banho e outros espaços íntimos encontram-se localizados em áreas retiradas e resguardadas (Muxí Martinez, 2018, p. 198).

As mudanças com maior importância na organização do espaço doméstico ocorreram na cozinha, marcada pela evolução tecnológica e da forma como as tarefas da habitação eram realizadas de forma mais eficiente, economizando tempo e esforço (Muxí Martínez, 2018, p. 31). A cozinha deste modo, é concebida como um espaço compacto e funcional com áreas de trabalho bem definidas, armários e utensílios específicos, voltada para a produção racional de refeições.

A cozinha, em tempos marginalizada, passa a ser parte ativa da vida doméstica (Muxí Martínez, 2018, p. 207). Este processo culmina na fusão da zona de refeições com a zona de estar, dando origem à sala comum, espaço central da convivência quotidiana. Do percurso entre a cozinha e a sala, surge um espaço que não é exclusivamente um nem outro, mas que têm qualidades de ambos. Trata-se de um espaço de transição onde as atividades culinárias podem ocorrer em paralelo com o cuidado das crianças ou com a convivência familiar. Esta articulação, como refere o arquiteto português Ricardo Costa Agarez, configura um “bloco de vida diurna” (cit por. Pimenta, 2018, p. 101), distinto da área noturna da habitação. Neste contexto, é comum o aparecimento de uma antecâmara que substitui o corredor tradicional e reforça a relação entre os espaços sociais e os íntimos (Pimenta, 2018, p. 101).

A estruturação espacial da casa moderna apresenta-se como uma solução de otimização, na qual as relações entre compartimentos são quase tão constantes quanto o seu conteúdo funcional. A segmentação clara entre funções sociais e íntimas contribui para o bom funcionamento da habitação e permite, frequentemente, a redução das áreas de circulação. A sala, por exemplo, quando assume um papel de transição entre compartimentos, como foi referido anteriormente, funcionando como zona de distribuição interna. Este modelo é recorrente na habitação moderna conferindo maior eficiência ao conjunto organizacional (Silva, 2013, p. 9).

O quarto de dormir, enquanto espaço de resguardo, adquire centralidade com o reforço da noção de intimidade, tradicionalmente reservado ao descanso e à higiene pessoal, o quarto passa a integrar outras funções como o trabalho, o lazer e o estudo refletindo a necessidade de um espaço individualizado. (Muxí Martínez, 2018, p. 213; Pimenta, 2018, p. 102). A introdução do quarto de banho na habitação está intimamente associada às reformas sanitárias do século XX. Este compartimento é integrado no núcleo noturno da casa, geralmente adjacente aos quartos de dormir e conectado por uma antecâmara ou corredor. Essa organização reflete preocupações com a privacidade e com a forma eficiente de estruturar o espaço doméstico (Pimenta, 2018, p. 102).

Nesta correlação entre compartimentos, em que cada espaço responde a uma necessidade e todos se complementam conforme o quotidiano dos habitantes, é importante salientar a forma de como ocorre a integração entre as diversas zonas da habitação, denotando-se uma fragmentação do fogo que se traduz na integração dos espaços de circulação como elementos ativos na composição do ambiente doméstico. Dessa fragmentação emergem diversas linhas de percurso, que vão dar origem a lugares de encontro e pausa, um banco no meio da passagem direcionado para uma janela com vista ao pátio, ou um simples lanço de escadas, onde há instantes encontravam-se crianças sentadas a brincar. Estes gestos espaciais, aparentemente secundários, transformam a circulação em vivência, conferindo ao dia a dia camadas de apropriação, relação e memória, como refere Shirley Ardener, “space defines the people in it. At the same time, however (again reflexively), the presence of individuals in space in turn determines its nature” (Rendell et al., 2000, p. 113).

A arquitetura do espaço doméstico acompanha as transformações da conceção de família, indivíduo e sociedade. Existe uma interação constante entre o habitante e a configuração espacial da casa, permitindo a leitura das mentalidades sociais através das suas formas habitacionais. Assim, as alterações nas tipologias residenciais refletem os diferentes modos de habitar e os valores culturais associados a cada época. A habitação neste contexto, constitui um dos principais meios que orientam e estruturam a vida humana, promovendo o relacionamento entre indivíduos em diversas escalas, da esfera pública à privada. A articulação entre essas dimensões, nomeadamente através dos espaços de transição, é essencial para garantir o equilíbrio das relações humanas e sociais no quotidiano.

Retomando as reflexões do arquiteto Aldo van Eyck que afirma que a arquitetura deve “fazer cada porta acolhedora e dar uma cara a cada janela. Fazer de cada um deles um lugar” (cit por. Pimenta, 2018, p. 33). Seguindo essa linha de raciocínio, é essencial compreender como este conceito pode ser concretizado. Com base nas premissas apreendidas, percebemos que os espaços de transição podem adquirir uma dimensão de tal forma significativa, que acabam por tornar-se elementos representativos dos edifícios que servem (Fig. 10). Num sentido arquitetónico, conceptual ou simbólico, estes espaços dilatam-se (Miranda, 2021, p. 59), reforçando o sentido de “entrar” e marcado por um carácter de transitoriedade. É nesse “entre” na delicada linha entre o interior e o exterior que se inserem os espaços como, *hall*, varandas, pátios, alpendres, escadas,



Fig. 10- Vivências nas janelas, varandas, escadas, corredores, colagem.

Imagem da Autora.

átrios e corredores. Mais do que elementos de articulação funcional, são dispositivos espaciais que filtram presenças, ritmos e atmosferas, lugares onde o interior anuncia-se ao mundo, e o mundo entra subtilmente na intimidade do lar (Fig. 10). Nesta linha, estes espaços tornam-se narrativas de preparação para a realidade seguinte, num mecanismo que consente a passagem, o intercâmbio e o encontro entre indivíduos. Adicionalmente, são estes espaços que além da sua integridade como espaços transitórios, realçam uma coreografia criada pela movimentação do quotidiano (Miranda, 2021, p. 61).

Os espaços de transição, como foi referido, são geralmente vinculados a espaços de passagem como, por exemplo, aos corredores, átrios ou antessalas, são responsáveis por mediar a passagem entre os diversos ambientes que comportam funções diferentes. As configurações destes espaços podem variar conforme a organização espacial das restantes zonas de cada casa. Estes espaços podem estar complementados por outros elementos equitativos, reforçando a separação entre zonas íntimas e sociais. Seja na continuidade do edifício da habitação, ao longo dos espaços de distribuição como galerias, ou no espaço entre a socialização e a intimidade na casa, a arquitetura expressa a notória capacidade de criar lugares para diferentes oportunidades e usos através do desenho. Este ambiente apresenta um valor especial adicionado ao espaço, uma vez que, consegue gerar sentimentos de pertença e integração às pessoas que o percorrem.

O *hall* de entrada constitui um espaço de ambiguidade significativo, articulando vários domínios e escalas do habitar, simultaneamente. É o ponto de transição entre o exterior coletivo e o interior privado e um elemento fundamental na hierarquização dos espaços íntimos e sociais da habitação (Pimenta, 2018, p. 103). A posição do *hall* influencia decisivamente a configuração dos restantes espaços, determinando modos de apropriação e ocupação dos habitantes. Por sua vez, a articulação espacial dos compartimentos molda-se às hierarquias funcionais e simbólicas estabelecidas no projeto, sendo o número de compartimentos diretamente proporcional à complexidade relacional entre eles e à importância dos espaços de transição (Pimenta, 2018, p. 103).

O limite físico da casa, como a parede ou fachada, revela-se dependente da relação que o projeto estabelece com a envolvente. Como é concebido e expressado determina a natureza da conexão entre a arquitetura e a envolvente exterior, esta relação pode refletir-se de forma cordial, imparcial ou como uma rutura completa. Neste âmbito, a parede é entendida como um elemento limite, cuja conceção abrange tanto a sua dimensão conceptual quanto a sua condição material e estrutural (Miranda, 2021, p. 35). Este elemento é fundamental para a transição do espaço interno e externo, prosseguindo uma função que supera a simples separação física e compreende uma lógica de abertura e receção à envolvente (Fig. 11).



11



12

Fig. 11- Espaço intermédio junto a uma habitação, Herman Hertzberger.

Fig. 12- Relação entre dois espaços contíguos.

(Pimenta, 2018, p. 96)

A arquitetura, neste sentido, recorre ao limite como meio de definição do espaço, ocasionando ambientes que se revelam gradualmente. A parede, enquanto componente arquitetônica, regula a correlação entre os domínios públicos e privados, criando uma dinâmica que define as qualidades espaciais de ambos. Esta torna-se num lugar de permuta e articulação entre diferentes domínios. O conceito de limite é, portanto, intrínseco ao pensamento arquitetónico tornando-se central para a definição do lugar, assinalando o ponto de transição entre duas realidades, marcando o fim de uma e início de outra, funcionando como espaço de mediação e de troca (Miranda, 2021, p. 39).

A entrada da casa torna-se um limiar ao representar o espaço de transição entre a rua, a qual é um domínio público, e o interior da casa, sendo um domínio privado. Na continuidade da análise teórica de Herman Hertzberger (1996), observa-se na representação da figura 11 a existência de um espaço de transição à entrada da habitação, marcado por um banco e uma estrutura para dar sombra, indicando um lugar de descanso, um lugar de conversa e convívio. Na obra o autor identifica diversos elementos arquitetónicos que reforçam essa transição, nomeadamente pórticos de entrada, patamares, escadas, palas, nichos, vestíbulos, como já foram mencionados anteriormente⁴. De modo geral, a concretização do limiar enquanto espaço *in-between* promove, como também já foi referido, a oportunidade para a mediação entre mundos adjacentes e permite, simultaneamente, garantir privacidade ao interior do edifício e condições para o relacionamento social.

A janela, que frequentemente é confundida com a fachada, exerce um efeito visual bilateral. Por um lado, permite a exposição do interior ao olhar público, tornando visível uma realidade privada que ao ser revelada desperta reações diversas, questionando normas e preconceitos sociais. Por outro lado, o espaço exterior torna-se um mundo desejado, onde são reveladas as vivências de cada indivíduo. Por conseguinte, a janela ao atuar como um intermediário estabelecendo um equilíbrio entre privacidade e vigilância, entre a exposição ao espaço público e o reconhecimento no espaço privado, torna-se num distintivo da relação entre forma e função, revelando o espaço doméstico como território de identidade pessoal enquanto proporciona uma análise crítica das interações sociais (Ferreira, 2016, p. 75). Além disso, é discutido o potencial do espaço doméstico como um dispositivo de sedução e provocação da curiosidade pública, com base preconceitos socioculturais. Neste âmbito, a janela assume um papel crucial mediando o jogo visual entre interior-exterior. Torna-se, desta forma, uma peça reveladora das novas premissas

⁴ Ver no subcapítulo 1.1

arquitetónicas e sociais, refletindo preocupações contemporâneas com modos de vida e valores emergentes (Ferreira, 2016, p. 71).

No que diz respeito aos espaços de transição anteriormente mencionados e às relações que estes estabelecem com a fragmentação da habitação é possível apresentar múltiplas possibilidades. Propõe-se uma síntese de alguns modos de organizar e hierarquizar o espaço doméstico, relacionando-os com os respetivos espaços de transição daí resultantes. Este enfoque diz respeito ao estabelecimento de uma orientação para a análise dos espaços de transição para os projetos selecionados. A compreensão desta análise é complementada pelas figuras 13, 14 e 15, que ilustram uma representação visual dos conceitos discutidos.

Ao analisar a figura 13 todos os compartimentos confluem em relação ao espaço central organizado a partir de um núcleo único, o qual permite uma maior proximidade entre os diferentes domínios que compõem a habitação. Quando os espaços não se encontram encerrados, torna-se possível antever, ainda que parcialmente, o que ocorre nos diversos ambientes (Fig. 12), promovendo uma certa continuidade visual e funcional. A transição entre estes domínios dá-se de forma direta, podendo, no entanto, ser mediada por dispositivos de encerramento que conferem distinção e privacidade a cada compartimento sempre que necessário.

A articulação entre os diversos espaços é mediada no decorrer de um compartimento longitudinal como demonstrado na figura 14. A extensão deste espaço, o corredor, atua como um mecanismo de distanciamento e individualização, permitindo que os compartimentos adjacentes comportem mais privacidade. Neste modelo, para além da possibilidade de delimitação física através de dispositivos de encerramento, é a própria distância que assume um papel determinante na definição do carácter de mais social ou mais íntimo de cada espaço. Importa sublinhar que nesta organização as áreas de circulação podem integrar-se nos compartimentos ou manter-se autónomas, encerradas ou não, em função do desenho espacial adotado.

O espaço intermédio é previamente ante qualquer contacto com o interior da habitação (Fig. 15). Surge como uma zona de transição que precede e prepara o habitante para o acesso aos compartimentos, funcionando como um elemento de articulação que medeia a relação entre as áreas íntimas e sociais. Tal como nas figuras anteriores, os sistemas de encerramento mantêm um papel essencial na definição do uso e da apropriação dos diferentes espaços, permitindo modular graus de exposição ou recolhimento conforme necessário.

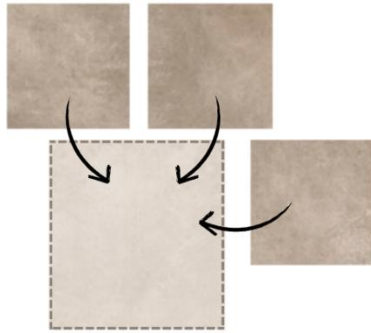


Fig. 13- Sistema de organização 1- Em relação a.
Imagem da Autora

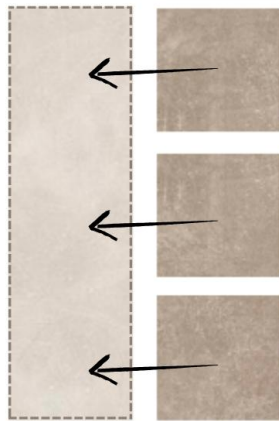


Fig. 14- Sistema de organização 2- No decorrer de.
Imagem da Autora

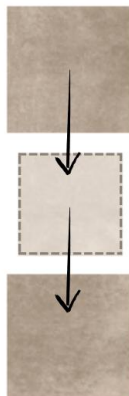


Fig. 15- Sistema de organização 3- Previamente a.
Imagem da Autora

A partir das figuras previamente analisadas seguem-se três exemplos de habitações que ilustram, de forma perceptível e concreta, o modo de como é realizada a configuração da habitação, por sistemas de planta aberta ou fechada, a ocupação do espaço como também a forma dos espaços de transição são concebidos na arquitetura doméstica, espaços que se situam entre as margens, onde o viver se expande, onde o dentro e o fora se tocam com delicadeza.

O primeiro exemplo diz respeito à casa Aalto, concebida por Aino e Alvar Aalto. A participação ativa de Aino Aalto no desenvolvimento do projeto é particularmente significativa. O segundo exemplo é a Verberck House, projetada pelo arquiteto Aldo van Eyck, cuja obra representa uma valiosa contribuição teórica no desenvolvimento do conceito do espaço *in-between*, conforme explorado previamente. O terceiro exemplo é a casa-atelier da arquiteta Inês Lobo. Este projeto assume especial relevância não só pela sua dimensão contemporânea, mas também por ter sido concebido pela arquiteta e para si própria. O primeiro e terceiro exemplos assumem particular relevância por trazerem à luz o papel da mulher enquanto projetista da habitação, questão central no desenvolvimento da presente dissertação.

a. Casa Aalto, Aino e Alvar Aalto

A Casa Aalto projetada por Aino e Alvar Aalto (Fig. 16a e 16b) entre 1935 e 1936 em Helsínquia (Alvar Aalto Foundation, 2017), funcionava como habitação e espaço de trabalho do casal. O edifício atualmente funciona como museu e representa um marco na arquitetura doméstica finlandesa do século XX, combinando funcionalismo moderno com elementos tradicionais e naturais. A casa é organizada em dois blocos principais, um é a parte habitacional com pavimentos de madeira escura, e o outro o atelier com paredes brancas. Este contraste reforça a leitura dual do edifício enquanto espaço doméstico e profissional.

A implantação do projeto procurou privilegiar a luz natural e a relação com o exterior com uma fachada voltada para a rua mais fechada e contida, oferecendo privacidade, enquanto a zona posterior abre-se ao sul em direção ao jardim e aos terraços (Monagas, 2021). Denota-se uma articulação dos diversos espaços com o exterior, permitindo a entrada de luz natural nos recintos, assim como o diálogo funcional que existe entre eles. A entrada principal da casa é marcada por um caminho de ardósia cercado pela vegetação, que atua conector entre o interior e o exterior, criando um limiar sensorial entre a rua e a casa (Fig. 16c). A transição e a diferença de alturas entre a sala de convívio



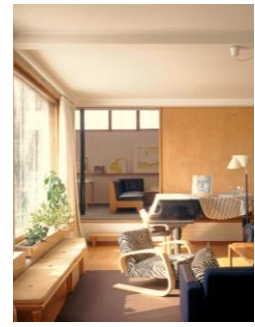
16a



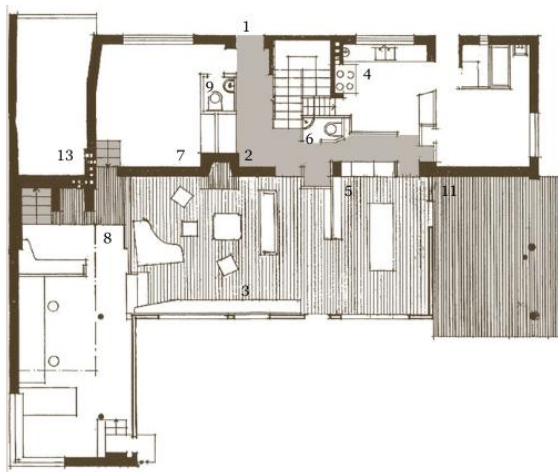
16b



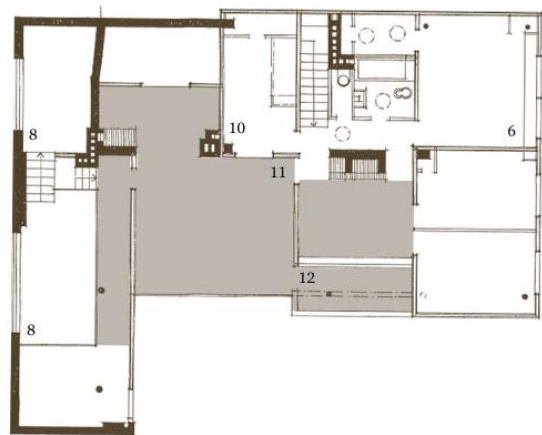
16c



16d



17a



17b

Fig. (16a-16d) - Casa Aalto

Fig. (17a e 17b)- Casa Aalto, planta piso zero e piso 1.

(Alvar Aalto Foundation, 2017)

Imagem da Autora, [Adaptação de imagem, (Archweb, 2007)]

■ Espaços de transição 0 1 5



Legenda:

- 1- Acesso principal; 2- Hall de entrada; 3- Sala de estar; 4- Cozinha; 5- Sala de Jantar; 6- Instalação sanitária; 7- Escritório; 8- Atelier; 9- Quarto de casal; 10- Quarto de convidados; 11- Terraço; 12- Terraço coberto; 13- Garagem.

e o espaço de trabalho é superado pelo posicionamento de um simples banco de madeira, que atua tanto como escada quanto um assento (Fig. 16d), estes detalhes versáteis estão presentes nos diversos ambientes da casa. De acordo com biógrafo de Alvar Aalto, Göran Schildt atribui a Aino o reconhecimento pelo desenho do interior do estudo, assim como o desenhos dos móveis (Janjusevic, 2020). Segundo Schildt os filhos do casal atribuem à Aino a representação da atmosfera presentes na casa (Janjusevic, 2020).

Ao observar a organização da habitação denota-se que os espaços de transição estão organizados “em relação a”⁵ e se revelam através do terraço voltado a sul (Fig. 17a e 17b), que atua como prolongamento da sala de estar, estabelecendo uma forte continuidade entre o espaço habitável e o jardim, atuando como espaço intersticial de lazer e contemplação, adaptável às estações e à luz natural. A divisão entre o atelier e a área habitacional é revelada não apenas por paredes, mas também por diferenças no material usado e na forma como os espaços são organizados. As variações de altura, revestimentos e luz natural, ajudam a distinguir as áreas mais públicas das mais privadas, reforçando a hierarquia do espaço.

b. Verberck House, Aldo van Eyck

A Verberck House (Fig. 18a, 18b e 18c) de Aldo van Eyck está localizada em Venlo, em Países Baixos e começou a ser construída em 1967. Esta obra volta aos princípios básicos do pensamento arquitetónico do arquiteto. O formato exterior da obra comporta uma forma simples e paralelepípedica, mas o interior é mais complexo, articula os espaços com diversos ângulos que dão origem a ambientes diferenciados. A organização em *open-space*, a introdução de direções múltiplas e a articulação entre espaços interiores e exteriores contribuem para uma espacialidade dinâmica que transcende a aparente rigidez da volumetria (Rodrigues, 2015, p. 100).

A organização dos diversos espaços da casa (Fig. 19a e 19b), inserida no sistema de organização um⁶, é realizada em torno de um espaço central que abrange as zonas sociais da habitação, este não se encontra de todo limitado, transmitindo uma sensação de fluidez. Os diversos ambientes como a sala de jantar e a biblioteca inseridas neste espaço central fundem-se com a sala de estar numa configuração de planta aberta. Estes espaços

⁵ Ver figura 13.

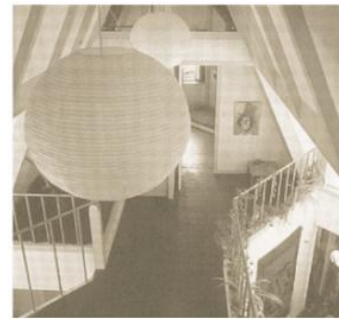
⁶ Ibidem.



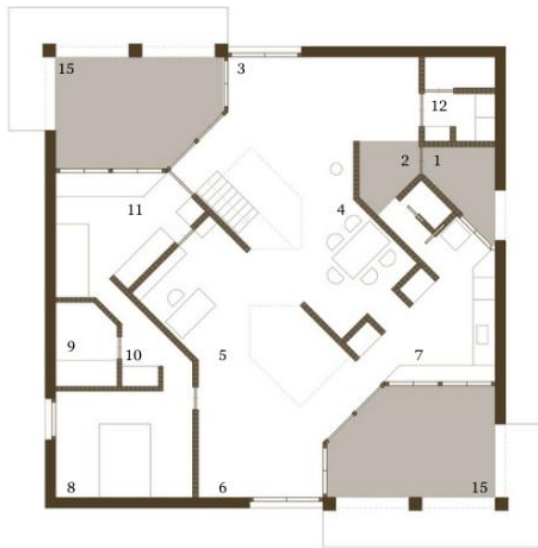
18a



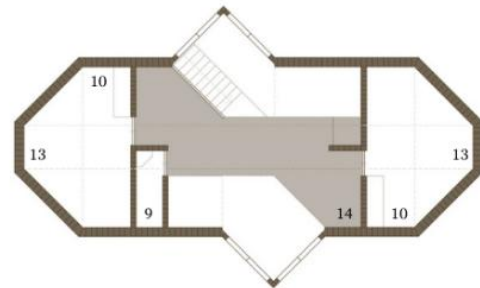
18b



18c



19a



19b

Fig. (18a-18c)- Verberck House, vistas exteriores e interiores.

Fig. (19a e 19b)- Verberck House, planta piso zero e piso 1

(Rodrigues, 2015, p. 100).

Imagem da Autora, [Adaptação de imagem, (Rodrigues, 2015, p. 100)]



Espaços de transição

0 1 5

Legenda:

1- Espaço exterior de entrada; 2- Hall de entrada; 3- Family room; 4- Sala de jantar; 5- Biblioteca; 6- Sala de estar; 7- Cozinha; 8- Quarto de casal; 9- Instalação sanitária; 10- Zona de vestir; 11- Escritório; 12- Arrumos; 13- Quarto de solteiro; 14- Espaço de distribuição; 15- Galerias exteriores.

de convívio comportam um carácter fluido e aberto unindo-se com a cozinha organizada à direita, transmitindo uma relação direta dos espaços sociais com os de serviço.

Os espaços de transição identificados encontram-se representados por estratégias de subtração formal (Fig. 19a e 19b). A forma exterior quadrada e compacta é interrompida por duas subtrações laterais, de geometria pentagonal irregular, colocadas em lados opostos de forma simétrica (Rodrigues, 2015, p. 197). Estas subtrações assumem-se como galerias exteriores cobertas, estas não só estabelecem a transição entre o exterior e o interior, como também contribuem para a organização espacial da casa (Rodrigues, 2015, p. 197). No entanto, a estratégia de subtração não se limita à entrada, abrangendo múltiplas zonas da casa que assumem um papel mediador que antecipa o espaço e a relação entre o mundo exterior e o espaço habitado.

Verifica-se que a entrada também se encontra recuada, ocupando um espaço subtraído que marca a transição da rua ao interior da habitação como representado na figura 19a, este acesso abrange um espaço de apoio, representado como o *hall* de entrada, que orienta ao habitante a percorrer o interior da habitação através dos ângulos que comportam as divisórias. Observa-se que as configurações irregulares dos espaços de transição ajudam na articulação das restantes zonas da casa, bem como permite a relação constante desde diversos pontos da casa com o exterior.

c. Casa atelier, Inês Lobo

A casa atelier da arquiteta Inês Lobo (Fig. 20a, 20b e 20c) está localizada num antigo núcleo urbano da zona oriental de Lisboa, perto do rio Tejo, projetada entre 2016 e 2018. Inserida num contexto urbano diversificado com uma série de ocupações históricas que incluem conventos, palácios, indústria e moradias. A intervenção parte de uma leitura rigorosa do existente, procurando valorizar a estrutura original e as suas potencialidades. Recorrendo a materiais correntes e a técnicas construtivas tradicionais, a casa é articulada como uma resposta contida e racional, mais sensível ao lugar e ao programa (BigMat home of builders, 2021).

A habitação configura mais do que um abrigo, comporta no seu interior um palco de autonomia, é um estúdio de criação (Fig. 21a), um espaço onde o quotidiano e o trabalho coexistem em harmonia. A casa-atelier constitui-se como um exemplo de como os espaços de transição podem mediar usos distintos no interior da esfera doméstica,



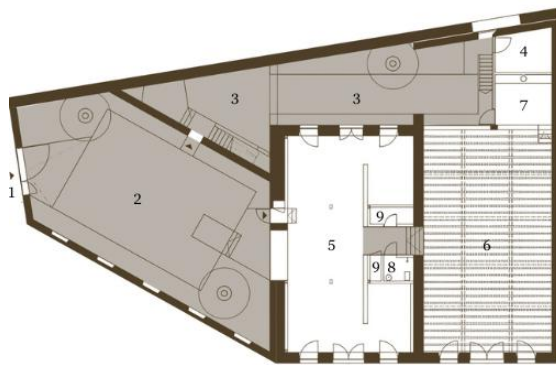
20a



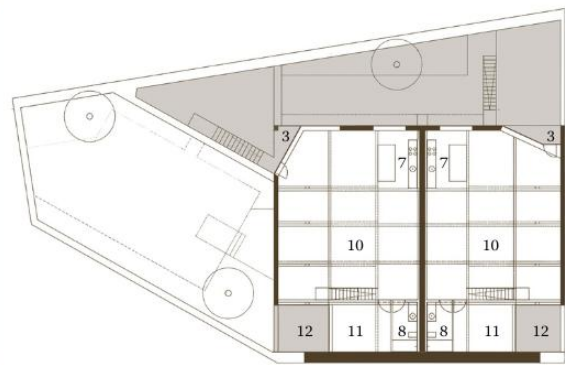
20b



20c



21a



21b

Fig. (20a-20c) - Casa-atelier, vista aos pátios.

Fig. (21a e 21b) - Casa-atelier, planta piso zero e 1.

(Bigmat International, 2021)

Imagem da Autora, [Imagem adaptada de (Bigmat International, 2021)]



Legenda:

- 1- Acesso principal; 2- Entrada do pátio/acesso ao atelier; 3- Acesso à habitação/pátio; 4- Lavanderia; 5- Atelier/Biblioteca/reuniões; 6- Atelier; 7- Cozinha; 8- Instalação sanitária; 9- Arrumos; 10- Sala de estar; 11- Quartos; 12- Pátio.

inserindo-se no exemplo de organização três⁷ representado anteriormente. O espaço privado e o de trabalho encontram-se separados por estas zonas intermédias expressadas em pátios (Fig. 20b e 20c), pátios com cobertura, atribuídos a antecâmaras de conexão, circulações amplas, diferenciadas mediante à orientação do percurso, seja a habitação ou o atelier. Constata-se, como na obra anterior, uma subtração lateral simétrica que representa a entrada das duas habitações (Fig. 21b), assim como, uma subtração nas esquinas inferiores de cada habitação representando os pátios. Estes espaços não apenas asseguram a fluidez funcional, como permitem o controlo da luz e da privacidade. Verifica-se uma atenção significativa das áreas externas e da forma como interagem com o espaço interno, permitindo uma permeabilidade desde diferentes pontos da habitação. A arquiteta desenhou estes percursos que marcam transições subtis e ritmadas, articulando mais do que funções, construindo atmosferas entre o recolhimento e a exposição, entre o gesto e o pensamento.

Nesta investigação, conclui-se que ao analisar a configuração do espaço doméstico e articulação com os espaços de transição, observa-se que estes modelos possam atuar em complementaridade. Estes espaços funcionam tanto como interligações entre diferentes usos como gradientes de intimidade; como, por exemplo, na Casa Aalto e na Verberck House criam um espaço onde as visitas são recebidas sem concederem visibilidade ao restante da habitação por escolha, uma vez que comportam paredes com ângulos que orientam a visão do visitante, ao contrário do que acontece na Casa atelier de Inês Lobo, uma vez que o convidado é submergido num percorrer de espaços exteriores, entre pátios e ambientes com diversas características de acolhimento, e ao entrar na habitação a visita consegue ter um ângulo de visão de toda a configuração da habitação.

Esta articulação entre o domínio público e o privado são abordadas conforme a organização espacial de cada habitação. Se os espaços de transição são fundamentais na arquitetura doméstica, entre a convivência e recolhimento, surgem questões sobre o habitar o espaço, como por exemplo, a forma entre a relação das dinâmicas de género e habitar o espaço tornando essas experiências mais equitativas? estas questões levantadas serão aprofundadas no subcapítulo seguinte.

⁷ Ver figura 15



*Fig. 22- A vivência feminina no lar,
colagem.*

Imagem da Autora

1.3| Género e espaço doméstico

Neste subcapítulo tenciono articular a perspetiva de género com a vivência dos espaços de transição no contexto doméstico, analisando a forma como se relacionam estes espaços com as práticas sociais afetivas e efetivas marcadas por assimetrias de poder. Parto do pressuposto que o espaço doméstico não é neutro, mas sim uma construção de significados moldados pelas relações sociais. As mulheres têm estado envolvidas de diversas formas, como menciona Zaida Muxí Martínez na obra *Mujeres, casas y ciudades (2018)* que, além de evidenciar o papel feminino na arquitetura, procuram introduzir uma nova perspetiva como o espaço é experienciado e interpretado a partir das relações de género. Como Jane Rendell, Barbara Penner e Lain Borden na obra *Gender Space Architecture (2000)* destacam que a arquitetura não é organizada apenas por volumes como também relações sociais. Estas obras serão utilizadas como ponto de partida para o desenvolvimento deste subcapítulo.

Compreender a habitação exige situá-la no seu contexto, social, político e cultural, atendendo às formas de construção, representação, apreciação e apropriação. Neste sentido, partindo das mudanças nos debates teóricos, históricos e críticos, especialmente no estudo do género, compreender o espaço, incluindo o espaço doméstico, em relação ao género continua a pedir uma urgente contextualização e constante debate (Antunes, 2015, p. 3). Como refere Zaida Muxí (2018, p. 31): “El espacio no es neutro y por lo tanto la manera en que se divide, se articula y se jerarquiza influye directamente en el desarrollo de las relaciones y las personas que lo habitan”.

Desta forma, é fundamental compreender que a habitação não se limita à conceção de um abrigo, exige um pensamento mais aprofundado sobre as relações de género que existem no espaço. A relação entre o corpo e o género, constitui um campo de estudo multifacetado, que investiga a forma como os espaços são projetados e vivenciados de forma diferente por homens e mulheres. A arquitetura que é predominantemente praticada, moldou a construção dos espaços muitas vezes sem considerar as necessidades específicas das mulheres, refletindo uma visão do mundo centrada no masculino.

Tendo a casa como ponto de partida, como menciona Zaida Muxí (2018, p. 17): “Distintas experiencias tanto desde los roles de género como desde los cuerpos sexuados diferentes” ou seja, o espaço e o género estão interligados e a vivência do espaço depende dos papéis de género e de quem o habita. O espaço doméstico, como referido por Leslie Weisman, foi considerado o domínio da mulher (2000, p. 2), o que se traduziu na organização e

desenho das zonas como a cozinha, lavandarias ou áreas de cuidado infantil, incorporando uma divisão espacial baseada em papéis de género (Carvalho, 2023, p. 64). Como também refere o arquiteto americano-canadense Witold Rybcznski (n. 1943-) no livro *Home: A Short History of an Idea* (1986, p. 70): “The house had become the place for another kind of work- specialized domestic work – women’s work”.

A análise crítica da forma como os espaços privados são concebidos reflete uma desigualdade de uso no que se refere ao feminino e masculino, como refere Leslie Weisman (Rendell et al., 2000, p. 2):

A homemaker has no inviolable space of her own. She is attached to spaces of service. She is a hostess in the living room, a cook in the kitchen, a mother in the children’s room, a lover in the bedroom, a chauffeur in the garage.

Compreender estas reflexões, tanto de Witold Rybcznski como de Leslie Weisman, implica reconhecer que a casa longe de ser um espaço de resguardo, foi historicamente configurada como um cenário de funções sociais e que o género influencia diretamente a perceção, o uso e a experiência do espaço, assim como o inverso também se verifica, constata-se que a organização da habitação é um espelho de configuração social, atribuindo a cada espaço uma tarefa que a mulher tem de realizar. Desta forma, é exigido uma abordagem projetual que tenha em conta essa diversidade.

Apesar das transformações sociais e da integração da mulher no mercado de trabalho, elas continuam a ser as principais responsáveis pelas tarefas do lar, mesmo quando possuem uma jornada de trabalho equivalente ou superior à dos homens fora de casa. Além do trabalho doméstico, como limpar, cozinhar e cuidar dos filhos, recai sobre elas uma carga mental doméstica, como a organização, a antecipação das necessidades e a organização da rotina familiar. Este tipo de trabalho, por muitas vezes invisível, é um fator crucial na sobrecarga física e emocional enfrentada por muitas mulheres.

Quando a mulher passa a exercer uma atividade profissional remunerada, a mulher começa a questionar-se sobre a necessidade de partilha efetiva das tarefas domésticas, uma vez que ambos trabalham fora de casa durante longas horas e contribuem da mesma forma para o sustento da família (Machado, 2011, p. 33). Com a acumulação de funções, trabalho, cuidado dos filhos, gestão da casa e apoio ao parceiro, a condição torna-se cada vez mais difícil e desgastante.

Esse cenário é reflexo do passado, uma vez que, como citado por Susete Machado (2011, p. 40) antes de 1974, a mulher portuguesa era socialmente incentivada a “estar em casa, ter filhos e organizar a casa”, reproduzindo uma cultura patriarcal em que o espaço doméstico era considerado naturalmente feminino. Essa sucessão cultural contribuiu para

que mesmo quando as mulheres possuíam uma profissão, como no caso da arquitetura, lhes fosse atribuída uma ligação “mais sensível há modelação funcional do espaço” (Machado, 2011, p. 41) reforçando estereótipos de género.

Dentro dessa lógica, a experiência do espaço doméstico sob a perspectiva de género revela que cada pessoa tem uma vivência única e que esta se funde com o corpo e as emoções dos seus ocupantes. Zaida Muxí chama a atenção para a necessidade de desvelar as premissas patriarcais do discurso arquitetónico e abrir espaços para as novas formas de pensar e habitar (2018, p. 31). O espaço privado, apesar de ser visto como um lugar seguro, ainda representa para muitas mulheres um lugar de limitação e sobrecarga, como refere a autora (2018, p. 32): “La casa continúa siendo el lugar de ocio y descanso para algunos al tiempo que para la mayoría de las mujeres es un lugar más de trabajo.”

Embora, a participação masculina nas tarefas doméstica tenha crescido nos últimos tempos, ela ainda é frequentemente titulada como “ajuda” e não como responsabilidade partilhada. Essa visão reflete uma estrutura patriarcal que ainda se mantém em muitos lares, reforçada por padrões culturais e educacionais que naturalizam o cuidado como uma característica feminina. Essa realidade torna-se ainda mais complexa quando o espaço doméstico abriga um espaço de trabalho, uma vez que enfrentam mais interrupções e é maior a dificuldade para estabelecer limites entre tempo de produção e o tempo de descanso. A perceção social e familiar de que a mulher continua sendo “disponível” no lar permanece. Enquanto os homens quando trabalham em casa, muitas vezes têm o seu tempo e espaço de trabalho mais respeitados. É importante salientar que essas desigualdades não se restringem à divisão de tarefas, mas afetam também a autonomia, o tempo livre e a saúde mental das mulheres. A falta de equidade dentro de casa limita o seu desenvolvimento pessoal e profissional, perpetuando ciclos de desigualdade que impactam toda a sociedade.

Com base nesta análise do espaço doméstico como um ambiente influenciado por relações de poder com base nos estereótipos de género, torna-se fundamental considerar os espaços de transição como acesso principal, varandas, pátios, passagens, entre outros, atuam como limites entre o espaço privado e o público. Dentro dessa perspectiva é de salientar que os espaços de transição atuam como um articulador do espaço doméstico e por sua vez refletem relações de género.

Como se referiu anteriormente, os espaços de transição proporcionam um lugar de convívio de interação entre as pessoas, onde a vida urbana decorre e se relaciona com o edificado adjacente. Constituindo vínculos formais entre os modos de habitar o espaço, as atividades do indivíduo e os edifícios. Neste sentido, o piso térreo apresenta-se como

o principal articulador entre o domínio público e o privado, tornando-se a porta num espaço de transição que dependendo da sua conceção pode resguardar ou não. Se voltamos às reflexões de Van Eyck a porta comporta dimensões mínimas para fazer uma divisão apropriada entre o público o privado, são 5cm que nos dividem ao meio e passar abruptamente entre um domínio e outro. Esta porta teria de dilatar-se para poder tornar-se apropriado, como, por exemplo, uma porta inserida num muro de pedra ou que tenha algum vão profundo capaz de resguardar a uma pessoa da chuva (Fig. 23a), esse espaço pode ser denominado de entre, uma vez que não pertence nem à casa, nem à rua. Esta simultaneidade transmite aos indivíduos um sentimento de divisão de duas zonas com características diferentes, gerando diversas vivências (Fig. 23a, 23b, 23c).

Ao entrar na habitação o elemento da porta encontra-se associado a um espaço designado de *hall*. A professora de sociologia e antropologia Céline Rosselin-Bareille menciona que o *hall* “is defined as an adjacent space to the entrance door; beyond this zone, the visitor is no longer in the hall and is already in another area, either an intermediary zone or a proper room, usually the living room” (Rosselin-Bareille, 1999, p. 54). Tornando-se numa zona intermediária que protege a privacidade do habitante, mas acolhe ao visitante, este espaço pronuncia-se como um separador da zona social e a zona íntima. A necessidade deste espaço é ilustrada pela presença de armários ou tapetes à porta de uma habitação, configurando um “imaginary hall” (Rosselin-Bareille, 1999, p. 54) que marca a chegada de uma pessoa. A existência de um tapete que permite limpar os pés evitando entrar a sujidade da rua para o espaço interno, preservando as características ambientais do espaço privado.

No que se refere à vivência destes ambientes difere entre os géneros masculino e feminino: frequentemente, são encarados como espaços que definem a divisão entre o espaço público e o privado ou como lugares que onde se acumulam mais tarefas domésticas, sendo estas, na sua maioria, atribuídas à mulher. O *hall* representado nas pinturas de Pieter de Hooch⁸ (Fig. 24) (Cieraad, 1999, p. 24) apresenta uma janela que representa um espaço interior e outro por trás da janela, o exterior, uma intimidade do espaço privado em relação com o público, uma transição suave entre estes dois domínios. A pintura apresenta um palco de relações e vivências domésticas, de formas de habitar, da forma como o homem e a mulher vivem o espaço, a pintura ilustra uma mulher sentada junto à janela, prestes a ler uma carta, espetadora do espaço exterior e ao cuidado da criança. Este espaço é vivenciado como o *hall* onde recebe as visitas e se acumulam os sapatos, mochilas e sacolas, tornando-se numa zona

⁸ Pintura analisada no subcapítulo titulado de Espaços de transição.



23a



23b



23c



24

Fig. (23a-23c)- As diversas atividades junto a porta.

(Trofimenko, 2019, p. 19)

Fig. 24- Pintura de Pieter de Hooch.

(de Miguel, 2015, p. 82)

de controlo, para além do cuidado das crianças que se encontram atrás da janela, num espaço de mais trabalho doméstico.

O corredor é o espaço resultante da configuração da habitação, este espaço além de muitas vezes ser reduzido e sem janelas, acumula muita poeira. Este espaço é vivenciado, pela pessoa encarregue da casa, como um espaço que gera cansaço, desmotivante, uma vez que é um espaço que conduz à lavandaria, levar a roupa para lavar, buscar objetos para os filhos. Estes ambientes poderiam suscitar outro tipo de vivência se é melhorado a qualidade do espaço, tornando o corredor mais espaçoso e com relação com o exterior, aumentando o dinamismo e convivência interna. Ou em vez de um corredor, uma articulação de espaços que para ir até um ambiente específico precisas percorrer por diversas vivências que surgem das divisões (Fig. 25). De forma sucinta estes espaços devem ser entendidos como prolongações da zona de convívio, fomentando o encontro entre os habitantes. Assim como este espaço de transição, a escada é lida como um conjunto onde os filhos deixaram alguma peça de roupa, ou que conecta com o quarto das crianças ou à cozinha. Uma escada larga com um patamar maior pode suscitar a utilização da mesma como bancos informais ou uma prateleira (Fig. 26).

Os espaços exteriores dentro da habitação, como pátios e varandas, além de cuidar das plantas, limpar o chão ou pintar a guarda, oferecem lugar à conversa entre os vizinhos – “as suas plantas são muito bonitas” –, sendo indispensável para a comunicação surgir. Para que este tipo de vivências possa aparecer é necessário que a configuração da habitação seja desenhada de forma que as atividades realizadas no interior possam ser permeáveis ao exterior, por exemplo, um pátio voltado à rua com muros baixos, tornando-se a entrada num espaço intermédio. Esta zona de transição suscita aos moradores terem um maior contacto com o espaço exterior, permitindo à participação das possíveis atividades que decorram.

A escolha do mobiliário para a habitação é igual de importante como a forma de configurar a casa, como refere Rybcznski: “As every homemaker knows, the less furniture there is, the easier it is to keep a room clean” (1986, p. 64). Essa reflexão advém da organização interna da habitação francesa e holandesa. Nos interiores franceses, os móveis eram para impressionar a visita e não para serem usados, em contraposição, na habitação holandesa, os mobiliários destinavam-se ao uso privado em vez do entretenimento e à socialização (Rybczynski, 1986, p. 63). Este tipo de organização tornava o espaço, nos olhos masculinos, um espaço para ser admirado, enquanto para a mulher tornava-se num espaço para limpar, enquanto mais mobiliário a casa tivesse mais trabalho teria, uma vez que “it was the wife, not her husband, who insisted



25



26

Fig. 25- Casa de Aldo e Hannie van Eyck. O corredor como um articulador de espaços.

Fig. 26- Casa de Aldo e Hannie van Eyck. Mais do que escadas.

(González, 2018)

on cleanliness and tidiness, not the least because it was she who had to do the cleaning” (Rybczynski, 1986, p. 74).

Os homens quando não estão diretamente envolvidos nas rotinas de cuidado, esses mesmos espaços podem ser percebidos como neutros, de passagem, sem função emocional ou simbólica relevante, uma vez que ao estarem menos envolvidos nas responsabilidades domésticas, não as relacionam com atividades de cuidado ou de manutenção. Contudo, esses mesmos espaços predominantemente utilizados pelas mulheres, evidenciam a continuidade de uma divisão de gênero no uso e percepção do espaço doméstico. Os espaços identificados como varandas, corredores largos ou escadas internas, quando apropriados como locais de descanso ou contemplação, podem ser menos acedidos pelas mulheres se houver uma sobrecarga de trabalho e pouco tempo livre. Geralmente, estes espaços não são projetados para oferecer conforto, apenas para conectar ambientes. Isso afeta especialmente a quem realiza o trabalho doméstico em casa, que por norma é a mulher, quando acumula tarefas e precisa de transitar com objetos pesados, crianças, roupas, sacolas, entre outros. Pensar nestes espaços na ergonomia e fluidez dentro de casa é raramente projetado sob um olhar feminino.

Estes ambientes que se fazem chamar espaços de transição são normalmente associados às rotinas domésticas, que recaem maioritariamente sobre as mulheres. A sua vivência é predominantemente funcional, pois cada passagem por estes espaços está associada a tarefas concretas. Longe de serem neutros, estes espaços refletem e reforçam o trabalho invisível do cuidado, transformando-se em extensões físicas da carga mental e emocional que define o cotidiano feminino no espaço doméstico. No entanto, estas ocorrências são manifestas devido à configuração que comportam; no momento de projeção, estas áreas são predominantemente projetadas para esse tipo de usos e não para acolher outras formas de vivência como o lazer, a contemplação ou a sociabilidade. Dessa forma, acaba por reforçar um sistema em que a casa é entendida a partir da lógica do trabalho doméstico e dos papéis associados.

As vivências destes espaços de transição revelam inquietações, uma vez que podem ser percebidos como áreas de restrição, acentuando a divisão entre o domínio público e privado. Essa separação tem sido um tema central nas discussões feministas, uma vez que marca historicamente a distribuição de papéis entre homens e mulheres. No entanto, o fato das mulheres estarem encarregues ao espaço privado não implica autonomia, dado que como refere Amorós “están bajo un sistema patriarcal que se establece tanto en lo público como en lo privado” (cit por. Narciso, 2024, p. 332). Desta forma, essa dualidade não apenas organiza os espaços, como também sustenta uma opressão estrutural que afeta a vivência feminina. Contudo, ao abordar esta ideia no que se refere a disciplinas

como arquitetura e urbanismo, muitas vezes ocorre uma naturalização das opressões espacialmente existentes. A perspectiva de gênero é frequentemente usada de forma teórica, beneficiando projetos discursivos sem, no entanto, confrontar o problema entre a divisão entre o domínio público e privado. Essa abordagem resulta em práticas que sustentam a ilusão de neutralidade do espaço, enquanto, na realidade, continuam a perpetuar lógicas sexistas (Narciso, 2024, pp. 332 e 337). Neste contexto, os espaços de transição desempenham um papel significativo na produção e reprodução das relações de gênero, projetados como áreas funcionais entre interior e exterior, que acabam por destacar a fragilidade da linha que separa o público do privado, como refere Narciso: “El hecho es que la mujer en ambos espacios sufre un estado de opresión estructural” (2024, p. 332). Neste cenário, é possível perceber que os espaços de transição revelam tanto oportunidades para novas vivências, quanto perpetuam desigualdades. A varanda que oferece uma visão da rua sem que “saia de casa”, o pátio onde se cruzam o trabalho doméstico e a sociabilidade, ou o *hall* de entrada que regula o acesso entre o domínio público e privado, estes exemplos expõem como a arquitetura materializa esta dicotomia. Ao considerar estes espaços, torna-se evidente que a arquitetura doméstica não é limitada a organizar funções, como também influencia comportamentos, percepções e interações sociais. A arquitetura, portanto, deve ser entendida como uma ferramenta de transformação social capaz de responder às aspirações contemporâneas de liberdade, equidade e justiça. Espaços que garantem uma sensibilidade de gênero podem desvincular as barreiras entre o corpo neutro e a construção, tornando-se em extensões das emoções e dos desejos humanos. Esta abordagem promove a premissa de uma arquitetura sensibilizada, que aprimora a interação entre o indivíduo e o espaço, resultando em lugares que são reflexo das relações humanas. Como refere Lima (2023, p. 38):

As mulheres frequentemente buscam espaços que atendam a suas necessidades específicas, como segurança, conforto e funcionalidade. Isso inclui a criação de ambientes que considerem a dinâmica familiar, a acessibilidade e a flexibilidade, permitindo que as mulheres equilibrem suas responsabilidades profissionais e pessoais.

A presença feminina nos processos de projeto arquitetônico é essencial, pois salientam essas demandas e promove a criação de espaços que não apenas acolhem, mas também alentam as usuárias. Projetar a partir da experiência feminina implica numa abordagem mais completa e sensível às diversas realidades que elas enfrentam. Arquitetas e urbanistas estão cada vez mais comprometidas em ouvir as vozes femininas e traduzir essas vivências em formas espaciais (Lima, 2023, p. 38). Desta forma, reforça a

importância de envolver as mulheres no processo de projeto e desenvolvimento dos espaços que habitam: “Las mujeres deberían estar involucradas en la planificación y diseño de viviendas, debido a que las viviendas son diseñadas y construidas por hombres mientras que son las mujeres las que trabajan en ellas” (cit por. Muxí Martínez, 2018, p. 204). Garantindo que as suas vozes sejam ouvidas, permitindo que elas contribuam diretamente com os projetos e que vejam as suas necessidades atendidas.

A interseção entre género e arquitetura é, portanto, uma questão multifacetada e requer uma abordagem crítica e completa. Isso envolve questionar práticas arquitetónicas tradicionais, muitas vezes baseadas numa visão masculina do mundo, e integrar perspetivas mais diversas e inclusivas na projeção arquitetónica atual. Tal desconstrução implica reavaliar os pressupostos subjacentes às normas projetuais que historicamente refletiram e perpetuaram uma visão masculina do mundo construído. Uma criação de espaços verdadeiramente inclusivos, sensíveis às necessidades, exige uma atenção cuidadosa a fatores como a segurança, acessibilidade, privacidade e a funcionalidade dos espaços, garantindo que todos os indivíduos possam usufruir do ambiente construído de forma justa. Para tal, impõem-se uma análise crítica dos padrões vigentes de projeto e construção, bem como uma reflexão sobre as possibilidades de alteração desses padrões com vista à promoção de igualdade.

Visando consolidar a reflexão em torno da vivência da mulher no espaço doméstico e da forma como interage com os espaços de transição, foram selecionados dois exemplos, inseridos em contextos europeus, um conjunto residencial em Viena e uma cooperativa habitacional no Reino Unido. Ambos os projetos revelam abordagens espaciais e sociais que contribuem para repensar as dinâmicas tradicionais do habitar, sobretudo no que diz respeito à distribuição de responsabilidades no interior da casa e à conciliação entre vida doméstica e profissional.

a. Frauen-werk-stadt I, Franziska Ullmann

Franziska Ullmann nasceu no ano 1950 é natural de Baden bei Wien, Áustria, formou-se em arquitetura pela Universidade de Tecnologia de Viena, em 1975. A sua trajetória profissional abrange um vasto conjunto de interesses e atuações, desde o projeto arquitetónico até à educação, o urbanismo a defesa dos direitos das mulheres e a teorização sobre o espaço arquitetónico, o que demonstra um compromisso com a interseção entre teoria e prática, além de uma profunda reflexão sobre o papel da arquitetura na sociedade. Entre as suas obras mais reconhecidas é relevante analisar o

conjunto residencial Margarete Schütte-Lihotzky, para o qual desenvolveu o plano urbano e um dos blocos residenciais (Moisset, 2015).

O projeto Frauen-werk-stadt I (Fig. 27a, 27b e 27c) resulta de um concurso promovido em 1997 pela Oficina da Mulher de Viena, sob a direção de Eva Kail. O concurso estava exclusivamente aberto a arquitetas, como resposta à ausência histórica de mulheres em concursos públicos e na produção arquitetônica da cidade. As vencedoras foram Franziska Ullmann, autora do plano urbano, com Elsa Prochazka, Gisela Podreka e Liselotte Peretti, responsáveis por diferentes blocos habitacionais (Moisset, 2015) (Fig. 28a). As premissas do concurso eram dirigidas para que as habitações fossem pensadas por e para mulheres, o que teve implicações diretas na legislação urbanística. A normativa em vigor não permitia a integração de outros usos em terrenos destinados à habitação, mas o projeto exigia precisamente essa diversidade funcional. Sem espaços de apoio à vida quotidiana é impossível conceber habitação de forma equitativa para as mulheres, que continuam, em larga maioria, a assumir responsabilidades de cuidado doméstico e interpessoal, mesmo estando também inserida no mercado de trabalho. Assim, foi possível incluir no projeto uma creche, um posto de saúde, uma esquadra policial e espaços comerciais, reconhecendo a importância da proximidade funcional na vida urbana (Moisset, 2015).

Os espaços de transição (Fig. 28b) estão presentes no conjunto habitacional para organizar-se em torno de espaços abertos articulados por um eixo de acesso público. Cada um dos quatro blocos apresenta características próprias em tipologia, linguagem e tecnologia, mas permanece em diálogo com os restantes, compondo uma unidade coesa. Os espaços exteriores (Fig. 27a e 27b), públicos e comunitários, foram desenhados com especial atenção para crianças e adolescentes, e o espaço verde, que atravessa o quarteirão e reduz os percursos pedonais, permanece aberto ao público, constituindo uma significativa contribuição urbana.

As varandas (Fig. 27c) facilitam a vigilância das crianças que brincam no jardim, este espaço permite aos moradores levar objetos como mesas e cadeiras garantindo estadias mais prolongadas no espaço público e, conseqüentemente, suscitando ao convívio entre os vizinhos. Estes ambientes são espaços de transição, uma vez que permitem a relação entre o jardim e o interior das habitações. A relação entre a varanda e o pátio permite que exista sempre um vínculo entre o habitante e o exterior, permitindo-lhe ter visão ao pátio e as atividades que lá decorrem, estimulando aos residentes a interagir e participar das mesmas.

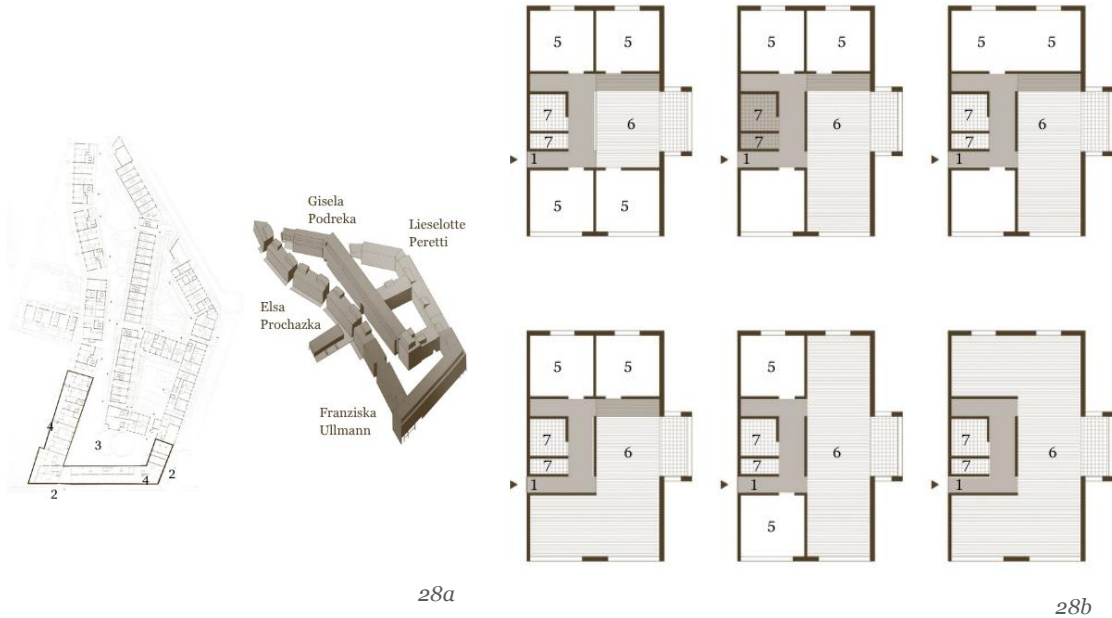


Fig. (27a-27c)- Conjunto residencial, vistas exteriores e interiores.

(Guimarães, 2021, p. 37; Palit, 2019)

Fig. (28a e 28b)- Conjunto residencial, plantas tipo.

Imagem da Autora, [Adaptação de imagem

(Basabe & Palacios, 2020)]

Legenda:

■ Espaços de transição

0 1 5

1- Acesso principal; 2- Acesso de veículos; 3- Jardim central; 4- Galerias; 5- Quartos; 6- Sala de estar/cozinha; 7- Instalação sanitária.

As zonas de circulação, acessos comuns, galerias, áreas intermédias, assumem importância estratégica tanto a nível de escala urbana como na doméstica. Estas zonas funcionam como conexões entre o público e privado, fomentando encontros casuais e segurança através da visibilidade mútua. As habitações foram concebidas a partir de princípios de igualdade de género, com especial atenção à flexibilidade espacial para a adaptação a diferentes fases da vida e configurações familiares, amplas áreas de armazenamento, cozinhas coletivas e ligação visual direta ao espaço exterior. A organização espacial privilegia a visibilidade, a relação entre vizinhos e a segurança através do desenho e integração comunitária, sem comprometer a privacidade individual (Moisset, 2015; Guimarães, 2021, p. 39).

b. Older Women's Co-Housing

O segundo exemplo analisado diz respeito ao projeto habitacional Older Women's Co-Housing (Fig. 29a), constitui um exemplo pioneiro de habitação, localizado no norte de Londres. Trata-se da primeira comunidade cooperativa no Reino Unido exclusivamente concebida e gerida por mulheres com mais de 50 anos. Inaugurado em 2016, o conjunto habitacional é composto por 25 apartamentos de diferentes tipologias, integrados numa estrutura desenhada para promover autonomia individual, o apoio mútuo e a coesão social. Mais do que um empreendimento residencial, este projeto representa uma resposta arquitetónica e social a uma realidade demográfica notoriamente feminina, a solidão no envelhecimento. Numa sociedade onde 70% das pessoas idosas que vivem sozinhas são mulheres, esta iniciativa afirma-se como uma alternativa inclusiva, onde a vivência comunitária e a participação ativa nas decisões quotidianas substituem a lógica de assistencialismo e institucionalizada da habitação sénior convencional (Chivers, 2025).

Do ponto de vista arquitetónico o projeto, desenvolvido pelo atelier Pollard Thomas Edwards, resultou de um processo de conceção colaborativo entre a equipa técnica e o grupo de futuras residentes. A proposta traduziu um conjunto de valores e necessidades partilhadas, habitações sustentáveis, independentes, com áreas comuns generosas que fomentassem a convivência, e uma relação harmoniosa com o contexto urbano envolvente (Chivers, 2025).

No que diz respeito aos espaços de transição (Fig. 30a e 30b) presentes na habitação, temos o átrio de entrada, que articula o acesso à zona residencial e aos espaços comuns, funcionando como ponto de receção e zona de encontro espontâneo. Esta entrada é



29a



29b



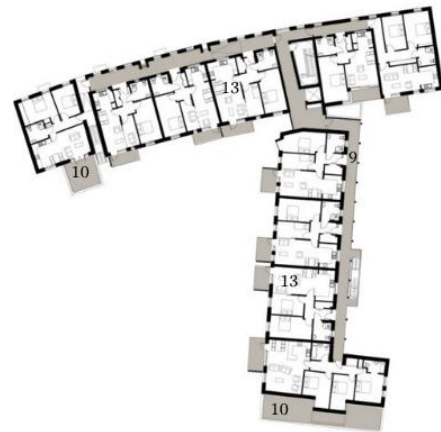
29c



29d



30a



30b

Fig. (29a-29d)- Co-Housing, vistas exteriores e interiores.

Fig. (30a e 30b)- Co-Housing, planta tipo.

(Chivers, 2025)

Imagem da Autora, [Adaptação da imagem (Chivers, 2025)]



Legenda:

1- Acesso principal; 2- Acesso de veículos; 3- Casa comum; 4- Jardim central; 5- Jardim de cultivo; 6- Parking; 7- Lavandaria; 8- Jardim de lavandaria; 9- Galerias; 10- Terraço; 11- Loja de Scooters; 12- Loja de bicicletas e secagem ao ar livre; 13- Apartamentos.

concebida como espaço semiprivado, desenhado com uma casa de banho com luz natural, acesso com vista ao jardim e bancos de descanso. Assim como as circulações internas amplas e iluminadas, foi pensado para acolher corpos envelhecidos, promovendo uma sensação de abertura, acolhimento e conforto. As circulações internas que ligam as habitações e aos espaços partilhados e que, por meio de varandas, janelas ou recantos com vegetação, estabelecem uma transição subtil entre o privado e o coletivo. O jardim central (Fig. 29a) concebido como o coração simbólico da comunidade, serve de elo entre os vários edifícios e funções. É um espaço de encontro, contemplação e cuidado partilhado, onde o tempo e a natureza marcam o ritmo da vida comum. As varandas generosas e os *brise-soleils*, que medeiam a relação entre interior e exterior, proporcionando sombra, privacidade e controlo climático, enquanto mantêm a transparência visual e a comunidade entre o espaço habitado e os jardins.

As varandas (Fig. 29b), jardins partilhados e zonas de entrada amplas possibilitam o contacto visual, a conversa ocasional e o cuidado mútuo, experiências que muitas mulheres idosas valorizam como formas de segurança emocional e pertença comunitária. Estes espaços de transição são frequentemente usados para cuidar das plantas (Fig. 29c), acolher visitas ou simplesmente observar, transformando o ato de estar “entre” num gesto de habitar. Estes espaços de transição foram tratados com atenção à escala, à luz natural, à textura dos materiais e à sensação de acolhimento. A presença de bancos, coberturas, sombra e vegetação torna as zonas apropriáveis e confortáveis para corpos diversos e para ritmos de vida mais lentos ou flexíveis.

A análise que se segue aplica as ideias-chave abordadas aos exemplos selecionados, com o objetivo de evidenciar de que forma os espaços intermédios influem os modos de uso e vivência do espaço doméstico sob uma perspectiva de género. Para tal, estabelecem-se como critérios de análise: a organização espacial, a posição dos compartimentos relativamente à entrada, a relação física entre compartimentos, a sequência espacial, a ocupação do espaço e os dispositivos que garantem privacidade e/ou sociabilidade. Estes exemplos demonstram como a arquitetura pode ser instrumento de transformação social quando escuta, interpreta e integra experiências femininas, frequentemente silenciadas ou ignoradas no urbanismo tradicional. Ao privilegiar a participação, o cuidado, a diversidade funcional e a qualidade dos espaços de transição, os seus projetos mostram que a perspectiva de género não se traduz apenas na representação simbólica, mas nas práticas espaciais quotidianas, na forma como se vive, se circula, encontra e cuida.

Para que a igualdade de género esteja presente na vivência da casa e da família, é necessário um esforço coletivo que compreenda mudanças na educação das crianças, valorização do trabalho doméstico, transformação das mentalidades e o incentivo a

práticas arquitetônicas mais equitativas. Romper com a dualidade entre atividades e espaços masculinos e femininos é uma tarefa urgente e fundamental para a construção de uma sociedade mais equitativa, onde o espaço seja um reflexo diversificado das experiências humanas.

Nesse sentido, o desenho arquitetônico deve procurar projetar espaços com fluidez espacial que vão além da funcionalidade, promovendo percursos que incorporem visibilidade, conforto, autonomia e zonas de pausa, onde o tempo parece diluir-se e a casa respira. Esta abordagem permite facilitar as práticas de cuidado no cotidiano doméstico sem reforçar estereótipos que atribuem exclusivamente à mulher essa responsabilidade. Simultaneamente, é essencial desconstruir hierarquias espaciais que historicamente associam a circulação feminina aos trabalhos invisíveis do lar, abrindo caminho para uma vivência mais equitativa e inclusiva no interior da habitação.

2| Espaços de transição nas casas próprias de duas arquitetas portuguesas

Uma vez elaborada uma leitura sobre a interligação entre os espaços de transição, a habitação e o corpo, o presente estudo aprofunda a análise destas relações mediante o estudo de exemplos concretos. O objetivo principal é dar resposta às questões levantadas na primeira parte do trabalho, focando-se no protagonismo que os espaços de transição assumem na compreensão das relações de género no contexto habitacional. A premissa central é a do papel da mulher como participante ativa no processo de projeção, e a sua influência da configuração do espaço doméstico. Desta forma, as análises destes exemplos selecionados pretendem mostrar as múltiplas maneiras de como estas abordagens se concretizam em arquitetura. O estudo do tema do género é realizado através da análise dos espaços de transição em cada projeto, estabelecendo uma conexão direta com os três temas fundamentais abordados na primeira parte do trabalho.

Na medida em que a dissertação coloca à tónica a vivência dos espaços pelos habitantes e na forma como as relações de género manifestam-se no projeto, a pesquisa integra as pré-existências culturais e circunstâncias históricas e temporais, critérios essenciais para contextualizar as obras. Partindo desse enquadramento, a análise visa ser clara na sua articulação com a primeira parte da dissertação, com o critério determinante na capacidade de resposta dos exemplos selecionados à relação dos espaços de transição-género. A análise é orientada ao estudo formal, espacial e simbólico dos espaços de transição que em cada projeto se revelam representativos das temáticas centrais da dissertação. Assim, a análise inicia com uma pesquisa centrada em arquitetas portuguesas que tivessem projetado as suas próprias habitações em território nacional. Como complemento e para aprofundar a compreensão dos projetos, procedeu-se à realização de entrevistas e uma análise das trajetórias profissionais das arquitetas envolvidas.

A análise que se segue procura compreender como a presença e o papel ativo das mulheres no processo de conceção influenciam a arquitetura doméstica. São analisadas não apenas obras em que as mulheres foram as autoras principais, mas também projetos pensados e concebidos especificamente para elas. O objetivo é demonstrar como tais perspetivas podem resultar na criação de ambientes mais flexíveis e acolhedores. A investigação pretende dialogar com os exemplos analisados anteriormente e estabelecer uma articulação com o estudo de casos, reforçando a reflexão sobre como a arquitetura centrada nas mulheres pode constituir uma força transformadora, redefinindo como concebemos e habitamos os espaços.

2.1| As arquitetas e os trajetos que as moldam



Fig. 31- As arquitetas e os trajetos que as moldam, colagem.

Imagem da Autora

2.1.1 | Desirée Pedro

A arquiteta Desirée Pedro (Fig. 32) nasceu em Moçambique, em 1970, e tem criado uma trajetória única na arquitetura contemporânea em Portugal, caracterizada por uma sensibilidade artística e interdisciplinar acentuada. A sua participação no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), desde 1987, evidencia esse interesse inicial que se tornaria num fundamento essencial para o seu desenvolvimento futuro, estabelecendo uma relação inerente entre a pintura e o desenho arquitetónico (Pinheiro, 2018, p. 169).

Em 1996, finalizou o curso de arquitetura na Universidade do Porto (FAUP). A escolha pela arquitetura surgiu após um período de consideração, sendo confirmada uma vez que inicia os estágios em ateliers renomeados em Coimbra, especialmente sob a orientação dos arquitetos José António Bandeirinha, João Mendes Ribeiro, José Bernardo Távora e Fernando Távora. Esta formação académica possibilitou-lhe desenvolver uma abordagem de projeto fundamentada na precisão técnica e no desenho como instrumento de análise e investigação espacial (Pinheiro, 2018, p. 169).

A sua trajetória profissional foi marcada por uma oportunidade significativa que aconteceu durante a licenciatura, em 1994, com a realização do projeto para o Centro de Arte Contemporânea de Coimbra em colaboração com o arquiteto Carlos Antunes. Este trabalho não apenas deu início a uma colaboração profissional de longo prazo, como também reforçou a sua conexão com o domínio das artes visuais, um aspeto que passaria a definir a sua produção arquitetónica (Pinheiro, 2018, p. 171).

Em 1996, Desirée Pedro com Carlos Antunes fundaram o Atelier do Corvo, em Miranda do Corvo, como resposta a um pedido para um novo loteamento urbano. Embora o plano inicial não tenha sido realizado, esta fase indicou o começo de uma trajetória profissional constante, mesmo enfrentando dificuldades económicas que a levaram a lecionar no ensino secundário entre 1997 e 2000 (Pinheiro, 2018, p. 171). A relação com o ensino superior iniciou-se em 2008, quando começou como docente de Projeto no curso de Design de Interiores na Escola Superior de Artes e Design de Matosinhos, tendo-se consolidado, a partir de 2013, no Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, como assistente convidada. A conciliação da prática de projeto com a vertente pedagógica representa um pilar essencial da sua carreira, numa dinâmica de influência mútua entre a reflexão teórica e a aplicação prática (Pinheiro, 2018, p. 173).

O Atelier do Corvo é uma obra que abriga também a casa da arquiteta, do seu marido e dos seus dois filhos. Este atelier tem-se vindo a desenvolver com reconhecimento tanto



*Fig. 32. Arquiteta Desirée Pedro.
Imagem da entrevista realizada*

nacional quanto internacional, integrando áreas como a reabilitação de património, habitações unifamiliares, obras públicas e cenografia. A participação regular em concursos internacionais e a presença em publicações especializadas confirmam o reconhecimento de seu trabalho, destacando-se a conceção da sua Casa-atelier como um exemplo da vinculação entre a vida pessoal e a atividade profissional (Pinheiro, 2018, p. 173).

A arquiteta reconhece o fenómeno histórico de invisibilização das mulheres na arquitetura, mas salienta não o ter experienciado de forma direta no seu percurso profissional pois sempre teve o cuidado de garantir a sua presença nos processos em que efetivamente intervém, recusando tanto protagonismos injustificados como marginalizações. Na estrutura organizativa do atelier identifica-se uma diferenciação funcional baseada em competências específicas: a arquiteta revela particular aptidão e entusiasmo no âmbito do desenvolvimento programático e da organização espacial, enquanto Carlos Antunes demonstra maior enfoque nas relações volumétricas e formais. Esta distribuição de funções emerge naturalmente de complementaridades profissionais e afinidades intelectuais, não apresentando correlação evidente com fatores de género.

2.1.2 | Ana Cunha

Ana Isabel Aranda e Cunha (Fig. 33) nasceu no dia 13 de dezembro de 1961, em Nova Lisboa, hoje conhecida como Huambo, em Angola, numa família de origem portuguesa que residia na então colónia ultramarina. Em 1974, deslocou-se para o território continental de Portugal, estabelecendo-se em Condeixa-a-Nova, no distrito de Coimbra, sob a responsabilidade da sua família (Neto, 2024, p. 34).

O seu percurso académico iniciou-se no Colégio Ateniense de Coimbra, instituição onde aprofundou as suas competências artísticas nas áreas de música e piano. Concluiu o ensino secundário em 1989 e em 1993, matriculou-se na Escola de Tecnologias Artísticas de Coimbra (ARCA-ETAC). Já era mãe dos seus dois filhos, Francisca e João, ao concluir a licenciatura em arquitetura em 1998. Durante o período académico adquiriu experiência como docente, lecionando Educação Visual e Tecnologia em estabelecimentos de ensino básico (Neto, 2024, pp. 36, 38). Antes da sua formação superior frequentou um curso de desenho técnico voltado para a construção civil na cidade do Porto, o que permitiu o ingresso em gabinetes de arquitetura em Coimbra. Foi colaboradora da PLARQ, Estudos de Arquitetura e Urbanismo, onde teve participação em diversos projetos, destacando o seu interesse pela reabilitação de edifícios antigos com valor arquitetónico (Neto, 2024, p. 37).

Em 1998, integrou a Associação de Desenvolvimento de Góis e da Beira Serra (ADIBER), contribuindo para iniciativas relacionadas ao programa LEADER e participando do restauro da igreja Matriz de Góis, além da adaptação de um solar para a Casa do Artista. Neste período, desenvolveu uma maior sensibilidade sobre o desenvolvimento territorial que envolveu a participação comunitária, reforçando o seu interesse pela reabilitação do património construído. Em simultâneo, entre 1999 e 2000, coordenou o Gabinete Técnico Local (GTL) de Arganil dentro do Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas (PRAUD), onde elaborou planos detalhados, planos estratégicos de intervenção e planos de aldeia em áreas montanhosas (Neto, 2024, p. 39).

Em 2001, trabalhou junto à Associação Pinus Verde no Fundão, onde definiu a rede de Lojas e a Loja Móvel Aldeias do Xisto, além do projeto Património do Xisto, em colaboração com o Museu de Roros, na Noruega. Desde 2003, ocupa o cargo de coordenadora do Departamento de Ordenamento da ADXTUR, Associação de Desenvolvimento Sustentável das Aldeias do Xisto, atuando como um ponto de referência para a valorização do território e do património rural (Neto, 2024, p. 43).



*Fig. 33. Arquiteta Ana Cunha.
Imagem da entrevista realizada*

Também, em 2003, passou a coordenar o GTL Freguesias Tradicionais do Fundão e, em 2006, assumiu a liderança da Divisão de Desenvolvimento e Ordenamento do Território (DIVDOT) da Câmara Municipal do Fundão, onde implementou planos estratégicos, propostas de financiamento comunitário e iniciativas de reabilitação urbana (Neto, 2024, p. 45). Desde 2011 dirige a divisão de Ordenamento, Planeamento e Qualidade de Vida (DOPQV), envolvendo-se em estudos, projetos arquitetónicos e acompanhamento de reabilitação urbana, visando aprimorar o espaço público e melhorar a qualidade de vida (Neto, 2024, p. 47).

Enquanto profissional autónomo, em 2019, desenvolveu a “Casa da Ana”⁹ em Castelo Novo, no Fundão, reabilitando uma habitação tradicional e conjugando contemporaneidade e valorização do património vernacular. Atualmente dirige uma equipa pluridisciplinar da DOPQV, com ênfase na reabilitação arquitetónica e no planeamento sustentável do território. Define-se como arquiteta dedicada, empenhada e sensível, para quem o êxito de um projeto se mede pelo cumprimento da sua função e pela satisfação dos utilizadores, bem como pelo contributo para a qualidade urbana e de vida (Neto, 2024, p. 52).

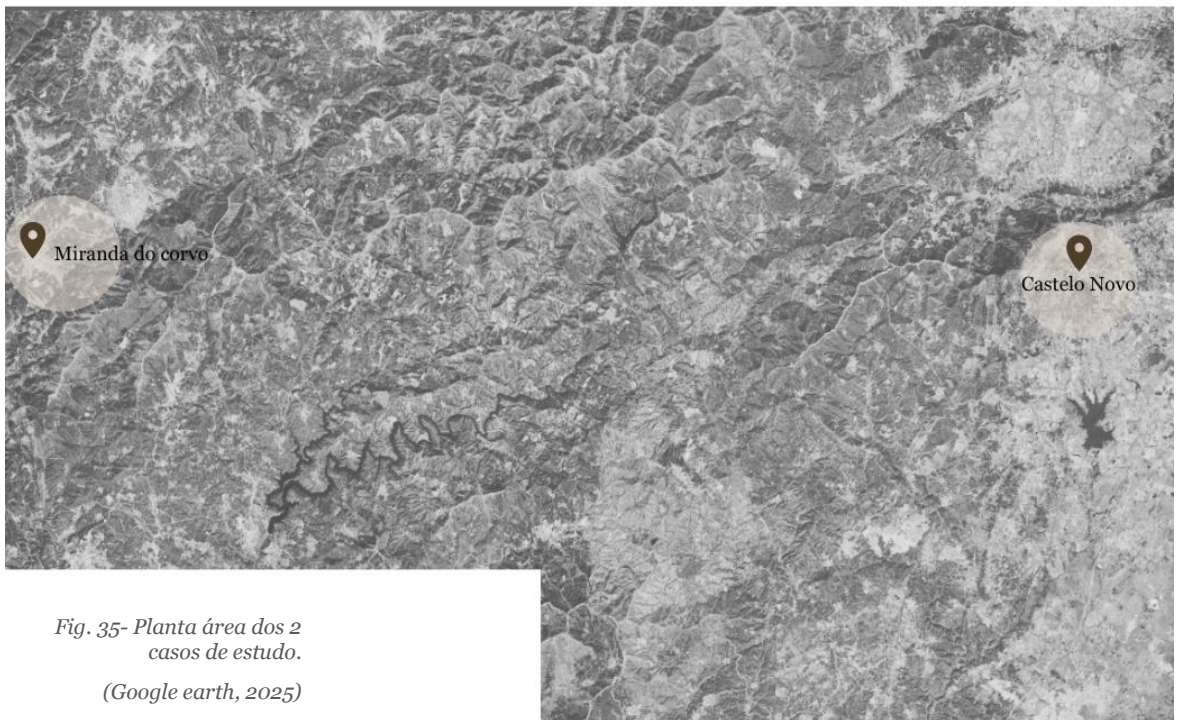
⁹ Nome dado pela arquiteta Ana Cunha ao projeto da sua habitação.

2.2| As arquitetas e as suas casas: Um diálogo com o espaço doméstico

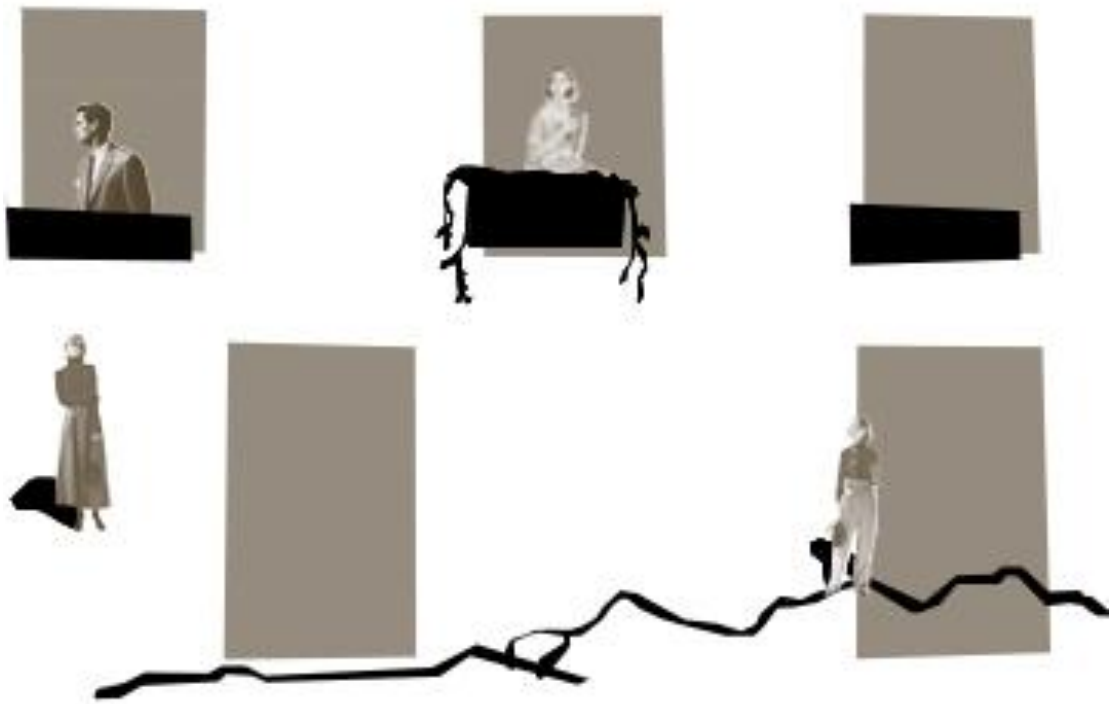


*Fig. 34. Entre elas e as casas,
colagem.*

Imagem da Autora



*Fig. 35- Planta área dos 2
casos de estudo.
(Google earth, 2025)*



*Fig. 36- Casa-atelier,
colagem.*

Imagem da Autora

2.2.1| Casa-atelier

A relação entre gênero e espaço exige uma análise crítica dos modelos convencionais, sendo necessária a transição de uma arquitetura rígida e hierárquica para uma prática que seja fluida, adaptativa e inclusiva. Nesse contexto, as mulheres não ocupam apenas o espaço, mas também desempenham um papel ativo na concepção do seu próprio espaço. Um exemplo disso é a Casa Atelier (Fig. 37b e 37c), um projeto desenvolvido pela arquiteta Desirée Pedro e pelo seu marido e sócio, Carlos Antunes. Em obra desde 1996 e concluído em 2014, este projeto será desenvolvido ao longo deste subcapítulo.

Situada num entorno rural e histórico (Fig. 37a), a casa-atelier representa um entendimento que muda conforme o contexto, sendo orgânica e em constante mudança. O conceito central da habitação é marcado pela fluidez, a adaptabilidade e a contínua experimentação. A arquiteta descreve o projeto como um “laboratório” em construção contínua que permite testar sistemas espaciais e construtivos que não são possíveis noutras obras. Este carácter experimental está profundamente articulado à liberdade de projetar para si própria, sem as restrições impostas por um projeto convencional.

A casa-atelier não é resultado de um plano tradicional, pelo contrário, surge da materialização de um processo evolutivo que decorreu ao longo de vinte anos, moldado conforme as necessidades, oportunidades e desejos de uso de quem a habita. O edifício original era composto por três habitações unifamiliares independentes (Fig. 38), que foram a ser gradualmente transformadas por meio de sucessivas intervenções de integração, demolição seletiva e requalificação. Estas intervenções foram realizadas a partir de desenhos parciais e esquemáticos, concebidos mais como orientações internas do que como projetos técnicos completos, uma abordagem necessária, uma vez que, os construtores locais não estavam familiarizados com a linguagem técnica da geometria descritiva de Monge.

Em termos gerais, o espaço de entrada destaca-se como o principal objeto de análise, atuando como um elemento fundamental da narrativa do projeto, marcado por características de transição, oposição e encontro. A vivência espacial revela a importância do espaço de transição, entendido como um lugar simultaneamente público e privado, que exerce uma influência significativa na relação entre a habitação e a envolvente, este eixo principal é o que origina cada uma das linhas de circulação dentro da habitação.

A configuração espacial da residência está estruturada em dois níveis. No que se refere ao andar superior, espaço que abriga a área habitacional, encontra-se dividido por zonas,



37a



37b



37c



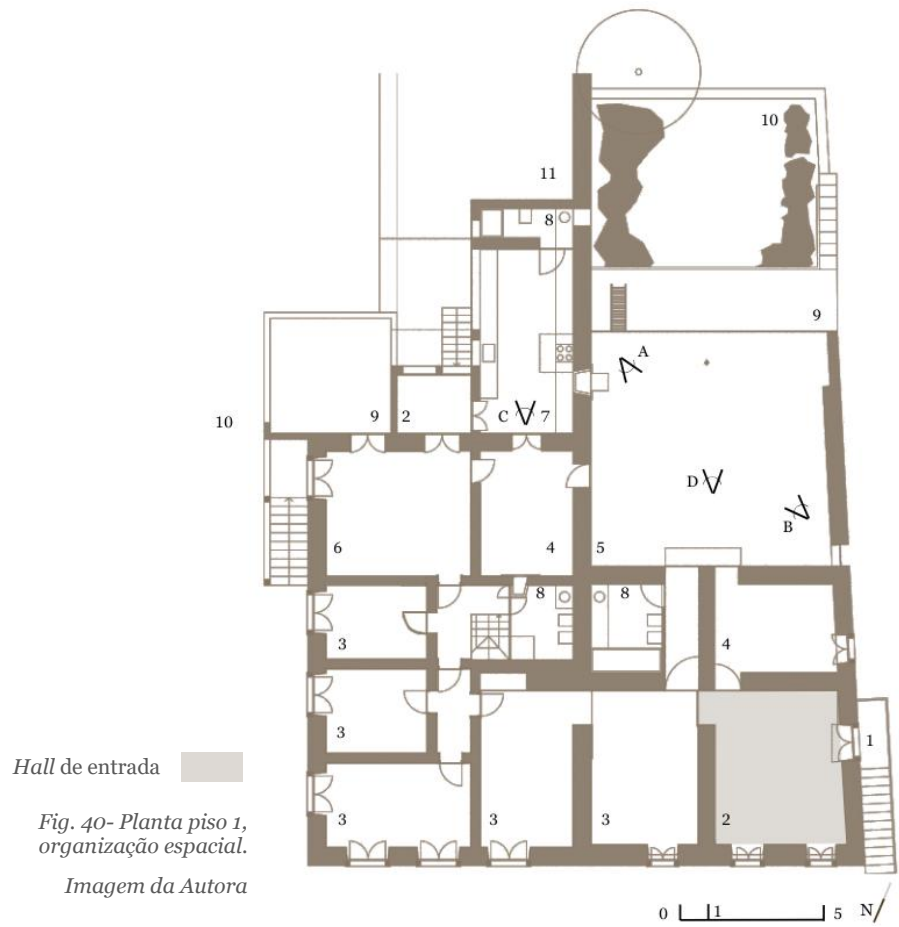
Fig. (37a-37c)- Casa-atelier.

(Pedro Ferraz, 2020)

Fig. 38- Esquemas, 3 habitações.

Fig. 39- Piso 1, zoneamento.

Imagem da Autora



Legenda:

1- Acesso principal; 2- Hall de entrada; 3- Quartos; 4- Biblioteca; 5- Sala de estar; 6- Salas; 7- Cozinha; 8- Instalação sanitária; 9- Varanda; 10- Jardim; 11- Pátio.



41 (A)



41 (B)



41 (C)



41 (D)

Fig. 41- Espaços: A (Sala de refeições), B (Sala de estar), C (Relação com o exterior) e D (Cozinha).

(Pedro Ferraz, 2020)

sendo elas: a zona privada, a de serviço e a social (Fig. 39). A organização do espaço desenvolve-se a partir do acesso principal a seguir o *hall* de entrada (Fig. 40) que atua como centro de distribuição. A partir desta área central irradiam as ligações para o resto dos ambientes (Fig. 42), como representado do sistema de organização um¹⁰, incluindo os quartos, diversas salas que funcionam como antecâmaras e biblioteca, uma sala de estar, áreas de transição, a cozinha, uma varanda com acesso ao terraço superior e outra de apoio a uma das salas e as instalações sanitárias (Fig. 40 e 41). Este piso (Fig. 42) é caracterizado por apresentar uma série de salas interligadas, com funções específicas que não estão rigidamente definidas, alinhando-se ao sistema de organização três¹¹, o que proporciona usos flexíveis que podem adaptar-se às novas necessidades que vão surgir ao longo do tempo. Entre os espaços destinados ao estar e às zonas de transição, o sistema de circulação foi projetado para criar percursos contínuos e orgânicos, alternando de maneira natural momentos de passagem rápida e áreas que convidam à permanência e um uso mais prolongado.

O núcleo original, situado na parte nascente do conjunto, apresentava uma organização funcional bem definida, mas estabelecia uma relação limitada com a luz solar e com o jardim circundante. A aquisição progressiva das habitações adjacentes possibilitou a reorientação dos principais espaços de convivência para um melhor aproveitamento destes elementos naturais (Fig. 43). As estruturas anexas, que originalmente consistiam em compartimentos pouco salubres e sem qualidades espaciais relevantes, foram alvo de intervenções, criaram-se passagens internas, estabeleceu-se um percurso de circulação fluido e contínuo, e destruíram-se as barreiras visuais que fragmentavam os espaços. Um exemplo disso é na sala principal, onde existiu uma intervenção particularmente significativa que consistiu na substituição integral das lajes de cobertura e de pavimento, complementada pela demolição estratégica de uma parede divisória (Fig. 43). Estas obras resultaram na criação de um espaço único, amplo e luminoso que se abre generosamente para a paisagem da serra e para o jardim, ao qual se acede diretamente por meio de uma varanda espaçosa.

O piso térreo (Fig. 44) foi parcialmente rebaixado para criar uma relação mais próxima com o exterior e uma altura mais confortável, visto que este espaço acolhe as funções relacionadas com o atelier. O ponto de acesso (Fig. 46a) encontra-se representado como um grande espaço que está inserido “previamente a”, denotando-se a presença do sistema de organização três. Neste piso, estão organizados diversos espaços, nomeadamente salas de trabalho, salas de reuniões, casa das máquinas, ginásio, uma

¹⁰ Ver figura 13.

¹¹ Ver figura 15.

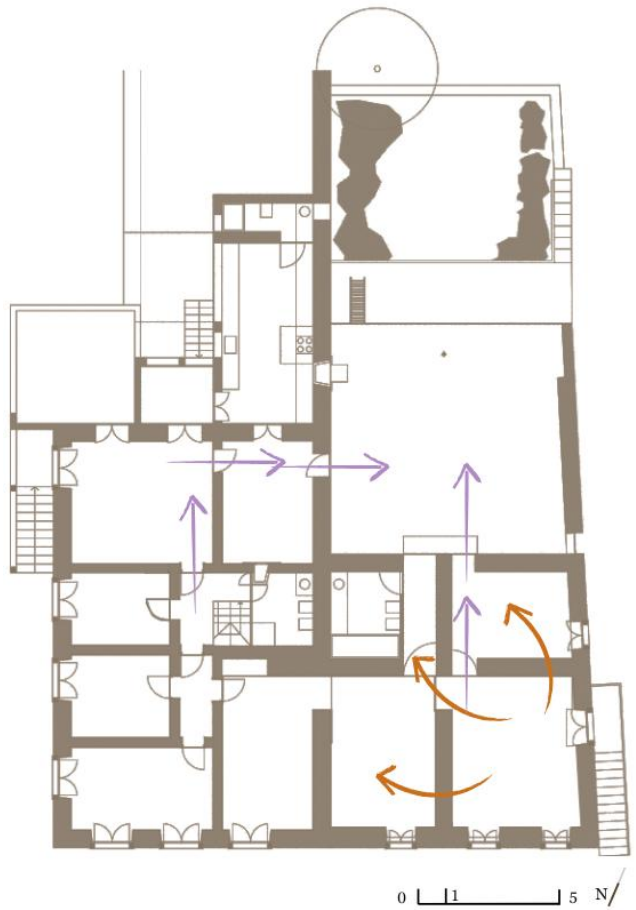


Fig. 42- Sistemas de organização.
Imagem da Autora

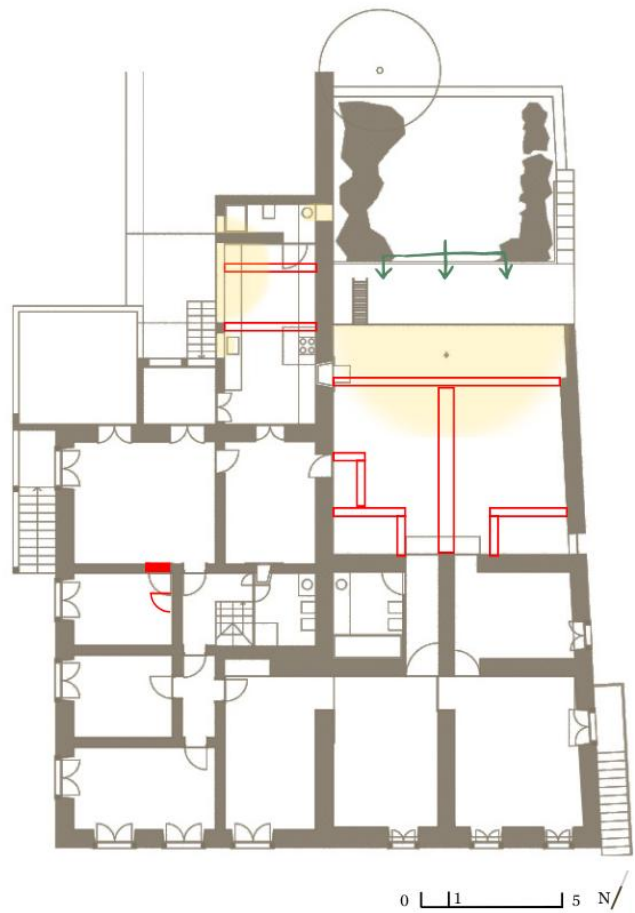
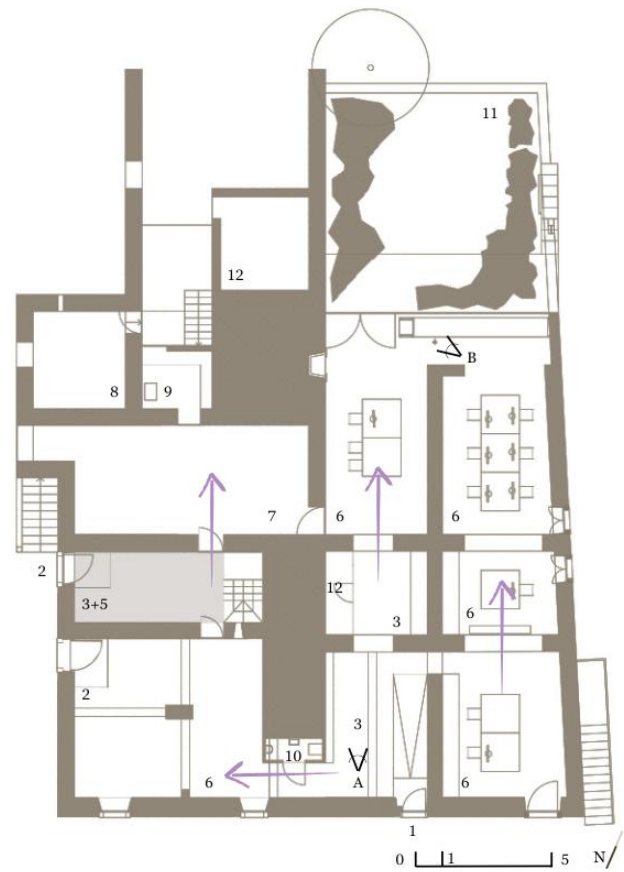


Fig. 43- Planta piso 1, alterações
Imagem da Autora





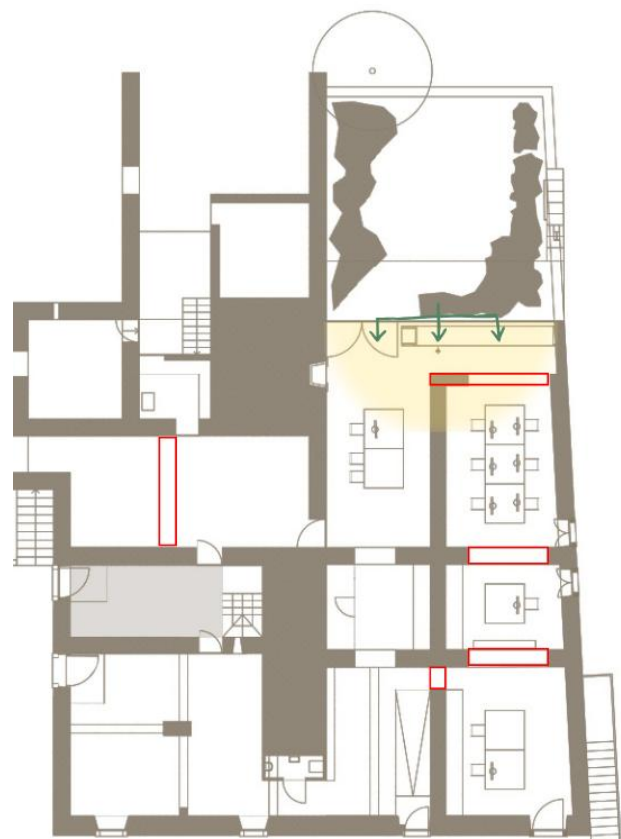
Hall de entrada 
 Sistema 3 

Fig. 44- Planta piso térreo,
 organização espacial

Imagem da Autora

Legenda:

- 1- Acesso principal do atelier; 2- Entrada secundária; 3- Biblioteca; 5- Sala de reuniões; 6- Sala de Trabalho; 7- Ginásio;
- 8- Casa das máquinas; 9- Sauna; 10- Instalação sanitária; 11- Jardim; 12- Arrumos.





Relação com o jardim 
 Parede antiga 

Fig. 45- Planta piso térreo, al-
 terações

Imagem da Autora

biblioteca para estudo e consulta, além de outras áreas de trabalho mais informais e instalações sanitárias (Fig. 44). Neste nível a relação com o exterior foi particularmente cuidada, com a ampliação estratégica dos vãos orientados a sul que permite a entrada generosa de luz natural e estabelece uma continuidade visual e espacial com as áreas ajardinadas que rodeiam o edifício (Fig. 45 e 46b). Na extremidade do lote situa-se a oficina, um espaço único desenvolvido a partir das paredes em ruína de um antigo anexo agrícola que já existia no local. Esta área destaca-se pela peculiaridade de divisão dos espaços, uma vez que entre a oficina e o atelier foi posicionada uma mesa de trabalho que funciona simultaneamente como um lugar de produção e como um elemento de articulação entre estes dois ambientes (Fig. 46c), formando um espaço de transição exterior.

A arquiteta apresenta um interesse particular por “coisas que não estão fechadas, que não estão numa definição”, revelando uma abordagem orgânica ao espaço influenciada pelas artes visuais, nomeadamente pela pintura e pela intuição sensível. Tal como Aldo van Eyck defendia, o espaço não deve ser concebido como um vazio funcional, mas sim como uma sucessão de lugares de transição, capazes de medir escalas, relações e tempos. A casa não é organizada segundo uma grelha moderna nem por compartimentos fechados, pelo contrário, permite o surgimento de zonas ambíguas, de transição, que fogem à função estrita e oferecem lugar ao imprevisto e à apropriação. Neste sentido, a casa em análise reflete a ideia de um espaço *entre*, onde as salas não são atravessadas bruscamente de um ambiente para outro, mas onde anteriormente é percorrido uma zona de transição, que nas palavras da própria arquiteta, “faz uma pausa entre o espaço que deixámos e aquele que vamos entrar” (Fig. 47a e 47b).

Estas zonas de transição, que tanto podem ser salas de estar como passagens, varandas, ou antecâmaras, surgem de forma natural e frequentemente indefinida, sem uma função pré-estabelecida, resultantes de uma construção orgânica do projeto ao longo do tempo. Estas representam o que Herman Hertzberger (1996) denomina como espaços com potencial de apropriação, lugares que sugerem usos, mas não os impõem, resistindo à rigidez do programa e adaptando-se à vida. A arquiteta valoriza esta ambiguidade funcional, afirmando que “agrada-me não saber exatamente para que as coisas servem”. Tal fluidez espacial permite usos simultâneos e alternantes, moldados pela estação do ano, pela necessidade do momento ou pelo simples acaso do quotidiano, em que é a arquitetura que se adapta à vida quotidiana e não o contrário. As transições entre os espaços interiores e entre o interior e o exterior da habitação são marcadas ou resolvidas com extrema delicadeza, muitas vezes recorrendo a uma mesa, como no caso da oficina



46 (A)



46 (B)



46 (C)



47a- Planta piso térreo



47b- Planta piso 1

Espaços de transição 

Fig. 46- Espaços, A (Acesso à biblioteca), B (Relação com o jardim) e C (Jardim, mesa e oficina).

(Pedro Ferraz, 2020)

Fig. (47a e 47b)- Esquemas, espaços de transição.

Imagem da Autora

no piso térreo, anteriormente mencionado, ou à mesa que faz a transição para a biblioteca, contribuindo assim para a diluição das fronteiras físicas e para a criação de uma sensação de continuidade espacial (Fig. 48c).

Os objetos encontrados na habitação, nomeadamente as peças de arte e o mobiliário, têm um papel tão importante quanto os próprios elementos arquitetónicos (Ferraz, 2020). Alguns componentes, como os armários, as estantes de biblioteca integradas e as mesas de trabalho, funcionam simultaneamente como elementos de divisão espacial e facilitam as atividades, influenciando diretamente os modos de utilização e as possibilidades de permanência nos diferentes ambientes (Fig. 48b e 48d). O jardim (Fig. 48a) e o atelier criam uma relação simbiótica com a casa, funcionando como extensões naturais desta, da mesma forma que os espaços interiores parecem prolongar-se para o exterior. Este sistema espacial dinâmico e organicamente inacabado foi projetado desde o início para acolher e até mesmo incentivar alterações futuras.

Esta vivência íntima dos espaços de transição influenciou a forma como a arquiteta projeta outras habitações. Embora reconheça que a liberdade que teve na sua própria casa não pode ser reproduzida noutros projetos, ela admite que essa experiência moldou a sua sensibilidade enquanto projetista, principalmente no que diz respeito às qualidades sensoriais, às oportunidades de apropriação e ao papel do tempo como parte essencial do projeto. Neste sentido, a casa torna-se, ao mesmo tempo, um lar, laboratório e manifesto. É um lugar onde a arquitetura não é estática nem definitiva, mas um campo de experimentação e descoberta, em total sintonia com o pensamento de Hertzberger (1996) que via a arquitetura como um suporte para a vida, aberta à intervenção dos seus utilizadores.

A circulação ocorre por meio de percursos contínuos, em anel, entre salas, antecâmaras e áreas intermédias. Esta articulação espacial não resulta de uma estratégia formal previamente estabelecida, mas é resultado da vivência habitacional. Os espaços articulam-se de forma quase labiríntica, formando circuitos internos que permitem percursos circulares. Como a própria arquiteta refere: “Não há corredores propriamente ditos, mas sim uma sucessão de salas e antecâmaras que funcionam simultaneamente como locais de passagem e de permanência” (Fig. 49a e 49b). Esta configuração espacial é semelhante à abordagem sensível de Aino e Alvar Aalto, anteriormente analisados, onde o espaço doméstico é projetado como uma extensão direta da vida, tendo em conta a luz, a temperatura, a funcionalidade prática e o conforto sensorial. Nesta obra, o tempo também desempenha um papel essencial, com espaços anteriormente ignorados os quais se revelam relevantes em determinados momentos, por exemplo, durante o



48a



48b



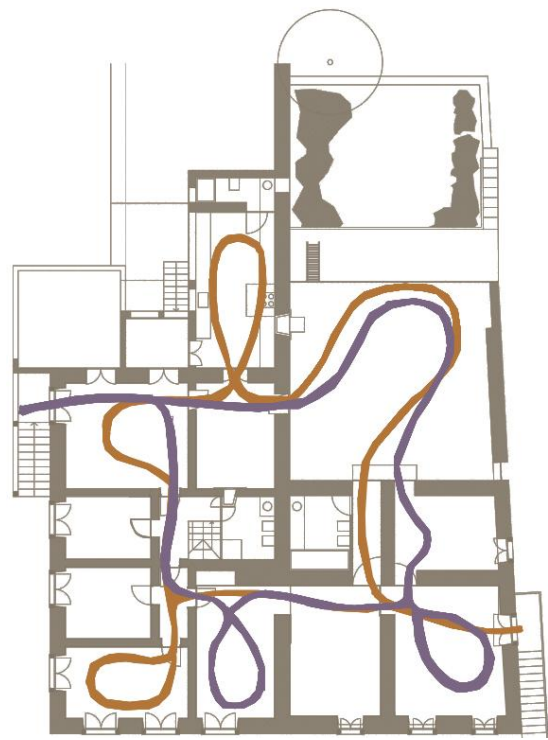
48c



48d



49a- Planta piso térreo



49b- Planta piso 1

Circulação 

Fig. (48a-48d)- Espaços, jardim e entrada principal do atelier.

(Pedro Ferraz, 2020)

Fig. (49a e 49b)- Esquemas de circulação.

Imagem da Autora

confinamento, evidenciando a capacidade da arquitetura se adaptar às circunstâncias. A circulação contínua cria zonas de pausa, de transição, bem como múltiplas apropriações ao longo do dia e das estações, recusando hierarquias fixas entre espaços principais e secundários.

Esta atenção ao cotidiano manifesta-se também na forma de como o projeto se relaciona com o exterior. A casa desenvolve-se em torno do jardim, sendo permeada por diversas aberturas como, varandas, janelas e portas, que criam uma ligação contínua com a paisagem envolvente. A ausência de uma entrada principal definida e a valorização de todas as aberturas traduzem uma conceção não hierárquica da entrada e da relação com o mundo exterior. As portas que anteriormente serviam as lojas agrícolas foram mantidas e transformadas em portas-janelas com caixilhos reutilizados, criando uma permeabilidade subtil da luz e uma proximidade constante com o jardim. Segundo a arquiteta, há um “enquadramento entre o interior e o exterior em qualquer um destes pontos”, permitindo uma vivência espacial sensível à natureza envolvente.

A experiência sensorial deste conjunto arquitetónico é profundamente marcada pela sua materialidade expressiva, a rugosidade tátil da pedra aparente, a textura terrosa dos rebocos tradicionais e a presença rústica da madeira em estado natural estabelecem um diálogo constante com a luz natural, que atravessa e modela os espaços ao longo do dia. A casa é trabalhada como um palimpsesto, no qual se sobrepõem vestígios históricos, materiais vernaculares e tecnologias contemporâneas. Há uma atenção cuidadosa à manutenção de elementos estruturais originais que convivem com adições mais recentes naturalmente e não ostensiva. A arquiteta destaca o prazer de observar “a cor da luz que entra de maneira diferente ao longo do dia, ao longo dos meses”, assumindo a impressibilidade como uma qualidade desejada do projeto, não como um problema a resolver.

Enquanto espaço habitado, a casa remete para como os diferentes corpos, tempos e papéis sociais habitam e apropriam-se dos espaços. Esta é historicamente um espaço intensamente marcado por dinâmicas de género. No entanto, a arquiteta descarta uma leitura direta entre o seu género e as decisões tomadas no projeto. Embora reconheça que certas escolhas possam ter sido influenciadas por experiências pessoais, considera que essas decisões resultam mais de posições éticas e políticas do que de uma identidade de género. Um exemplo disso é a demolição de um espaço anteriormente ocupado pela empregada doméstica, um espaço associado a uma vivência hierarquizada e desumanizada, considerado “indigno” e contrário aos valores do casal. Este gesto pode ser interpretado à luz de autoras como Franziska Ullmann, que defende a desconstrução das tipologias tradicionais de habitação, e de modo a promover uma maior equidade

espacial e relacional. A casa da arquiteta com a sua distribuição fluida, sem hierarquias rígidas, onde “o trabalho e a vida estão completamente misturados”, rejeita a separação funcional moderna entre os espaços de produção e de reprodução, o público e o privado, uma separação que historicamente reforçou o papel da mulher no espaço doméstico, confinando-a a um espaço isolado e invisível.

A casa aqui apresentada adota o princípio dos espaços não estarem definidos à partida, mas são constantemente reinventados pela experiência de quem os utiliza, como se observou, por exemplo, durante a pandemia, quando vários espaços se adaptaram às novas necessidades de trabalho, estudo ou simplesmente de contemplação. A indefinição funcional e simbólica dos espaços presentes na habitação abre caminho à apropriação livre por diferentes elementos da família, quebrando o modelo de habitação normalizado, binário e produtivismo. Embora, a arquiteta não reivindique uma abordagem feminista consciente no projeto da sua casa, como vive e transforma o espaço revela uma arquitetura sensível às relações humanas, ao tempo, à imprevisibilidade e à intimidade, qualidades que muitas vezes têm sido marginalizadas no discurso dominante da disciplina. Tal como Zaida Muxí argumenta que o habitar é uma prática cultural antes de ser uma função técnica, e a casa é um espaço onde se cruzam afetos, relações de poder, memória e identidade (2018, p. 41).

Em resumo, a vivência do espaço doméstico revela, contudo, uma preocupação com o conforto, a privacidade e a apropriação livre dos espaços por todos os elementos da família. A recusa de funções fixas e a possibilidade de utilizações múltiplas sugerem uma visão aberta e inclusiva do habitar, em que o projeto arquitetónico responde à complexidade das relações familiares e à diversidade dos estilos de vida contemporâneos. Desta forma, a casa manifesta-se como um organismo vivo em que o tempo, o uso e a luz são elementos principais do projeto. Trata-se de um espaço que rejeita definições formais fechadas e que se constrói por camadas, à semelhança da vida.



*Fig. 50- "Casa da Ana", colagem.
Imagem da Autora*

2.2.2 | “Casa da Ana”

Na introdução da recuperação da residência da arquiteta Ana Cunha localizada na aldeia de Castelo Novo (Fig. 51a), projetada entre 2021 e 2022, somos convidados a mergulhar numa vivência que vai além da simples construção, tornando-se num ambiente que não se define apenas como interno ou externo, mas como uma união dos dois. Esses dois âmbitos que estão ligados comportam qualidades únicas e influenciam-se mutuamente. A forma como os espaços internos e externos comunicam-se permite que as pessoas compreendam melhor a essência do lugar onde se encontram, seja por meio do seu desenho, da utilidade, dos materiais, da luz ou da temperatura. A residência de Ana Cunha representa a concretização de uma trajetória profissional que abrange mais de vinte anos, marcada pela reabilitação e pela procura de uma vida que esteja em harmonia com a natureza. Isso expressa uma filosofia profundamente enraizada na valorização do património, mantendo ao mesmo tempo, uma perspetiva claramente moderna.

A análise crítica desta residência revela a sua natureza complexa, onde a tradição se entrelaça com a modernidade e a perspetiva de género aparece de forma subtil, mas relevante. A ideia central gira em torno da fusão de duas abordagens que à primeira vista parecem opostas: manter o carácter autêntico da arquitetura circundante e a incorporação de inovações contemporâneas que atendem às exigências de conforto e eficiência da vida atual. Essa dualidade é evidente no desenho das fachadas e na dinâmica de espaços sólidos e vazios. Enquanto a fachada frontal, que dá para a pequena praça da aldeia, mantém a imagem tradicional da casa de pedra, incluindo a porta e a janela (Fig. 51b e 51c), a composição oposta passou por uma mudança muito significativa. Esta escolha arquitetónica, singular para um ambiente histórico de aldeia, permite a entrada de luz natural além de estabelecer um diálogo contínuo com a natureza e o horizonte distante.

Esta abordagem está alinhada com a ideia do conceito *in-between* defendido por arquitetos e teóricos como Aldo van Eyck e Herman Hertzberger, mencionados anteriormente. A arquiteta não se limita a restaurar a habitação, mas usa essa preexistência para criar um espaço onde dois mundos convergem. A residência, que antes era fechada sobre si mesma com uma lógica de proteção e introspeção, própria das casas rurais (Fig. 52a, 52b e 52c), agora abre-se para o exterior (Fig. 53a e 53c). Este posicionamento é uma forma de mostrar como a reabilitação deve ir além da simples preservação, transformando-se num instrumento para revitalizar e adaptar o património a novos estilos de vida. A decisão de se abrir para a paisagem transcende a ideia de uma



51a



51b



51c



52a



52b



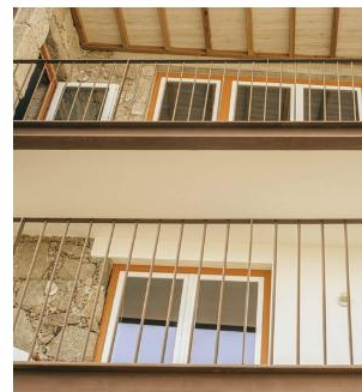
52c



53a



53b



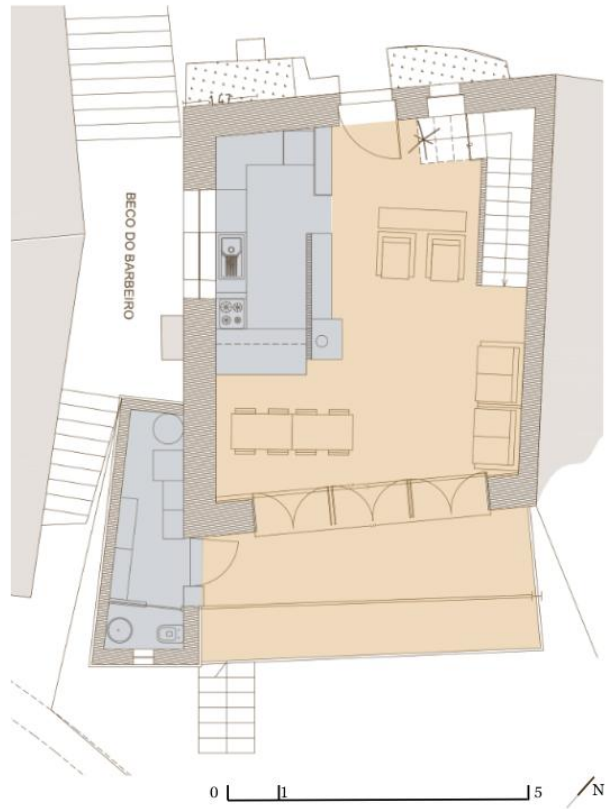
53c

*Fig. (51a-51c)- Casa da Ana.
Fig. (52a-52c)- Casa da Ana, antes da obra.
Imagens fornecidas pela arquiteta
Fig. (53a-53c)- Abertura, em obra e final.
(AC, arquitetura)*

- Zona de serviço
- Zona social

Fig. 54- Planta piso 1, zoneamento.

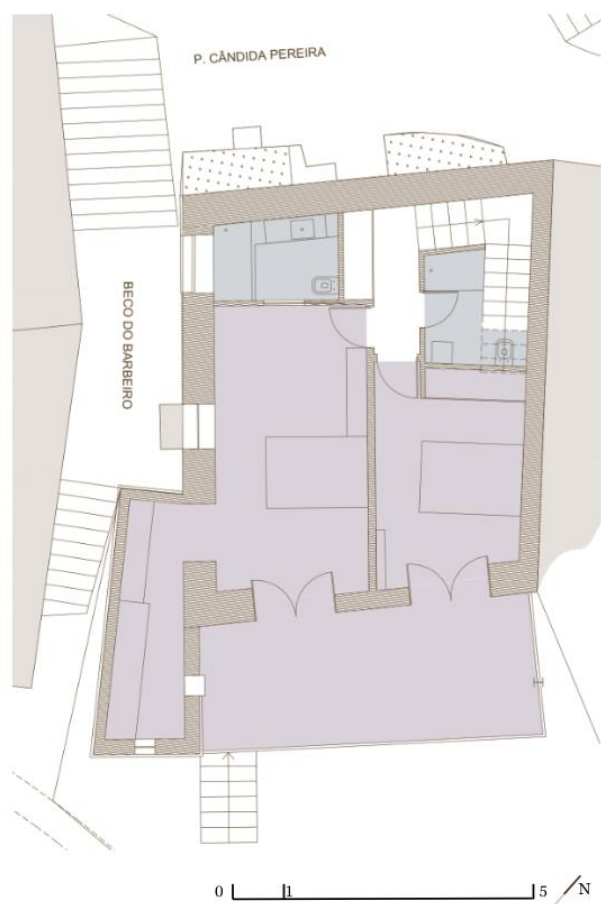
Imagem da Autora



- Zona privada
- Zona de serviço

Fig. 55- Planta piso 0, zoneamento.

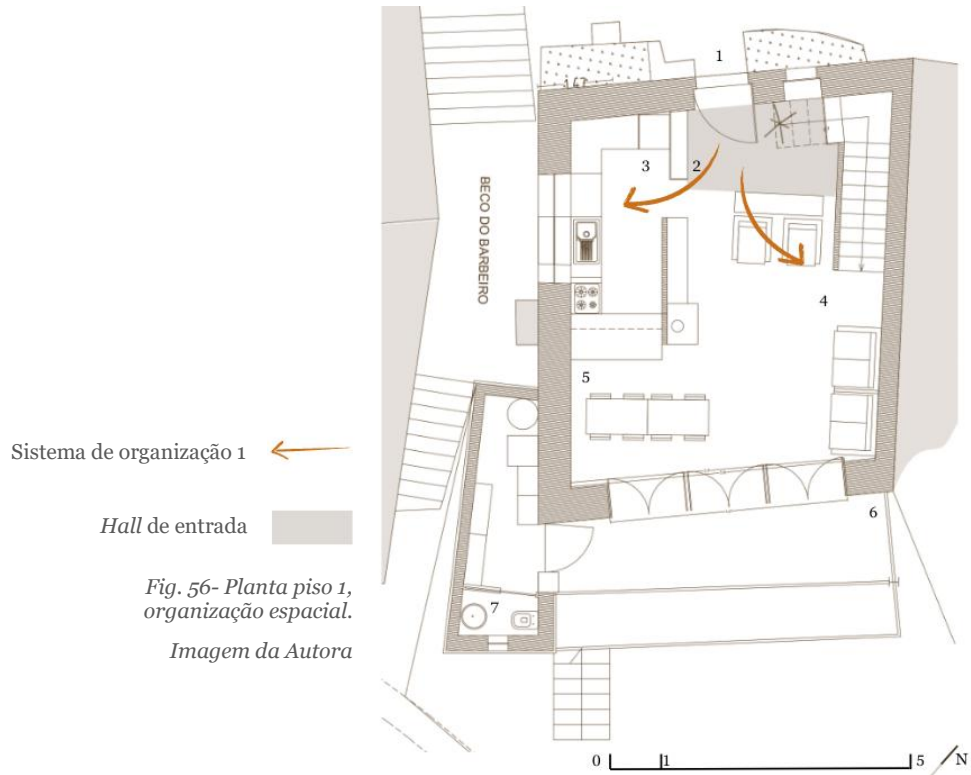
Imagem da Autora



escolha estética, trata-se de uma “condição essencial” para a arquiteta poder apreciar a visão ampla do território que desejava, como mostra na figura 53b. Isso demonstra que a arquitetura, mesmo num contexto histórico, deve responder às necessidades e aspirações dos residentes.

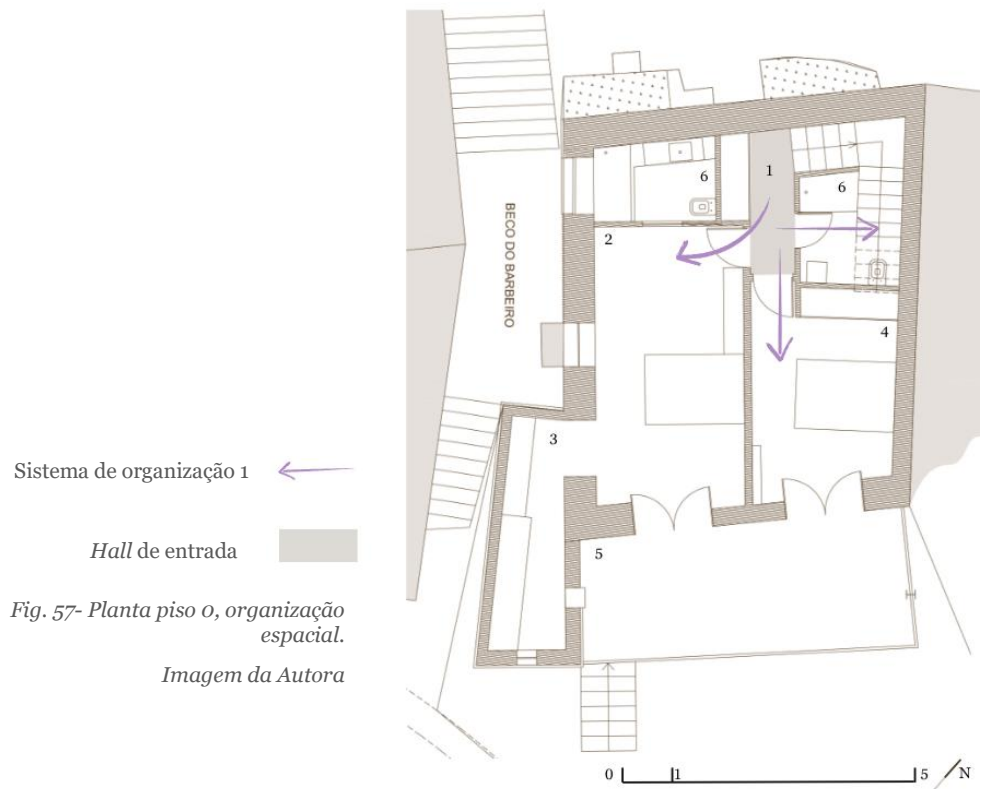
A configuração do espaço interno encontra-se diretamente relacionada à forma e à iluminação da habitação. Para Ana Cunha, a devastação provocada pelo incêndio que destruiu o sobrado e as divisões antigas não foi vista como um obstáculo, mas como uma oportunidade para reestruturar o ambiente de forma lógica e fluida. A casa é organizada em dois andares, ao nível da rua (pisos 1 e 0) voltado para a interação social (Fig. 54), abriga a entrada, a zona comum e a zona de serviços, enquanto o piso térreo é a área privada e inclui os serviços (Fig. 55). No piso 1, seguindo o sistema de organização um, os espaços de uso como a cozinha, a sala e a mesa de refeições, localizados na fachada sudeste, irradiam de um espaço de transição que conecta um espaço amplo e contínuo (Fig. 56). Já no andar inferior (pisos 0 e -1) abriga a área mais íntima, dois quartos e duas casas de banho, acomodando uma dinâmica de circulação, presente no sistema de organização um, e a orientação espacial definida por uma transição suave do privado para o social, e do restrito para o aberto (Fig. 57).

Ao entrar na residência pela pequena porta tradicional na praça, localizada na fachada noroeste, o visitante é conduzido a um ambiente que se expande de forma notável para o interior e, especialmente, para o exterior. A circulação horizontal (Fig. 58), é quase inexistente, pois os ambientes sociais compartilham um único espaço amplo, e a circulação vertical é facilitada por uma escada situada à esquerda (Fig. 60), que interliga as duas áreas principais da casa. A fluidez do espaço é um aspeto essencial, ao permitir que a luz natural entre nos interiores e a conexão com a paisagem seja percebida de quase todos os cantos da casa. A integração dos diferentes espaços é realizada de forma contínua, aproveitando recursos como o mobiliário, não existindo limites físicos. Essa organização reflete uma preocupação presente nas reflexões de Zaida Muxí, como a experiência de cada espaço, onde o ato de cozinhar não interfere no momento de relaxar ou socializar. Esta análise crítica sobre como o desenho pode influenciar e melhorar as interações e atividades diárias, evitando a rigidez de espaços divididos e promovendo uma interação mais livre e natural, representam uma ideia defendida por Aldo van Eyck e Herman Hertzberger, que estão em “oposição à rigidez dos espaços”, resultando numa arquitetura onde tudo acontece em conjunto, tudo está conectado e em comunicação, formando um ambiente dinâmico.



Legenda:

1- Acesso principal; 2- Hall de entrada; 3- Cozinha; 4- Sala de estar; 5- Espaço de refeições; 6- Terraço; 7- Instalação sanitária e lavanderia.



Legenda:

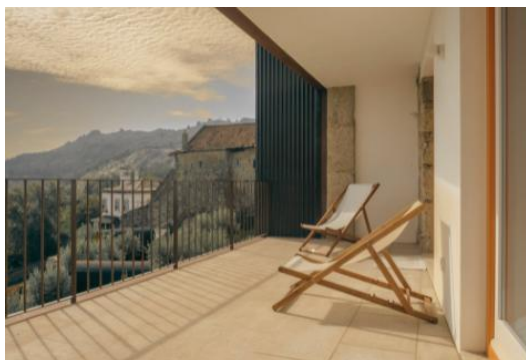
1- Hall; 2- Quarto de Casal; 3- Guarda-roupa; 4- Quarto de convidados; 5-Terraço; 6- Instalação sanitária.

No entanto, a área de circulação horizontal que acomoda os quartos, funciona também como um espaço social que precisa de delimitações para ser usado de forma exclusiva. Isso acontece para preservar uma circulação bem definida nas áreas que são utilizadas. Por outro lado, dentro desses ambientes, há uma abertura para a luz natural e uma paisagem voltada para o sudeste (Fig. 59).

A relação que comporta a habitação com o exterior forma um aspeto essencial do projeto. A arquiteta procurou estabelecer uma conexão simbiótica entre a residência e o seu contexto, tanto o próximo como a aldeia, quanto o distante como a paisagem. Cada fachada da casa aborda essa fronteira de forma diferente. A fachada principal é apresentada como uma imagem da “casinha da aldeia” integrando-se harmoniosamente à praça e à arquitetura tradicional ao redor, estabelecendo um diálogo com a aldeia, a história e a vida da região. Em contrapartida, a fachada traseira, voltada para a paisagem, sofre uma alteração significativa com a colocação de um pano de vidro, um procedimento que demonstra a vontade da arquiteta de se apropriar do espaço, não só morando ali, mas também usufruindo da sua beleza natural. A presença de um terraço no andar dos quartos (Fig. 61) e de um jardim no piso térreo reforça esse conceito de integração. Esses espaços que conectam o interior ao exterior são considerados “muito agradáveis”, sendo ideais para descansar, ler ou conversar, destacando a importância de viver a “experiência do exterior”.

O limite da casa não é realizado pelas paredes que a formam, estende-se em direção à paisagem, ao jardim e ao céu (Fig. 62). Este conceito de integrar o lugar como parte essencial da habitação é um dos pontos-chave do projeto, demonstrando como uma casa moderna, mesmo em áreas rurais, pode ser enriquecida pela permeabilidade e abertura. Essa decisão possui um significado especial quando analisada do ponto de vista das experiências pessoais da arquiteta, que influenciada pelas lembranças da mãe, procurou um espaço para respirar e conectar-se com a natureza, uma necessidade que muitos projetos urbanos atuais não conseguem atender. Desta forma, a casa de Ana torna-se num exemplo representativo do conceito de *in-between*, que defende que a arquitetura deve ser entendida como a criação de espaços de transição que propiciam lugares que favorecem a consciência simultânea de fenômenos relacionados.

A seleção dos materiais demonstra a filosofia da arquiteta: respeitar a construção original enquanto são incorporados elementos que transmitem uma estética moderna. A restauração das paredes de pedra, mantendo a sua estrutura original, é fundamental para o projeto. Essa escolha vai além da aparência, comportando-se como uma valorização das “pedras que nos comunicam com sua presença sólida e durável”. Para os ambientes



61



62



63



64

Fig. 61- Terraço, piso 0.

Fig. 62- Extensão da paisagem.

Fig. 63- Área social

Fig. 64- Quartos.

(AC, arquitetura)

internos, Ana Cunha escolheu materiais que evocam o tradicional, porém com um indício contemporâneo. As argamassas de cal cobrem as paredes respeitando as técnicas tradicionais, ao mesmo tempo, conferindo um acabamento liso e atual. A estrutura de ferro e madeira, que servem como reforço e organização do novo espaço, permanece à vista promovendo a técnica de construção. O piso social em madeira, tratado com óleo de linhaça e cera amarela (Fig. 63) junto ao piso em cimento branco polido nos quartos e banheiros (Fig. 64), cria uma combinação de cores e texturas suaves e orgânicas. A construção nova, um volume adjacente destinado à lavanderia e ao armazenamento, é coberta com chapas de ferro perfiladas pintadas (Fig. 65) utilizando um sistema de parede ventilada, contrastando com a solidez da pedra e acentuando a intervenção moderna. As janelas de madeira na tonalidade laranja introduzem um elemento de surpresa e modernidade, assim como a abertura de janelas que estabelecem uma relação entre os espaços internos e externos, ou entre o público e privado, funcionando como os “olhos” do projeto que permitem observar o exterior (Fig. 60).

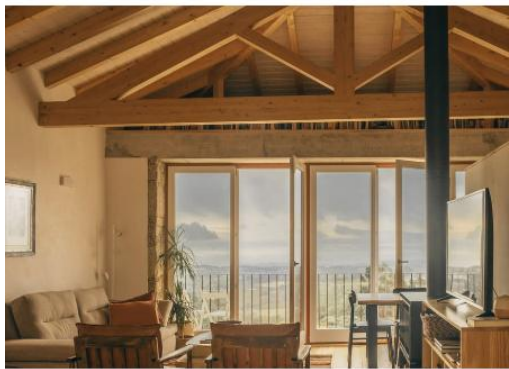
O incêndio que danificou o telhado original criou uma oportunidade de elaborar um novo teto que revela a estrutura de madeira, mostrando as inclinações das águas no interior da casa (Fig. 61). A abertura na fachada traseira é a principal fonte de iluminação, preenchendo o piso social e proporcionando uma vista ampla. A luz é recebida para animar os espaços, criar um ambiente de serenidade e conectar o interior com o exterior, mostrando a importância que Ana Cunha oferece a esse elemento para o bem-estar.

A abordagem de gênero é encarada por Ana Cunha de forma sutil e pessoal, evitando simplificações excessivas. A arquiteta observa que a sua identidade como mulher na arquitetura não se manifesta num estilo ou abordagem única, mas sim em uma “sensibilidade distinta em relação aos arquitetos do sexo masculino”. Essa singularidade é relacionada ao modo de como as mulheres interagem com a casa e o espaço, algo que de acordo com ela “costuma ser um pouco diferente”. O desenho do lar incorpora essa sensibilidade ao abordar aspectos como conforto, privacidade e os laços familiares. A amplitude e fluidez da sala e da cozinha favorecem o convívio e a partilha, resultando num ambiente acolhedor (Fig. 62). Simultaneamente, a descrição da cozinha mostra a divisão de funções, propiciando diferentes “maneiras de viver” dentro da casa.

Os espaços de transição (Fig. 68), que ligam o exterior da aldeia ao interior da residência, são valorizados por sua habilidade de incentivar a conexão com o entorno e a interação com os vizinhos, refletindo um aspecto afetivo da vida comunitária que, na opinião da arquiteta, é uma característica das aldeias. A arquiteta expressa uma afinidade por espaços que fluem naturalmente. Assim como Aldo van Eyck ilustrou com a imagem da



65



66



67

Fig. 65- Construção nova.

Fig. 66- Estrutura de madeira.

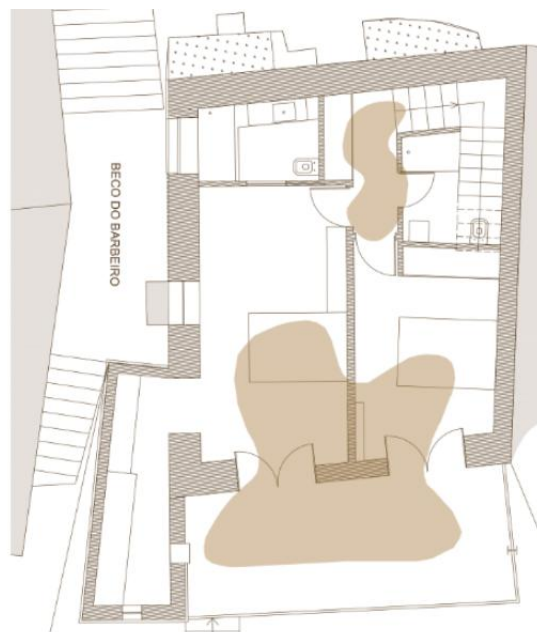
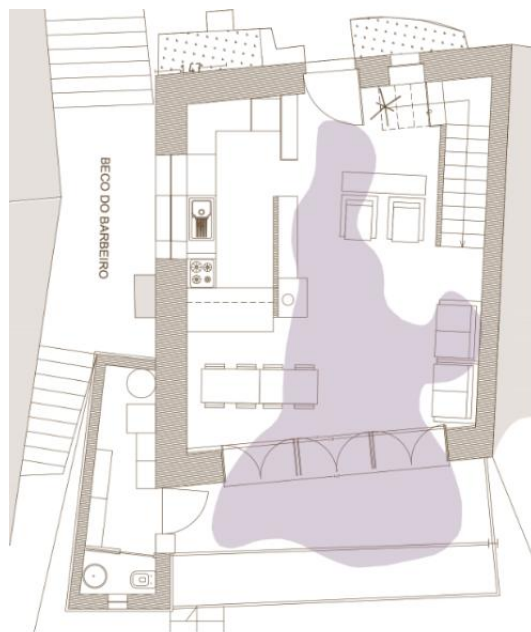
Fig. 67- Espaço de refeições.

(AC, arquitetura)

praia, há um espaço de intersecção onde dois mundos distintos se encontram fisicamente e tornam-se um só, sem a presença de uma divisão entre água e areia; existe uma confluência que os liga. Este conceito é evidenciado na residência em análise, onde à entrada da casa se situa uma árvore que oferece sombra e um pequeno muro que serve como cadeira ou apoio para pôr o pão, uma vez que a arquiteta refere que “tenho um padeiro que vai pôr o pão todos os dias à porta”. Uma vez dentro do espaço doméstico, o visitante é acolhido pela imensidão do céu, pela luminosidade e pelas montanhas, (Fig. 69b), assim como objetos decorativos que funcionam como mediadores entre as duas áreas, sem estar realmente entrelaçados a um lugar específico. Este ambiente cria uma atmosfera ambígua, um espaço de transição evadido de uma função estrita, proporcionando um local de observação e de apropriação pessoal. Ou representado pela cozinha (Fig. 69a), embora integrada na mesma área da sala, é subtilmente delimitada por uma parede parcial e armários, formando uma zona de transição que possibilita a separação de funções sem comprometer a amplitude visual ou a sensação de continuidade. O terraço dos quartos (Fig. 70a e 70b) funciona como um vínculo entre o interno e o externo, atua como um lugar de passagem e socialização, reunindo ambos ambientes que, num primeiro momento, estariam isolados por divisões físicas. Ao ultrapassar a fronteira do espaço interno revela-se um panorama que une as habitações, formando um espaço compartilhado para a convivência dos habitantes.

A escolha de morar numa aldeia, inspirada pelas recordações da sua mãe, demonstra uma busca por um “bem-estar, liberdade e a capacidade de respirar de uma forma diferente”, intimamente relacionada à sua identidade e vivências. Sendo a casa um projeto destinado a si mesma, ela adquire uma força e identidade exclusivas, representando a manifestação plena de uma visão, uma trajetória e um sonho pessoal. Este projeto ilustra como a arquitetura pode ser uma prática individual e uma forma de expressar a vida, onde a técnica e a emoção se entrelaçam para criar um espaço realmente vivido. A sua abordagem contrasta com a arquitetura formal e impessoal, sugerindo que o conforto e a funcionalidade devem ser considerados sempre à luz da experiência humana, ao invés de se fundamentarem somente em princípios estéticos ou técnicos, como enfatizado por Herman Hertzberger, que argumenta que o espaço não é somente um vazio entre as construções, mas algo que surge quando a arquitetura não se impõe de maneira dominadora.

Em resumo, a casa de Ana Cunha representa um trabalho de reabilitação de um edifício. Ela combina o legado do passado com as aspirações do futuro, entrelaçando tradição e contemporaneidade, além de oferecer uma análise crítica sobre o viver atual. O princípio



Espaços de transição

Fig. 68- Espaços de transição.

Imagem de Autora



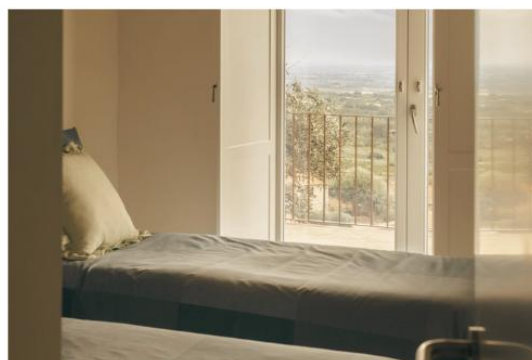
69a



69b



70a



70b

Fig. (69a e 69b)- Entrada-sala-cozinha.

Fig. (70a e 70b)- Quartos-terraço.

(AC, arquitetura)

fundamental de integrar uma casa rural à paisagem, a configuração espacial que favorece a passagem de luz e fluidez e a interação constante entre o interior e o exterior, evidenciam uma abordagem audaz e criativa. A seleção dos materiais que respeita os métodos tradicionais e, enquanto incorpora elementos modernos, com o domínio da iluminação que transforma a residência num ambiente vibrante e dinâmico, são indicações de um trabalho profissional maduro e de uma sensibilidade refinada.

O projeto ilustra que a reabilitação pode ser um processo dinâmico, proporcionando um espaço propício para inovações e novas interpretações. A experiência de viver na casa, que surpreendeu inclusive a arquiteta devido ao contraste entre a fachada discreta e a abertura interna, demonstra que a arquitetura é capaz de gerar emoções e remodelar a maneira como ocupamos os nossos espaços. A sua perspectiva de género, entendida como uma sensibilidade íntima, oferece ao projeto uma dimensão emocional e humana, fazendo da casa um verdadeiro reflexo da sua criadora. Esse aspeto destaca-se na escolha do mobiliário, que serve como um intermediário desenhando linhas de percurso que organizam o ambiente sem delimitar as diversas áreas. Um exemplo concreto é o muro à entrada, mencionado anteriormente, concebido para auxiliar quem chega com as compras, unindo o prático com um toque singular. Em essência, este projeto convida a uma nova apreciação do património, ao valorizar a sua narrativa sem prescindir da reinvenção, além de buscar na simplicidade do campo e na solidez da pedra a inspiração para uma vida consciente e plena.

2.3| Reflexão cruzada entre os dois projetos

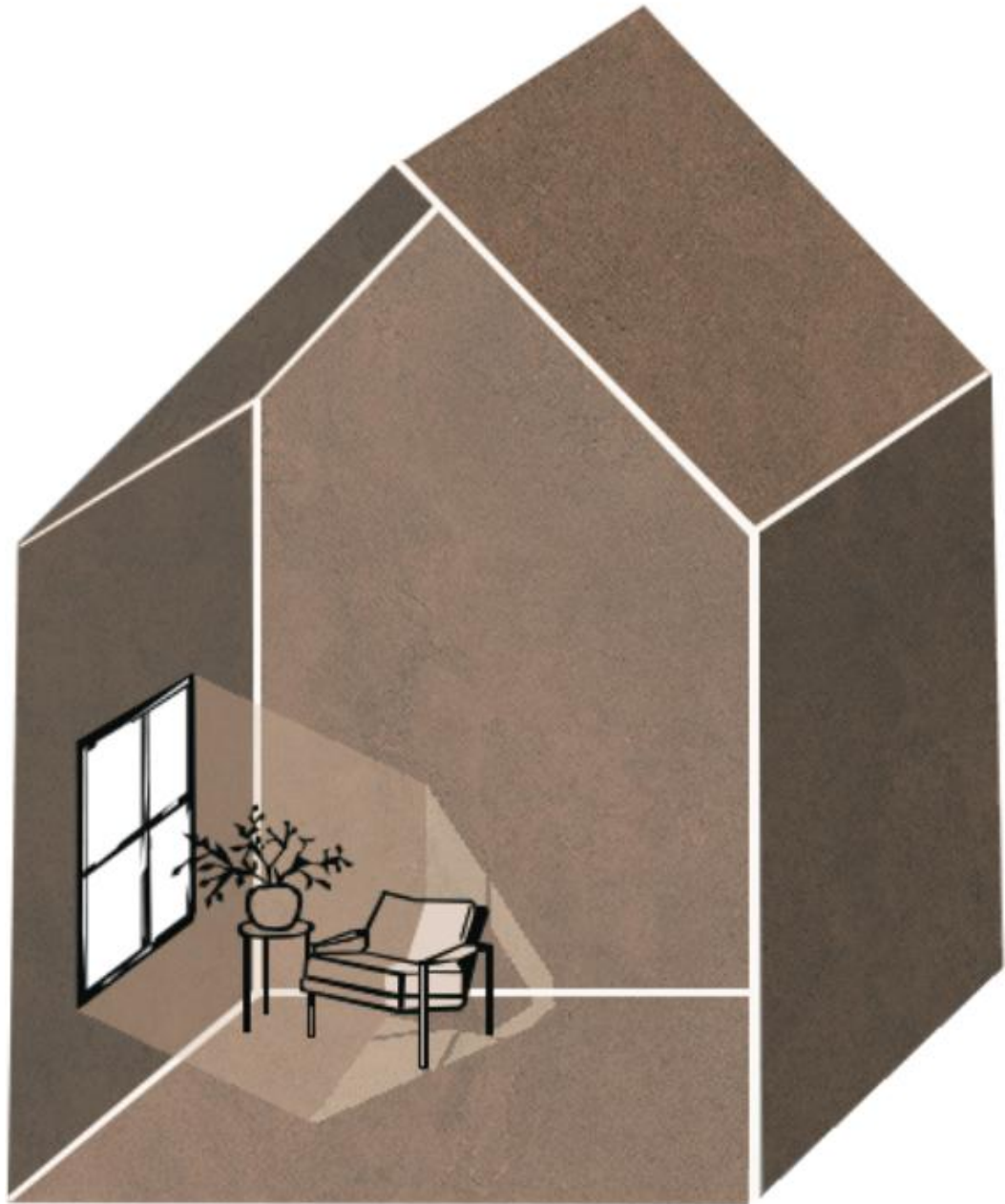


Fig. 71- Expressão doméstica, colagem.

Imagem da Autora

A organização do espaço doméstico, associado a configuração tradicional, tem evoluído ao longo do tempo, como foi apreciado no capítulo 1. No entanto, ainda persistem modelos com normas sociais, evidenciando casas que não foram projetadas a partir de uma perspectiva de género. A organização da habitação é essencial visto que permitem perceber as relações de género que foram demarcadas e com esse fim refletir de que forma podem ser reestruturadas para promover uma maior equidade, autonomia e novas formas de habitar. Este capítulo propõe-se a estudar estes conteúdos, tendo como base os exemplos selecionados, e proporcionar uma compreensão de como a habitação pode ser um espaço de mudança social.

A arquitetura não é uma disciplina neutra, pelo contrário, coloca às feministas perante o domínio privado, um âmbito que historicamente tem sido marcado pela limitação de intervenção do Estado, como argumenta a arquiteta belga Apolline Vranken na sua dissertação, intitulada de: *Des béguinages à l'architecture féministe* (Vranken, 2018, p. 31). Segundo a autora:

(...) les architectes ne connaissent aucune contrainte lorsqu'il s'agit de la conception de logement privatif puisque ce der nier ne relève pas de préoccupations morales ou éthiques chapeau tées par des règles publiques.

A partir desse excerto é possível refletir que a igualdade de género na arquitetura doméstica é uma questão moral ou ética, mas não uma exigência legal. Os arquitetos dispõem de total liberdade para a projeção de casas sem a necessidade de atenderem a fatores de género. Mesmo que existam, atualmente, arquitetos, ativistas e educandos a debater a importância de uma arquitetura inclusiva. O tema da arquitetura e a igualdade de género continua a ser uma questão por resolver em muitos países, há uma ausência de legislação que obrigue aos arquitetos a projetar espaços para garantir a segurança, promover a autonomia de todos os moradores e a equidade do trabalho doméstico. O enfoque no mercado imobiliário continua a ser a rentabilidade e a rapidez da construção, ocasionando em espaços que não foram pensados segundo às necessidades de quem o habita, deixando de parte trabalhos que aportam uma melhor resposta de inclusão.

No que diz respeito a análise das obras apresentadas, ambas arquitetas revelaram pouca postura na abordagem da questão do género como fator de projeção dos projetos, isto é, existe uma presença de decisões nas casas, mas não foram resolvidas tendo como principal fator a mulher para resolução das problemáticas que viriam surgindo. Não obstante, sendo elas projetistas e clientes, criadoras da sua própria casa, inevitavelmente, encontram-se presentes relações de género.

A maioria das habitações que existem não foram construídas para incentivar a igualdade de género, uma vez que foram projetadas nas décadas passadas, muitas delas habitadas por pessoas que receberam uma herança ou vivem em habitações já existentes (Vranken, 2018, p. 31). Embora, atualmente, existam mais pessoas a optarem por construir a própria habitação, as casas construídas continuam a seguir modelos de projeção tradicionais (Vranken, 2018, p. 31). Comportando aspetos que eternizam a segmentação das tarefas e os papéis de género, como, por exemplo, o espaço da cozinha ser um espaço pequeno e isolado, não existindo consideração com a pessoa que tratava do trabalho doméstico.

Um exemplo disso é a habitação da arquiteta Desirée Pedro, vinda de séculos passados, comportando peças que, como revela a arquiteta “podem ter vindo do fim do século XVII, início do XVIII. Muito alterada, com grandes intervenções que a mudaram bastante no fim do século XIX e início do século XX”. Esta zona foi organizada de acordo com uma configuração tradicional onde o espaço da cozinha (Fig. 72) dantes era um espaço pequeno e isolado dos espaços sociais, localizando-se na fachada traseira sem possuir aberturas para o exterior, mas que duas portas, uma de saída e uma de serviço. Uma área da habitação que deveria ser abordada como todas as outras, ou ter um maior cuidado pela falta de iluminação e por ser um espaço tão pequeno, denotando-se a inexistência de consideração por quem lá realizava as tarefas domésticas. Este espaço foi propício de alterações pela arquiteta (Fig. 73), como a demolição de paredes adjacentes para obter um espaço mais amplo, assim como a abertura de grandes vãos para usufruir de uma melhor iluminação e ventilação, permitindo, por sua vez, a relação com o exterior. Embora que o espaço estivesse longe dos espaços sociais, a arquiteta cria uma sequência de espaços à volta da cozinha (Fig. 73), com potencialidade de apropriação, ocasionando uma relação direta com a cozinha. Já no cenário da casa da arquiteta Ana, visto que sofreu um grande incêndio, não foi possível a observação crítica da organização espacial original, contudo, a arquiteta apresentou uma satisfação de poder configurar a habitação como ela apreciava. Criando o espaço da cozinha, como um ambiente que interagisse de forma direta com os espaços sociais da habitação (Fig. 74). Ambas arquitetas expressam a adoção por espaços mais flexíveis e inclusivos, dando a conhecer as práticas arquitetónicas possíveis para uma inclusão do género.

A habitação mesmo sem uma legislação de género, apresenta questões para integrar no momento da planificação, algumas encontram-se compreendidas na tese da arquiteta Apolline Vranken (Vranken, 2018), com o objetivo de qualificar a equidade e a adaptação da habitação para atender às necessidades de género. Uma delas aponta para a entrada

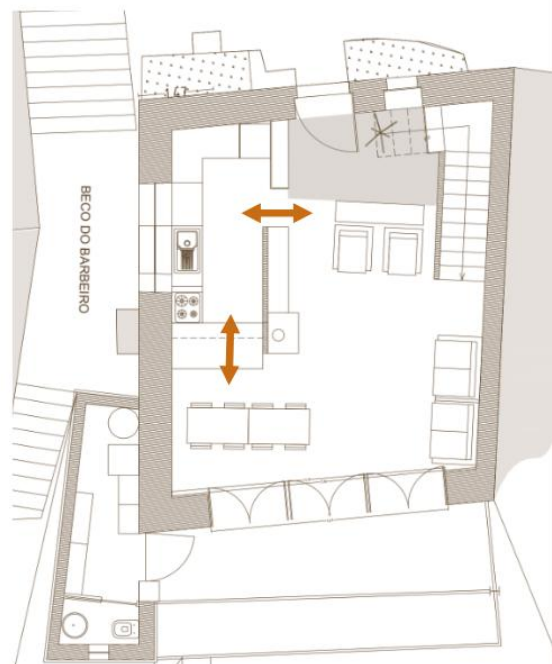


Fig. 72- Cozinha original.
Imagem da Autora



Relação com os espaços ↔

Fig. 73- Cozinha reformada.
Imagem da Autora



Relação com os espaços ↔

Fig. 74- Cozinha reformada.
Imagem da Autora

da casa, esta deve encontrar-se iluminada e com visibilidade, para isto não podem ser posicionadas a mais de 2 metros no interior do edifício ou inseridas num espaço de circulação, uma vez que, possibilitam a criação de becos sem contacto visual e sonoro. Outro ponto a considerar é a ventilação cruzada ser possível nas habitações, assim como também as salas de estar devem compreender dimensões mínimas para permitir uma melhor flexibilidade de utilização. Comportar terraços, varandas ou espaços abertos que promovam uma boa relação com o exterior como proporcionar boa interação social, e comunicação com os vizinhos (Vranken, 2018, pp. 47, 48).

As casas estudadas são exemplos destes aspetos, de como a arquitetura pode projetar espaços funcionais e confortáveis. Ambas habitações comportam uma frente para à rua (Fig. 75 e 76), com acessos principais projetados com iluminação e visíveis entre as ruas adjacentes, revelando ser um exemplo que possui segurança, e ainda para acolher a quem chega. Outro aspeto a mencionar é a presença da ventilação cruzada, visto que possuem duas frentes e conseguem assegurar a circulação do ar em todas as divisões, melhorando, para além do ar interno, o conforto térmico das habitações. Além destes pontos, os espaços sociais (Fig. 77 e 78) tornam-se num fator importante na configuração interna da habitação, nas casas analisadas, estes espaços de convívio são amplos e com boa versatilidade de uso, comportando na sua articulação, espaços como terraços e varandas que promovem a comunicação e uma relação próxima e contínua com a natureza, proporcionando uma boa vivência e bem-estar.

Entre os exemplos analisados no capítulo 1, a casa atelier da arquiteta Inês Lobo, atua como um notório exemplo de ideias feministas e modernista, a arquiteta projeta a habitação integrando a visão arquitetónica e as suas necessidades. Estas são representadas pela fluidez e amplitude da configuração interna (Fig. 79), além das aberturas que conectam com o exterior (Fig. 80), permitindo a relação direta entre os ambientes da área da cozinha e o espaço social. Estes aspetos de género encontram-se presentes nas casas analisadas, iniciando pelo ponto da fluidez, esta é demarcada de duas formas distintas, dependendo da habitação estudada. Na análise da casa da arquiteta Ana Cunha, a organização interna é apresentada como uma convergência de espaços, não apresentando limitações físicas que os separem, permitindo criar espaços de permanência sem restrições, comportando uma circulação fluida, impossibilitando a determinação de funções. Pelo contrário, a Casa-Atelier da arquiteta Desirée, expõe uma organização da delimitação de espaços, comportando uma configuração labiríntica, em que tens de descolar-te por vários espaços para chegar a um espaço determinado, não obstante, estes ambientes não se encontram delimitados por funções rígidas, permitindo



Fig. 75- Acesso principal.
(Pedro Ferraz, 2020)



Fig. 76- Acesso principal.
(AC, arquitetura)



Fig. 77- Espaço social.
(Pedro Ferraz, 2020)



Fig. 78- Espaço social.
(AC, arquitetura)

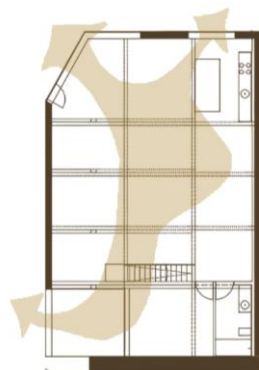


Fig. 79- Casa Atelier, configuração interna.
Imagem da Autora

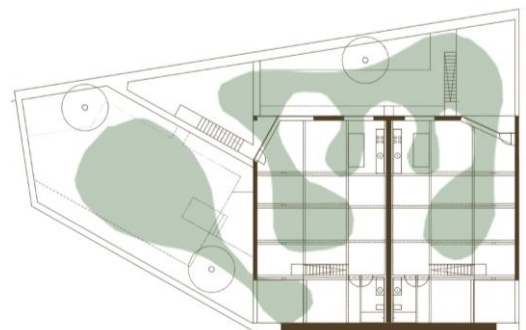


Fig. 80- Casa Atelier, relação com o exterior.
Imagem da Autora

a sua utilização com base das necessidades do habitante, constituindo, por sua vez uma circulação fluida.

Outro aspeto considerado é a amplitude da habitação, está é essencial, uma vez que um espaço amplo permite uma sensação de liberdade e descontração, proporcionando um ambiente mais calmo e acolhedor, e por sua vez, contribui para uma melhor circulação do ar. Uma configuração da habitação que comporta espaços mais amplos favorece a organização do mobiliário, permitindo a realização das atividades do dia a dia, assim como também a execução de pequenos eventos sociais. “A room does not necessarily have to be large to be pleasant, but needs to provide opportunities for people to do the things they want to do” (Pennartz, 1999, p. 104). Esta amplitude garante a criação de espaços versáteis, como áreas de trabalho, espaços de leitura ou a integração da sala de jantar, otimizando a utilização do espaço e conceder a adaptação segundo as necessidades dos habitantes. Estes espaços encontram-se presentes nas obras analisadas, no caso da casa atelier (Fig. 77), para além de garantir uma flexibilidade de usos, como a integração da sala de jantar, semelhante à Casa da Ana, compreende um canto de leitura ou uma área de contemplação para o exterior, revelando ser um espaço amplo. Na casa da arquiteta Ana, o espaço da sala de estar (Fig. 78) abre-se para o horizonte e faz a articulação com o espaço de refeições, tornando-se num espaço amplo, além disso, o esplendor da sala de estar é conseguido através do telhado em duas águas, promovendo mais amplitude visual, além da relação com o exterior.

No que se refere a amplitude da cozinha, Tim Putnam a descreve como o “focal point of domestic life” (Putnam, 1999, p. 150), um espaço que para além de servir para a realização da comida, este ambiente passou a ser o cenário para uma variedade de atividades em grupo, sendo especialmente valorizado pelas mulheres que o veem como o “heart of the home” (Putnam, 1999, p. 150). A união da cozinha com a sala de jantar ou a sala de estar, enfatiza ainda mais a sua importância, e, ao mesmo tempo outorga um reconhecimento ao trabalho doméstico. Putnam observa que “the enlarged kitchen or the kitchen-diner combination has become a potential stage for the renegotiation of roles” (Putnam, 1999, p. 150). Dessa forma, a reconfiguração espacial da cozinha não apenas transforma a sua função prática, mas também possibilita uma nova dinâmica nas relações de género dentro do ambiente doméstico.

Esse cenário encontra-se inserido num contexto amplo de informalidade das relações familiares, onde áreas que antes eram destinadas a funções mais formais como a clássica sala de jantar da classe média, começaram a ser progressivamente substituídas por cozinhas amplas ou por ambientes mais versáteis. Esta mudança transcende a uma alteração arquitetónica ou estética, representa uma reestruturação de uma nova forma

de habitar, caracterizada pelo surgimento de novas formas de sociabilidade que proporcionam ao espaço doméstico aspectos de equidade e menos hierárquicos. Ambas as casas estudadas expressam uma nova e consciente forma de organização espacial. Cada espaço é pensado para estabelecer uma relação direta com o exterior, promovendo a permeabilidade entre a esfera pública e a privada. Esta abordagem apresenta um afastamento dos costumes, suscitando a marginalização histórica do espaço feminino na arquitetura, que tradicionalmente foi limitado a um ambiente doméstico fechado. As arquitetas ao propiciarem uma relação direta com o exterior, apreciado em cada canto da habitação, expressam que a presença de estes espaços de transição, como varandas, terraços e jardins, rejeitam uma sensação de contenção, em vez disso, criam um sentimento de liberdade e continuidade.

As habitações são organizadas e pensadas em e para mulheres que realizam as tarefas da casa, isso é denotado na presença de espaços que não estão completamente definidos, que podem ser usados conforme às necessidades dos habitantes ou na interligação de espaços, funcionando como um só. Como podemos analisar nas duas casas, no que se refere à configuração da Casa da Ana, a arquiteta pode realizar as tarefas da casa mesmo quando há visitas, uma vez que existe uma fusão da cozinha e da área de refeições que dão lugar a sala de estar, espaço onde surgem as vivências quotidianas. Esta integração, livre de barreiras físicas, configura um espaço chamado de *entre*, que é uma junção das relações sucedidas em cada espaço, que permite o cuidado das crianças ou dar atenção às visitas, em conjunto com a realização das tarefas domésticas. Não obstante, esta integração de espaços não está presente na Casa-atelier, esta apresenta uma organização composta por espaços que antecipam a ocupação, antecâmaras que não têm uma função fechada, que atuam como ligações de utilidade, uma pausa antes de entrar a outro espaço. Esta articulação reforça a unificação dos espaços de cozinha com esses espaços, visto que carecem de um uso rígido, vinculando da mesma forma, como o caso anterior, o cuidado das crianças ou atender aos visitantes em simultâneo com as tarefas da habitação.

Precedentemente, a iluminação da habitação é dependente da relação na maior ou menor permeabilidade do espaço com o exterior e com os espaços que o antecedem ou precedem, uma vez que são interligados às divisões sociais e íntimas que abrange a casa. Ambas casas analisadas apresentam uma dependência crucial da luz em relação à permeabilidade com o exterior, essa interligação não é limitada às zonas sociais, abrangendo, por sua vez, a toda a habitação. Na Casa da Ana essa relação é apresentada de forma imediata ao entrar, onde o habitante é recebido pela paisagem e iluminação constante, estendendo-se por todos os ambientes. O horizonte torna-se parte do habitar

criando uma atmosfera e sensação de abertura e vínculo. Na Casa-Atelier a forma como a iluminação entra nos espaços é mais dinâmica e sutil, a arquiteta projetou os ambientes de modo que a luz e as cores mudem constantemente, retratando o trajeto do sol. Deste modo, a habitação é capaz de redefinir-se ao longo do dia e do ano, apresentando uma interação constante e vibrante entre os espaços internos e externos.

Esta relação com o exterior encontra-se vinculada com os espaços de transição. Estes espaços apresentam um potencial relacionado com o aspeto de resultarem da interligação de funções, permanência e passagem, salvaguardando a flexibilidade de uso. Estes podem atuar de forma complementar ao espaço doméstico, conforme a configuração, posicionamento ou materialidade que apresentem, aprimorando e contribuindo o quotidiano dos habitantes. O papel dos espaços de transição, anteriormente mencionados, como espaços de passagem ou permanência, nas obras analisadas, refletem uma abordagem mais sensível à arquitetura. Em ambas casas foram projetados, não apenas como passagens, mas como lugares de encontro, de armazenamento, de pausa ou de contemplação, revelando uma valorização das relações da vida interior e um maior conforto na vivência quotidiana dos habitantes.

Conforme mencionado, os corredores nas habitações são determinantes das vivências que podem surgir, dependendo da dimensão e forma que apresentem. Se estes espaços forem desprovidos de uso, tornam-se inertes sem aproveitamento e sem valor. Para um corredor propiciar algum tipo de vivência deve comportar uma configuração que inclua mobiliários que sejam funcionais, como um banco para relaxar ou observar, além de janelas que permitam a entrada de luz, estabelecendo alguma relação com “to do something with” (Pennartz, 1999, p. 105).

Os espaços de transição tornam-se relevantes enquanto a arquitetura doméstica com perspectiva de género consegue questionar o papel da mulher. A arquitetura contemporânea, ao apresentar espaços de transição, oferece uma nova visão, a incorporação de varandas e terraços atuam como extensões do espaço privado, permitindo a conexão das mulheres com o ambiente ao seu redor, a comunidade e a via pública, sem a necessidade de sair de casa. Essa conexão externa traz uma nova sensação de autonomia e visibilidade, um aspeto que os modos tradicionais não proporcionavam. Estes espaços abertos, para além de serem considerados simples acréscimos, conseguem resultar em lugares de trabalho, convivência, lazer ou até para jardinagem, fomentando as funções que podem ser realizadas na casa. A presença dessa flexibilidade induz a ideia de que o envolvimento feminino não é restringido às atividades domésticas, abrindo caminho para novas possibilidades. Contudo, além das questões de género, os espaços de transição oferecem de forma significativa uma melhoria na qualidade de vida, concedem fatores como a entrada

de luz natural e a ventilação que favorecem a criação de ambientes mais saudáveis e agradáveis. Assim como, a conexão com a natureza e o ciclo das estações favorece o bem-estar físico e mental, reafirmando que o projetor da habitação deve atender de maneira integral e humanizada às pessoas que nela habitam.

Relativamente as bases teóricas indicam que um melhor aproveitamento do espaço proporciona um melhor conforto, à vista disso é essencial que a organização interna da habitação seja de acordo a suprir as necessidades do habitante, como a higiene, bem-estar e comodidade. Desta forma, o mobiliário tem uma parte fundamental na organização do espaço, um exemplo disso são os armários embutidos que facilitam a apropriação e uso pelos habitantes. Assim como também, a circulação interna é um princípio para uma maior flexibilidade e gerador de conforto, esta é criada pela configuração que apresentam as divisões na habitação. As plantas das habitações estudadas apresentam zonas que servem de apoio a estes espaços de circulação para garantir um melhor conforto, como denotamos na casa-atelier, todos os espaços de circulação comportam pequenas áreas (Fig. 81), que para além de servirem de apoio, podem ser usadas para outros propósitos. Na Casa da Ana encontra-se integrada na composição da sala uma pequena área complementar para proporcionar conforto (Fig. 82), e na zona privada esta zona de apoio (Fig. 83), comporta a incorporação do mobiliário, um elemento que evidencia o esforço em tornar o ambiente doméstico o mais eficiente e lógico possível.

No que se refere a sala, na casa da Ana, funciona como uma zona de transição e convivência, conectando o *hall* de entrada ao *hall* dos quartos (Fig. 84). A movimentação entre os dois níveis não é autónoma, uma vez que o diálogo entre eles depende da utilização deste espaço social. A ligação entre os dois pisos ocorre de forma pacífica, deslocando-se da sala, percorrendo a escada que leva até ao *hall* dos quartos. Existindo uma transição gradual entre os espaços e as suas dimensões, permitindo que a zona dos quartos não seja de tudo afastada das interações da área social. No que diz respeito a Casa-atelier, a sala, também atua como espaço de transição e ligação horizontal, comporta uma convergência entre as áreas organizadas à volta, que apresentam um carácter social, transitório, ou de permanência. Contudo, o núcleo de circulação vertical, é um espaço fechado que comporta uma pequena área complementar para proporcionar um maior conforto a quem o usufrui.

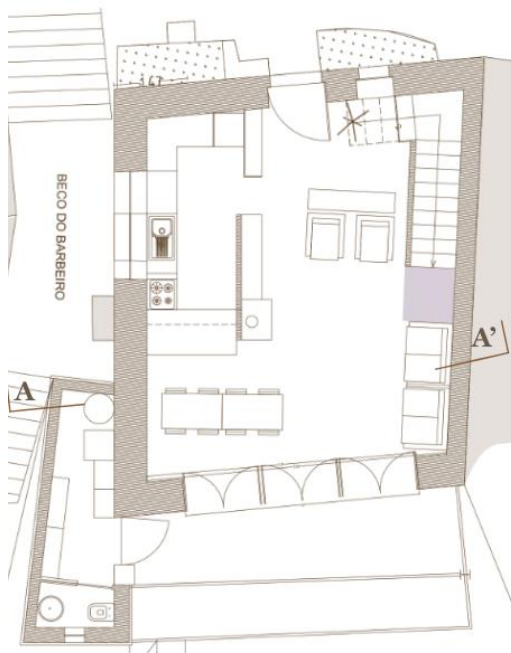
A organização do espaço e disposição do mobiliário desempenham um papel importante na vivência da casa, uma vez que em concordância com Tim Putnam (1999, p. 144), “Home and furniture arrangements by their emphatic presence structure and support home life more explicitly”. Essa reflexão aponta para a organização, tanto dos espaços de transição como o mobiliário. Os espaços de transição no sentido de poder abrir e fechar



Áreas de apoio

Fig. 81- Planta com áreas de apoio.

Imagem da Autora



Áreas de apoio

Fig. 82- Planta piso 1.

Imagem da Autora

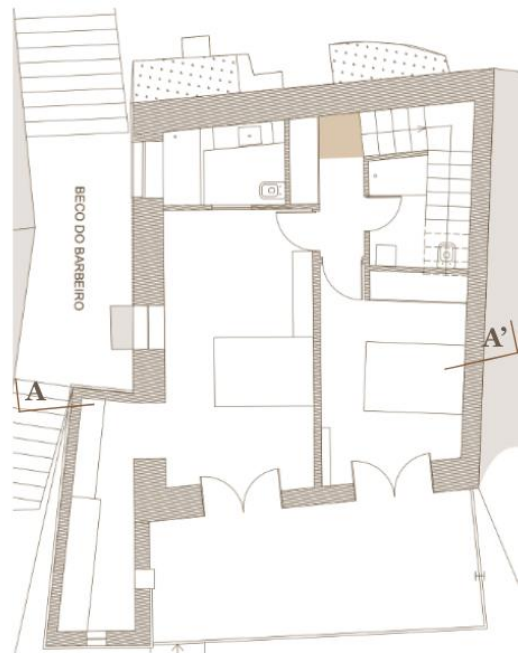


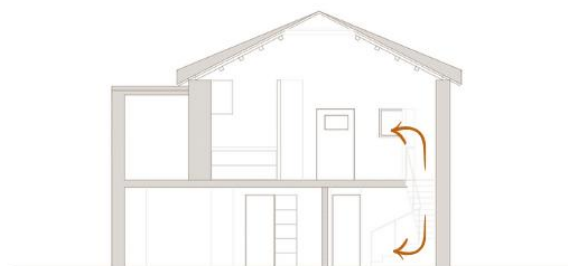
Fig. 83- Planta 0.

Imagem da Autora

Relação vertical

Fig. 84 Secção AA'.

Imagem da Autora



espaços, criando relações entre si, assim como o mobiliário consegue transmitir sensações através da sua disposição, como, por exemplo, uma cadeira em direção à paisagem cria um ambiente de contemplação ou sofás posicionados em direção à televisão. Esta organização é pensada com o propósito de estes móveis criarem ambientes de convívio, lazer, contemplação ou de relaxamento, comportando-se como influenciadores de dinâmicas sociais, uma vez que ocasionam ações, formas de uso e interações familiares. Os móveis têm a função de indicar a finalidade de um determinado espaço, atuando como orientadores de uso, evidenciando como a vida doméstica deve ser abordada.

À vista disso, no que diz respeito à configuração das salas de cada caso de estudo, estas compreendem um grau de relações físicas e diretas com os restantes espaços à volta, as áreas de circulação que estão presentes são diluídas e contidas neste espaço comum central. Na casa atelier este espaço social é contido por paredes, comportando móveis que para além do seu uso formal comportam um uso de “divisão”, como, por exemplo, existe uma mesa que separa a zona do espaço social da zona de jantar e umas cadeiras usadas para a divisão destas duas zonas (social e jantar) para uma zona de contemplação (Fig. 77). Contudo, na casa da Ana, contrariamente da casa-atelier, são utilizados alguns conjuntos, como mobiliário, prateleiras ou cadeiras (Fig. 78), que possibilitam o encerramento deste espaço social, proporcionando algum grau de privacidade, mantendo, simultaneamente, a permeabilidade do espaço.

Portanto, como o espaço doméstico é organizado vai além de uma questão funcional ou estética, esta representa um reflexo das interações sociais, especialmente no que se refere às relações de género. A forma como os limites dos domínios privados e públicos são estabelecidos, assim como também, a configuração dos espaços de transição, como corredores, *halls*, varandas, ou a ligação entre a cozinha e a sala, comportam um encontro direto na visibilidade e no valor do trabalho doméstico, assim como na negociação dos papéis entre os casais. Os autores estudados destacam a importância na disposição do mobiliário como instrumento gerador de vivências, atuando como um cenário onde são encontrados tradições e escolhas modernas. Desta forma, a mudança da habitação contemporânea representa uma tendência de abertura e informalidade que facilita novas formas de interação social mais equitativas. A presente dissertação é encarada como um *despertador* de consciência, permitindo a atuação de um projetar mais atento, promovendo uma arquitetura que incremente o contacto social entre os habitantes.

Considerações finais

A finalidade deste trabalho foi dar a investigar os espaços de transição como geradores de vivências e articuladores de uma arquitetura doméstica que tenha também como fator principal o gênero como resposta às premissas propostas. Para isso foi percorrido a um percurso no âmbito teórico para a fundamentação da pesquisa, tanto dos espaços de transição como o espaço doméstico e como estes se relacionam entre si com a finalidade de perceber quais são as vivências que estes ambientes podem gerar tendo como base a perspectiva de gênero.

A análise realizada num âmbito teórico sobre os espaços de transição, salienta autores como Aldo van Eyck e Herman Hertzberger para um melhor entendimento deste conceito. Como estudado, os espaços de transição são geralmente definidos como espaços de distribuição e organização espacial, uma vez que incorporam o espaço percorrido entre dois ambientes, ocasionando um sentido de circulação. Estes espaços, para além da função descrita, podem acomodar lugares de permanência, de estar, de relação social, são capazes de gerar inúmeras funções, ocorrido pela diversidade de articulações que podem realizar. Por conseguinte, nos espaços de transição distinguem-se em dois tipos de atuação, um que atua como espaço percorrido, de passagem e outro com maior essência de estar, de permanência.

No campo teórico é evidente que os espaços de transição não devem ser vistos como simples espaços de passagem, mas sim como componentes essenciais na vida, uma vez que, são capazes de criar lugares de permanência e influenciar as práticas sociais e funções de gênero. Estes espaços, podem ser articulados e organizados de diversas formas, portanto, exigem um diálogo com a antropologia, de forma a entender como as pessoas habitam e apropriam-se do mesmo, e por sua vez, da sociologia com o intuito de refletir as hierarquias e relações sociais, assim como também da forma como estes ambientes reforçam ou atendem aos papéis de gênero. Como foi denotado, estes espaços de transição conseguem articular-se de forma a criar lugares funcionais, e são dispositivos de ligação, interação e mediação entre privado e público.

No contexto da arquitetura doméstica, o estudo teórico abrangiu autoras que serviram como base tais como Irene Cieraad, Judy Attfield e Zaida Muxí, defendendo que as casas permanecem como reflexos de identidade e dinâmicas sociais reveladas na forma de organização e utilização dos espaços. Na habitação foi possível constatar a ocorrência de vários tipos de espaços de transição, organizados de forma distinta para o que conhecemos hoje. Em tempos, a habitação foi organizada segundo prioridades sexistas,

espaços pouco salubres, pouca ou nada relação com o exterior, ou espaços que não foram pensados na pessoa que nele trabalha. As mulheres eram as responsáveis pela realização das tarefas domésticas, atualmente, ainda existem casos que esta diretriz é mantida, o que ocasiona a não vivência destes espaços de transição, ou por vezes considerados como espaços de mais trabalho.

A articulação destes espaços de transição é dependente da forma de estruturação da habitação, muitas vezes organizada com uma rigidez funcional e é, em boa parte, fruto das premissas que definiram o modelo tradicional. Este modelo é fortemente influenciado por uma lógica funcionalista que, longe de ser neutro, se revelou incapaz de acomodar múltiplos usos, estilos de vida variados e, acima de tudo, uma abordagem crítica dos estereótipos de gênero que reconheça as interações sociais no contexto doméstico. Essa rigidez é refletida na organização interna das habitações: a qualidade das divisões, a hierarquia dos espaços e o fluxo de circulação tornam-se elementos cruciais que impõem funções fixas, frequentemente inadequadas às verdadeiras necessidades dos habitantes.

No que se refere a vivência dos espaços de transição sob uma perspectiva de gênero, a análise das obras assumiu uma grande relevância uma vez que, estas áreas articulam os espaços criando ambientes que não são de tudo fechado, admitindo diversas vivências, assim como a relação com o exterior e interação social entre as pessoas. Este é um tema importante uma vez que, como foi revelado ao longo da dissertação, as necessidades das mulheres foram esquecidas no espaço da habitação e estas reflexões são renomeadas pertinentes no âmbito da projeção do espaço da habitação. Neste sentido, foram abordadas obras que foram projetadas por arquitetas e a análise das mesmas, observando quais foram as premissas iniciais e os aspetos necessários para a projeção destes espaços de transição.

Com base nos projetos analisados – a Casa Atelier da arquiteta Desirée e a Casa da Ana da arquiteta Ana Cunha –, estes evidenciam desenhos de organização e, por sua vez, espaços de transição diferenciados. Não obstante, revelam particularidades semelhantes, a nível da organização espacial, incorporando espaços de permanência que apresentam uma relação com o exterior. Contudo, estes espaços geram diversos níveis de privacidade, sendo mais públicos ou mais privados, expondo distintos domínios de uso, traçando novas narrativas de permanência. Estes ideais foram evidenciadas nas duas habitações, ambas as arquitetas apresentaram um “querer” na relação direta com o exterior no espaço da habitação. No que se refere à casa da arquiteta Ana Cunha, esta cria um espaço de transição no acesso principal, como referido anteriormente, com o posicionamento de um muro. Estes pequenos gestos fazem a diferença na forma de projetar a habitação, e refletindo-se nos tipos de vivências que se podem gerar no momento de habitar a casa.

Estes projetos apresentavam perspectivas de gênero, como a unificação de espaços antes separados por delimitações construtivas, criando espaços onde as tarefas pudessem realizar-se com as áreas onde procedem às relações sociais, ocasionando ambientes de permanência. Espaços anteriormente considerados de mais trabalho, delimitados pelas funções que a mulher tem de exercer, agora são abertos e livres de uma função rígida, e propícios a gerar diversas funcionalidades.

Além de reconhecer essas causas, tanto na teoria quanto no projeto, é essencial sugerir um novo enquadramento que tenha como base a ideia de versatilidade e adaptabilidade, servindo ao mesmo tempo, como uma crítica ao tradicionalismo e como alternativa. Essa nova abordagem permite destacar a obsolescência dos modelos tradicionais, evidenciando a urgência de reconsiderar o habitar sob a luz de igualdade entre mulheres e homens. Assim, a crítica da arquitetura doméstica tem o potencial de trazer contribuições valiosas, apresentando soluções espaciais que sejam mais adaptáveis, inclusivas e aptas a atender às exigências da vida doméstica contemporânea, especialmente no que se refere às questões que surgem da ligação entre espaço e gênero.

A arquitetura doméstica deve contribuir para transformar as relações sociais, criando cenários de maior equidade e participação partilhada nas tarefas domésticas e na vivência doméstica. No decorrer do trabalho, foi discutido que a organização da habitação é o principal aspecto a considerar na projeção de uma casa, visto que, consegue gerar diversas vivências dependendo da disposição dos espaços e do mobiliário. A casa, entendida como um programa arquitetônico fundamental, revela-se como um sistema espacial ativo na construção e na manutenção de normas culturais, com os espaços de transição servindo como ambientes privilegiados para observar as interações entre o interior e o exterior, o público e o privado, o masculino e o feminino. Esta articulação de espaços, assim como responder às necessidades do cliente, são aspectos onde a mulher é colocada como fator principal da resolução das premissas colocadas.

A arquitetura doméstica é centrada na funcionalidade e na dimensão prática do projeto habitacional, afastando-se das ciências sociais, e para compreender o espaço doméstico implica ir além do desenho arquitetônico e considerar entrevistas, observação de usos quotidianos, vivências, entre outros. Estas abordagens podem ser benéficas na hora de projetar habitação, uma vez que, é possível reconhecer as hierarquias de gênero e padrões culturais específicos, assim, no momento de conceção da habitação têm-se em consideração dimensões que criem espaços mais inclusivos, capazes de responder a diferentes configurações familiares e a diversos modos de vida. Além disso, permite reconsiderar os espaços de transição, como ambientes de flexibilidade e interação social, onde surgem novas formas de convivência. Desta forma, a perspectiva interdisciplinar, além de

ampliar o âmbito de estudo, também enriquece o processo de projeção, tornando a habitação mais adaptável e alinhada com os desafios atuais. Esta integração ajuda a pensar em modelos mais equitativos de habitar, tornando a arquitetura num instrumento de transformação cultural.

A casa apresentada como elemento articulador de relações de género deve, portanto, ser pensada na sua configuração espacial considerando ser é importante refletir sobre alguns aspetos relacionados com a vivência dos habitantes, tais como: 1. Quem são os habitantes: trata-se de uma família, um casal, ou quantas pessoas iriam habitar na casa; 2. Ocupação: trabalham fora ou dentro de casa? Por quanto tempo permanecem em casa diariamente; 3. Ambientes: como são valorizados os espaços da sala, da cozinha e o jardim? Para abordar estes pontos, é essencial considerar como princípio o modelo familiar que ocupará o espaço, tendo em conta a importância atribuída a cada ambiente em função das rotinas e necessidades que emergem ao longo do tempo. A partir destas reflexões, podem surgir novas questões relativamente à relação dos espaços destinados ao trabalho doméstico com outras áreas sociais, como, por exemplo, uma relação direta da cozinha com a sala, ou uma relação direta com o espaço exterior. Além disso, este aspeto pode suscitar questões como: qual é a melhor organização da casa para otimizar o tempo? De que forma é possível valorizar a quem realiza as tarefas domésticas, garantindo uma equidade na distribuição de tarefas. Como mencionado anteriormente, uma relação direta das áreas que carregam trabalho domésticos com áreas sociais, permite evidenciar as atividades envolvidas nesse ambiente, o que, por sua vez, promove reflexões sobre a qualidade de vida e sugere novas formas de organização o espaço.

Sob uma ótica projetual, essa reflexão indica a necessidade de desenvolver habitações adaptáveis, que sejam sensíveis às mudanças nos modelos familiares e às diversas formas de habitar no mundo contemporâneo. O estudo das obras das arquitetas, no presente trabalho, evidenciou a importância de espaços flexíveis e inclusivos, os quais acolhem as rotinas diárias sem acentuar desigualdades, promovendo, ao contrário, a equidade no uso do espaço. É igualmente vital conferir aos espaços de transição um carácter social e relacional, reconhecendo-os como locais de encontro, integração e compartilhamento, e não apenas como partes residuais do projeto arquitetónico.

A casa da arquiteta Desirée Pedro, mesmo que fosse oriunda de épocas passadas comportando uma organização espacial tradicional, a arquiteta não suscitou na destruição dessas divisões de géneros e estruturar espaços que propiciem novas formas de habitar. Evidenciando que é uma escolha dos arquitetos/clientes a forma de como articular os espaços e uma opção de continuar ou não com espaços que eternizem uma organização

tradicional. Esta evolução da articulação do espaço da cozinha e dos espaços sociais, evidência a influência à sociabilidade e as negociações de gênero no contexto doméstico, assim como também existe uma relação com os espaços de transição.

Esta forma de entender os espaços de transição e as vivências é propícia para gerar nas novas formas de organizar as áreas, e entender que estes ambientes podem ser articulados de forma a pensar no gênero, para novas formas de vivências do mesmo. Assim como podem servir de palco de negociações, como, por exemplo, os corredores, varandas, cozinhas abertas ou salas versáteis tornam-se em lugares onde existe a negociação dos papéis de gênero. Estes espaços, pensados como zonas versáteis, que comportam mobiliário, que sirvam de apoio para quem percorre o espaço e organizados de forma a articular aberturas para ter uma relação direta com o exterior, geram um vínculo, propiciando o convívio, a interação social com o público, como por exemplo: uma cadeira ou um muro à porta é um objeto que convida a estadia, ou ao sustendo de uma pessoa cansada, assim como pode proporcionar outras vivências pensadas no momento da projeção da habitação.

O propósito do trabalho foi refletir uma equidade na organização da habitação, articulando espaços de transição como mediadores para uma incorporação de uma abordagem de gênero como um critério evidente no processo de projeção arquitetônica, e não um resultado acidental ou implícito. Embora, existam alguns avances alcançados, este trabalho acadêmico abre espaço para novas perguntas que requerem uma análise mais aprofundada. Como devem ser abordadas questões como a mudança das vivências habitacional e a divisão de responsabilidades de gênero em decorrência das novas tecnologias digitais e do trabalho remoto? De que forma as diversas realidades culturais e geográficas estão a alterar a utilização e a interpretação dos espaços de transição? Além disso, qual é a influência das exigências de sustentabilidade ambiental na proposta habitacional e na reformulação das práticas domésticas e das interações sociais? Estas questões revelam a complexidade do tema e enfatizam a necessidade de dar continuidade à investigação, destacando que uma casa, além de ser um abrigo, representa um espaço dinâmico em constante evolução, onde são continuamente realizadas interações entre a arquitetura, gênero e modos de vida.

Conclui-se que, a integração de espaços de transição numa estratégia de projeto poderá ser um contributo para resolver uma situação de maior complexidade a nível programático na articulação das diferentes áreas de uma residência doméstica e da mesma forma, como estas áreas se articulam e interagem com o espaço exterior, tendo em conta o gênero como principal premissa.

Bibliografia

Alvar Aalto Foundation. (2017). *The Aalto House* [Página institucional / biográfica]. Obtido 26/07/2025 de <https://www.alvaraalto.fi/en/architecture/the-aalto-house/>

Antunes, L. P. G. (2015). A Arquitetura Nunca mais será a Mesma. Considerações sobre género e espaço(s). *URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade*, 7(2), 22. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/320543129_A_arquitetura_nunca_mais_era_a_mesma_consideracoes_sobre_genero_e_espacos

Attfield, J. (1999). Bringing Modernity Home. Open plan in the British domestic interior. Em *At Home. An anthropology of domestic space* (Irene Cieraad, pp. 73–82). Syracuse University Press.

Carvalho, C. S. J. (2023). *A Influência do Espaço nas Experiências Multissensoriais* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusíadas do Porto. Obtido de <http://hdl.handle.net/11067/7631>

Casa Atelier by Inês Lobo. (2021, fevereiro 27). [Website institucional / corporativo]. Obtido 23/07/2025 de <https://architectureaward.bigmat.com/pt/casa-atelier-by-ines-lobo-arquitectos-6/>

Chivers, H. (2025, maio 23). *How Older Women's Co-Housing made New Ground* [Revista de arquitetura]. Obtido 25/07/2025 de <https://www.architectsjournal.co.uk/buildings/revisit-how-older-womens-co-housing-made-new-ground>

Cieraad, I. (Ed.). (1999). *At Home: An Anthropology of Domestic Space* (1999.^a ed.). Syracuse University Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1w36pj9>

Ferraz, P. (2020). *Casa Corvo*. Obtido 19/02/2025 de <https://www.atelierdocorvo.com/project/casa-corvo/>

Ferreira, J. C. T. (2016, julho). *Entre a Janela e o Corpo. As relações de género no limiar da habitação* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra. Obtido de <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/32949>

Gil Guinea, L. (2016). *Lugares intermedios : la «filosofía del umbral» en la arquitectura del Team 10* (Tese de mestrado). Universidad Politécnica de Madrid. <https://doi.org/10.20868/UPM.thesis.43751>

González, A. (2018, dezembro 1). *Sobre la casa de Aldo y Hannie van Eyck en Loenen aan de Vecht por Alejandro Campos*. *Metalocus*. Obtido 06/10/2025 de <https://www.metalocus.es/es/noticias/sobre-la-casa-de-aldo-y-hannie-van-eyck-en-loenen-aan-de-vecht-por-alejandro-campos>

Guimarães, M. J. C. de S. (2021, setembro 17). *Habitação Social sob a Perspectiva de Gênero. Conjunto habitacional Carmen Portinho* (Monografia). Universidade Federal do Tocantins. Obtido de <http://hdl.handle.net/11612/3491>

Hertzberger, H. (1996). *Space and the Architect. Lessons in architecture 2* (Livraria Martins Fontes Editora Ltda). Martins Fontes.

Janjusevic, B. (2020, dezembro 24). *Aino Aalto, the Aalto House and the elastic standardization*. Obtido 16/09/2025 de <https://hiddenarchitecture.net/aino-aalto-the-aalto-house-and-the-elastic-standardization/>

Lidón de Miguel, M. (2015, setembro 30). *Aldo van Eyck y el concepto In-between: aplicación en el Orfanato de Amsterdam* (Grado em Fundamentos da Arquitetura). Universidade Politécnica de Valência. Obtido de <https://riunet.upv.es/entities/publication/15b59757-4e0a-4f8f-8d36-4c259c415c08>

Lima, J. S. de. (2023). *A casa da mulher no Fundão. Arquitetura, migração e pertença* (Dissertação de Mestrado). Universidade da Beira Interior. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.6/13980>

Machado, S. M. F. (2011, junho 9). *O Espaço das Mulheres na Arquitectura* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Gallaecia. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.26/8674>

Martins, F. D. (2010, outubro). *A Forma e a Função. Um sistema de legitimação no modernismo* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Belas-Artes de Universidade do Porto. Obtido de <https://www.proquest.com/openview/8b0c5245c60012c00d1e1bfd12c9fa4/1?cbl=2026366&diss=y&pq-origsite=gscholar>

Miranda, A. S. (2021, outubro). *Pensar no limiar em arquitetura. Uma discussão do limite edificado como possibilidade e compromisso através de três casos* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra.

Moisset, I. (2015, agosto 16). *Franziska Ullmann 1950* [Entrada de blogue / texto biográfico]. Obtido 25/07/2025 de <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/08/16/franziska-ullmann-1950/>

Monagas, R. O. de L. (2021, setembro 7). *The Alvar Aalto House in Helsinki* [Página institucional / biográfica]. Obtido 25/07/2025 de <https://archeyes.com/the-aalto-house-alvar-aalto/>

Muxí Martínez, Z. (2018). *Mujeres Casas y Ciudades. Más allá del umbral*. dpr-barcelona.

Narciso, C. F. (2024). Público y Privado en la Teoría Feminista. Disrupción de la hegemonía de género en la arquitectura y el urbanismo. *Investigaciones Feministas*, 15(2), 327–338. <https://doi.org/10.5209/infe.88102>

Neto, A. C. (2024, agosto). *Ana Cunha e a arquitetura em contexto municipal: Percorso e prática no interior de Portugal* (Dissertação de Mestrado). Universidade da Beira Interior. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.6/14468>

Pennartz, P. (1999). Home. The experience of atmosphere. Em *At Home. An anthropology of domestic space* (Irene Cieraad, pp. 95–106).

Pimenta, M. I. R. (2018, novembro 7). *O desenho e o uso dos espaços intermédios em edifícios de habitação plurifamiliar. Casos de estudo no pós-guerra na Europa enquanto laboratório* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Belas-Artes de Universidade do Porto. Obtido de <https://hdl.handle.net/10216/120564>

Pinheiro, S. M. (2018, março 21). *Arquitetas: superar a invisibilidade. Reconhecimento de Mercês Vieira e Desirée Pedro na Arquitectura Portuguesa*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra. Obtido de <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/81530>

Putnam, T. (1999). «Postmodern» Home Life. Em *At Home. An anthropology of domestic space* (Irene Cieraad, pp. 144–152). Syracuse University Press.

Rendell, J., Penner, B., & Borden, L. (2000). *Gender Space Architecture. An interdisciplinary introduction*. Taylor & Francis Group.

Rodrigues, M. J. O. F. (2015, julho 1). *O desenho da casa em Aldo Van Eyck: reflexão sobre a construção espacial nas habitações unifamiliares* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Belas-Artes de Universidade do Porto. Obtido de https://sigarra.up.pt/reitoria/pt/PUB_GERAL.PUB_VIEW?pi_pub_base_id=36310

Rosas, J. B. (2023, julho 13). *Entre-Espaço: Arquitetura, Imagem e Experiência* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Belas-Artes de Universidade do Porto. Obtido de <https://www.proquest.com/openview/d46c510135f4307eb7174017609e175d/1?cbl=2026366&diss=y&pq-origsite=gscholar>

Rosselin-Bareille, C. (1999). The Ins and Outs of the Hall. A parisian example. Em *At Home. An anthropology of domestic space* (Irene Cieraad, pp. 53–59). Syracuse University Press.

Rybczynski, W. (1986). *Home. A short history of an idea*. Viking Penguin Inc.

Silva, A. C. B. (2013, novembro). *A organização interna da casa. Entre a rigidez e as possibilidades funcionais na habitação* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.5/6660>

Teyssot, G. (2011). Aldo van Eyck and the Rise of an Ethnographic Paradigm in the 1960s. *Joelho - Journal of Architectural Culture*. https://doi.org/10.14195/1647-8681_2_5

Trofimenko, N. (2019, janeiro). *Para uma maior vivência nos espaços de transição centro multifuncional sénior inserido na paisagem de alburrica* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.5/18085>

Valentim, M. G. (2014). *Um Olhar Sobre a Evolução do Espaço da Cozinha e o Contributo da Mulher* (Tese de mestrado). Universidade de Lisboa. Obtido de <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/11532>

Vranken, A. (2018). *Des Béguinages à l'architecture Féministe. Comment interroger et subvertir les rapports de genre matérialisés dans l'habitat ?*

Apêndice- Entrevistas

I| Entrevista realizada a Desirée Pedro (online)

Tempo de gravação: 0:59:46

Realizada em 9 de julho de 2025

Ronelxy Zarate: Com a sua permissão, vou dar início à gravação e à entrevista realizada. Então, para ter uma contextualização mais pessoal e profissional, quais foram as suas motivações para estudar arquitetura?

Desirée Pedro: Bem, eu durante alguns anos hesitei entre ir para a pintura e para a arquitetura. Aliás, até ao terceiro ano de arquitetura, eu achava que ainda ia mudar para pintura. Entretanto, acabei por optar por ficar, e acho que fiz a escolha certa. Mas talvez essa indecisão entre querer ser pintora e querer ser arquiteta tenha estado sempre presente naquilo que faço. Isto é, a maneira como os artistas vêem o espaço, pensam o espaço, foi fundamental para mim. É muito importante para mim, e de algum modo, eu ter esta vontade de estar atenta ao que eles produzem, ao que eles fazem, foi sempre uma coisa em que andei, no meio de.

Há bocado quando estava a falar dos passos de transição achei graça, porque se calhar é um bocadinho isto. Eu gosto destas coisas que não estão fechadas, que não estão fechadas numa gaveta, que não estão fechadas numa definição, nesta possibilidade de se contaminarem, de se diluírem. E esta visão que as artes plásticas têm, de algum modo, talvez tenha influenciado a arquitetura que me interessa fazer e da qual eu gosto. E, no fundo, eu trabalho com o Carlos Antunes, que também tem uma visão absolutamente igual à minha, só que ele queria ser escultor, a diferença é essa.

Ronelxy Zarate: É parecido, sim.

Desirée Pedro: Este não encerramento, este não estar fechado, esta possibilidade de as coisas não terem uma definição, não terem um limite marcado, acho eu que é isso.

Ronelxy Zarate: Vou passar para uma questão com foco no desenvolvimento e intenções do projeto. Quais foram as premissas iniciais do projeto da casa?

Desirée Pedro: A casa foi um projeto que se fez durante, e ainda não está acabado. Começou quando viemos para cá, em 1996 e que todos os dias discutíamos o programa,

todos os dias discutíamos as soluções. E tínhamos discussões acesas sobre o que é que havia de ser este espaço, o que é que havia de ser aquilo, porque esta casa era uma casa de férias, ou seja, já não era. Ela foi habitada, mas depois esteve muitos anos desabitada e passou a ser usada sazonalmente, no verão, portanto, a casa não estava preparada para um tempo frio, para a vida contemporânea. Era uma casa de campo que ainda tinha lojas para guardar, já não animais, mas o que a terra produzia, que também já não produzia, mas ainda tinha esses espaços, portanto, isso foi sempre muito discutido.

Nós, quando viemos viver para aqui, queríamos, ao mesmo tempo, que o nosso ateliê fosse na casa, portanto tomámos a decisão que o ateliê seria na parte das lojas e a casa se desenvolveria no piso superior. As lojas estão na cota térrea, mas ligeiramente abaixo, o que implicou também que houvesse, por causa do conforto do pé direito, que é baixo, um aumento. Tinha de ter mais dimensão do que uma loja precisa ter, uma loja para arrumar coisas, então isso também obrigou a escavar, mas isso foi um processo que foi muito longo, portanto de 96 até agora.

As principais obras ocorreram em 2008, ainda não terminaram, há sempre coisas para acabar, coisas para arrematar, pavimentos que ainda não estão feitos e por aí fora. Mas foi um processo muito, muito longo, o que nos permite ir resolvendo zonas, e nós entendemos, e ao mesmo tempo, aquelas discussões que vamos tendo e pensando o programa, ele nunca é fechado, porque nós vamos resolvendo. Agora vamos resolver este espaço, e, quando o terminamos, levanta-nos outras possibilidades, e então dizemos, agora se calhar já não tem sentido aquilo que tínhamos pensado no outro.

Nesse sentido, é um projeto muito orgânico e participado, evidentemente, nós somos cliente e arquiteto, simultaneamente, e aquilo que muitas vezes trabalhamos com os clientes, que é perceber o que é que eles querem, como foi muito distinguido no tempo, permite-nos ir mudando muitas vezes de opinião. E ao fazer a obra, percebemos também muitas vezes algumas das necessidades se alteravam. Portanto, nesse sentido é um projeto muito orgânico, ele também é um laboratório, porque nos permite experimentar sistemas construtivos, tecnológicos, materiais, espaciais, plásticos, que não podemos experimentar com outras obras. Nós fazemos muito obra pública, e isso não é possível, e também nas obras privadas não há esse tempo.

E também tem a vantagem de nós podermos falhar, e ao falhar acabamos por descobrir muitas, quando eu digo “falhar”, é, estamos a experimentar, sem estar preocupados, se vai ficar bem, se vai ficar mal. Nesse sentido, percebemos que as coisas depois ficam de uma maneira imprevisível, não era exatamente aquilo que prevíamos, e isso depois mostra-nos outros caminhos a seguir, e outras possibilidades. Nesse sentido, é o nosso

laboratório de experimentação, e como vai sendo feito ao longo do tempo, permite-nos experimentar muitas coisas. E não estamos preocupados em marcar um tempo, a coerência de uma linguagem daquele tempo, nada disso, estamos a divertir e à procura.

Ronelxy Zarate: Gostei da forma em que falou das premissas. Passo à seguinte questão, quais foram as inquietações para optar por este lugar e, mais para projetar a sua própria casa?

Desirée Pedro: Como disse, esta casa era uma casa de família, tinha uma ocupação sazonal, e que deixou de ter. Nós estudámos, tanto o Carlos como eu, estudámos no Porto, e já vínhamos aqui passar férias, esta casa era da tia do Carlos, e nós, a certa altura, decidimos que não queríamos ficar a viver nem no Porto, nem em Coimbra, nem em Lisboa. Em princípio, voltaríamos para Coimbra, e se quiséssemos voltar, mas achámos que não, e pareceu-nos que esta casa era perfeita, porque era um projeto aberto, estava completamente em aberto, e podia ser ocupada por nós.

Depois, havia aqui uma coisa que nos entusiasmava, eu estou a olhar para aqui porque estou a olhar para o jardim, havia uma coisa que nos entusiasmava imenso, que era, esta casa tinha uma área bastante generosa de jardim, mas já não tinha jardim. E então nós achámos que esta casa, além de poder ser ocupada por nós e passar a ser o nosso lugar de trabalho, e de vida, também podíamos ver crescer o jardim. E então começámos, o que nós fizemos quando chegámos cá, porque achávamos que as árvores iam demorar muito tempo a crescer, e demoram, efetivamente demoram, mas não tanto como nós pensávamos. Nós pensávamos que nunca íamos ver as árvores grandes, e agora temos uma floresta, começámos pelo jardim, a nossa primeira obra, em vez de fazer casas de banho, arranjar janelas, telhado, que chovia, não, começámos pelo jardim. Portanto, vamos nos concentrar naquilo que demora muito tempo, e começámos pelo jardim. E depois é que passámos para a casa, e começámos com pequenas obras, fazer uma lareira, por exemplo, que a casa não tinha, e era muito fria, clarificar um acesso, que permitia ligar o piso de cima ao piso de baixo, quer ao escritório, e por aí fora.

Porque é que tomámos a decisão de trabalhar aqui? podíamos ter um escritório noutra sítio, mas nós nunca separámos, se calhar bem, se calhar mal, não sei, nunca separámos a vida do trabalho e o trabalho da vida, está tudo misturado. E a ideia de que “trabalho das nove às cinco num sítio, e depois vou para casa”, para nós, não tinha sentido, e neste sentido, a casa e o escritório era um contínuo, de espaço e de tempo. Claro que não estamos permanentemente a trabalhar, mas há esta possibilidade, se me apetece, se um de nós quer descer para ir ver um livro, para fazer um desenho, para fazer o que quer que seja, há esta possibilidade de estar. Não tem de sair, não tem de ir apanhar um transporte

público, ou ir de carro para um sítio que está longe, a nós não nos interessava isso, não quer dizer que isso esteja mal, nada disso, eu não estou a dizer juízes de valor, nem estou a dizer que o que nós fazemos está bem, nada disso, nós é que não queríamos fazer isso.

E pareceu-nos que, ao escolhermos o Corvo, era o Corvo para viver e era o Corvo para trabalhar, toda a gente, no princípio, dizia e nos vaticinou a impossibilidade de termos trabalho, porque estávamos perdidos no meio de um vale entre montanhas. Mas nós sempre tivemos muita mobilidade, portanto, o local para nós não era importante, aliás, porque quando viemos para cá, começámos a fazer logo concursos para fora de Portugal. Trabalhámos com um amigo que estava na Suécia, e fizemos um concurso com ele, utilizando a tecnologia que havia na época, mas que nos permitia trabalhar à distância, ou seja, para nós, o sítio onde estávamos não era limitação nenhuma, pelo contrário, e tínhamos sempre muita disponibilidade para nos deslocarmos. Porque quem mora em Portugal, porque ele está na periferia, está na periferia da Europa, mas está no centro do Atlântico, portanto, se for visto nesse sentido, não há problema nenhum. Estamos longe e estamos perto, é uma questão de haver disponibilidade, e estar no Corvo não é problema nenhum, é tão problema como estar Coimbra, Porto, Lisboa, Faro, Bragança, Freixo de Espada, Sintra. Porque além de termos tecnologia, que nos permite estar próximo, também há uma rede de transportes e de vias que permitem chegar, não estamos perdidos numa aldeia, no meio de uma montanha que não tem internet e onde não se chega, nada disso, portanto, é relativamente simples chegar a todo lado, isso nunca foi um problema.

Ronelxy Zarate: Ainda bem. Bem, tenho outra questão. Agora, em relação ao terreno, à construção existente. De que modo as pré-existências influenciaram nas decisões?

Desirée Pedro: As preexistências da casa influenciaram imenso, porque isto é uma casa rural, que tem alguma dimensão, é uma casa cuja origem acabámos por perceber ao longo do tempo, quando fomos demolindo algumas partes, que há zonas que podem ter vindo do fim do século XVII, início do XVIII. Muito alterada, com grandes intervenções que a mudaram bastante no fim do século XIX e início do século XX, porque há fotografias, há registos, e a nós interessava-nos manter este carácter que ela tinha de palimpsesto, de escrever em cima de várias épocas, de reescrever, apagar, rasurar, isso interessava-nos. Interessava-nos manter sistemas construtivos vernaculares, que a casa tinha, mas ao mesmo tempo, também tinha alguns elementos mais eruditos, não muitos, mas tinha, isso também nos interessava manter. E também nos interessava usar a tecnologia do nosso tempo e a linguagem do nosso tempo.

Portanto, com grande à-vontade, fomos misturando isto tudo, é precisamente como um palimpsesto, fomos trabalhando e, como tivemos muito tempo, e ainda temos, vamos avançando. As decisões vão-se fazendo e vão surgindo com a naturalidade, vamos experimentando materiais, vamos integrando os materiais e as estruturas existentes com coisas novas, com materiais altamente tecnológicos ou não, e a ideia é que haja aqui um contínuo e que as coisas se liguem.

Nós achamos que, de algum modo, há coisas que não estão muito bem, mas há aqui uma atmosfera que nos interessava criar, que, acho eu, de algum modo foi conseguida, que é precisamente, como não estamos preocupados com a falha, com o que está bem e com o que está mal, estamos sim, preocupados em fazer como se sempre tivesse estado cá. Mas o que fizemos é muito claro, o que foi feito por nós, e outras coisas que fizemos, e parece que não fizemos e isso deixa-nos muito contentes, porque parece que já lá estava. Portanto, é este jogo que eu não sei explicar como, mas é este jogo que nos interessa ir fazendo, e sim, a linguagem foi absolutamente, a que a casa tinha, a pré-existência foi absolutamente essencial, porque é uma casa que se vira toda para dentro quase, por fora não se adivinha o que está cá dentro e isso agrada-nos muito.

Ronelxy Zarate: Bem, vou passar para a seguinte questão. Como surgiu, no processo inicial, a ideia de articular os espaços interiores com os exteriores?

Desirée Pedro: Esta casa não aconteceu de uma maneira canónica, nós não pensámos muito no assunto, há um momento, em que ficámos muito intrigados, porque é que esta casa tinha tantas portas, portas para o exterior, para o jardim e para a rua e começámos a achar que isso tinha muita graça. Então, em vez de criar uma hierarquia e dizer não, esta é a porta da entrada, esta é a porta de serviço, para nós, passaram todas a ser importantes, todas as portas que ligam para o exterior neste caso três portas que ligam para o exterior imediatamente e depois há outras quatro que ligam para o jardim e para nós pareceu-nos que estava bem. Entretanto, todas as janelas e estas ligações que fomos falando, há bocado falei que nós tivemos que rebaixar um piso e fazer degraus para conseguir ter pés direitos mais generosos na zona das lojas, que é o atelier onde eu estou, por exemplo, uma delas que é a sala de reuniões e agora onde estou a reunir, era uma janela mas depois passou a ser uma porta, que é uma porta janela, e que obviamente liga para o exterior ou seja, nós próprios fomos aumentando essas relações com os exteriores, começámos a gostar destas janelas que eram portas e que permitiam todas sair e isso interessava-nos.

Nós, neste momento temos no piso térreo, tirando duas janelas, é tudo portas e isso agrada-nos, porque há esta possibilidade de sempre que a qualquer instante eu posso

sair. Todas são generosas, e de algum modo elas procuram, elas não foram abertas era o tamanho que tinham porque eram portas de lojas, portanto, são largas, mas tem um caixilho largo e que muitas vezes é aproveitado das peças das portas existentes que cá estavam, e que agora foram reutilizados. Ao passarem a ter esta moldura e se tonarem transparentes, porque tem vidro e elas eram fechadas, passou a haver uma luz mais generosa, mas ao mesmo tempo coada, que permite sempre este filtro entre o interior e o exterior, como se fosse um contínuo.

Eu estou sempre a olhar ali para fora, porque este sítio onde escolhi, onde estou, tem uma relação franca com o jardim e ela enquadra a zona da era e da glicínia e das escadas, há sempre aqui um enquadramento entre o interior e o exterior, em qualquer um destes pontos. A zona mais aberta e franca é uma parte da casa, que aí sim, já tivemos por motivos da própria estrutura que existia, que não estava em condições, tivemos de recuperar a laje de pavimento e a laje de cobertura. O vão, como ele não deixou de existir, passou a ser um vão francamente aberto para o jardim, porque esta casa por ter uma ocupação sazonal do verão, nunca se preocupou em ser aberta para o sol, ela fechava-se, ela escondia-se do sol, e passar aqui o primeiro inverno levou-nos a procurar desesperadamente o sol, isto era um gelo e então com esse espaço da sala abrimos francamente para o sol.

Ronelxy Zarate: Vou agora explorar o conceito central da dissertação. Qual é para si, o papel que têm os espaços de transição?

Desirée Pedro: Eu acho que, são espaços aos quais nós muitas vezes não atribuímos valor, porque achamos que são de passagem, eles não são lugares para se estar, mas eu acho que eles têm uma importância muito grande, porque antecipam o próprio, antecipam o espaço que vem e fazem uma pausa entre o espaço ao qual já deixámos. Portanto, é um espaço que muitas vezes é fundamental na criação de um ritmo de percurso, mas também de pausa. Nesse sentido, na nossa casa, nós temos imensos espaços que não sei exatamente o que é que eles são, podem ser salas, podem ser passagens, pode ser um sofá que está ali e que alguém se senta para ler um livro, e não porque não quer estar na sala formalizada. Ou seja, são salas que se ligam umas às outras e esses espaços têm um carácter particular e são muito importantes, podem ser quase cápsulas de tempo, nós passamos de um espaço para o outro, mas este momento no qual passamos, e depende da dimensão dele e da escala que ele tem e como está caracterizado, ele pode ser neutro ou pelo contrário, pode criar uma carga sensorial e dramática que antecipa uma ação qualquer que vai acontecer no outro espaço. Nesse sentido, eu nunca, na arquitetura que fazemos é raro considerar que um espaço de transição é um espaço neutro, normalmente não fazemos isso.

Aliás, temos uma obra que acabámos há relativamente pouco tempo, que foi uma reabilitação de uma antiga casa de habitação, com alguma dimensão, na vila de Miranda do Corvo, e que passou a ser a escola de música e agora funciona também o conservatório de Coimbra. Tem aqui, uma extensão e uma das coisas que a nós nos entusiasmou é que, tinha uma lareira, enorme, daquelas das cozinhas que é um elemento construído, que é bastante grande. Uma chaminé muito grande com um pilar e as vigas, e depois a lareira estava lá dentro e nós usámos essa lareira, esse elemento e essa chaminé para ligar um corpo antigo ao corpo novo. Ou seja, os alunos têm que passar sempre por aquela lareira, é quase uma porta por onde eles passam e a chaminé passou a ser um poço de luz, ou seja, é um espaço de transição, mas é um espaço de transição completamente inusitado, porque estamos numa escola de música e passamos por dentro de uma chaminé, mas era impossível deitar fora aquela chaminé, não a podíamos demolir porque é precisamente a passagem a embarcação deixar um outro espaço, para entrar no outro, portanto, eu acho que se calhar, o que eu estou a dizer, define aquilo que eu entendo como espaço de transição, não tenho que ter este dramatismo todo, evidentemente, mas são espaços que são importantes na caracterização da passagem.

Ronelxy Zarate: A minha seguinte questão era parecida ao que acabou de responder, ou seja, neste projeto, que espaços de transição identificas? já me disse alguns estão presentes na habitação, mas se quiser referir a algum outro.

Desirée Pedro: Há várias salas que existem na casa que são espaços de transição, que funcionam, que têm várias funções, são entradas da casa, são zona de estar. Podem também, quando está muito calor, porque como eu disse, nós abrimos a nova sala, à procura do sol, entretanto, agora com a mudança climática, o sol está abrasador e no verão tem mais sentido. Por isso é que as pessoas, quando ocupavam a casa no verão, não procuravam o sol, tem mais sentido comer numa outra sala mais recatada, e esta possibilidade de uma pessoa deslocar uma coisa que fazia num espaço, passar para o outro, quando muda o tempo, agrada muito. E uma zona que liga a cozinha à sala, que é um espaço que no fundo é a ligação ao jardim, é um espaço que também não sei exatamente para que serve, mas é um espaço que está ali e que permite ligar várias coisas, e isso agrada-me.

Não saber exatamente para que as coisas servem, ou seja, todas estas salas que se vão articulando umas com as outras, são espaços de transição, e os próprios quartos, muitas vezes, estão organizados de maneira que há sempre antecâmaras ou ligações entre eles. Nós, por exemplo, não sei se se percebe nas plantas que enviei, que no piso superior e no piso inferior, a casa é quase um labirinto e é possível ligar e percorrer tudo, é como se nós ligássemos todos os espaços. No início, quando o fizemos, não percebemos que a

ideia era criar este circuito interno e depois percebemos que mais tarde, quando fizemos algumas demolições de algumas portas, para criar estas passagens, que essas portas já tinham existido, que teriam sido fechadas. Portanto, aquilo que nós fizemos e intuímos, já existia, este circuito interno que a casa tem, quase circular, são espaços, nós conseguimos andar sempre a circular em torno dela. E isto, são espaços de transição, claramente, ou seja, os corredores não são bem corredores, são sempre algo mais.

Desirée Pedro: A minha seguinte questão vai ao encontro de se há alguma memória pessoal, cultural ou afetiva que influenciou o desenho de um desses espaços?

Ronelxy Zarate: Não tenho a certeza se sim, se não. Mas há uma coisa que para mim foi muito importante nesta casa, que é, por razões pessoais e de vida, eu até chegar a esta casa estava sempre a mudar de casa. Mudava muitas vezes de casa, e também mudei muitas vezes de país, e verdadeiramente comecei-me a sentir em casa, aquela ideia de casa, nesta casa. E não questioneei muito os espaços que existiam porque me eram confortáveis. Mas de alguma maneira estes espaços, que são salas, que são passagens, que ao mesmo tempo são várias coisas, já existia na casa da minha avó paterna e na materna, e em algumas das casas em que vivi sim, talvez. Mas não tenho a certeza, por acaso nunca pensei no assunto, mas como vivi muitas vezes em casas com alguma história, casas que tinham algum tempo, era mais frequente este tipo de espaços, de casas que tinham espaços que se articulavam uns com os outros e não a distribuição por corredor, ou o *open-space*, que é uma distribuição mais recente. Portanto, se calhar tem a ver com isso, tem a ver com esses espaços que vivi, mas, confesso, nunca pensei no assunto até agora.

Ronelxy Zarate: Com isso, respondeste mais ou menos a esta questão, hoje, esses espaços de transição são usados como pensaste ou acabaram por ganhar outros papéis?

Desirée Pedro: Acho que sim. Eles têm papéis múltiplos, são muitas coisas, e eu gostei desta possibilidade, de as coisas serem muitas coisas, não serem uma coisa só, não estarem fechadas, de poderem ser apropriadas, de repente passarem a ser um espaço que passa a ser confortável, um espaço que eu passei a gostar, que não era expectável. Por exemplo, durante o Covid, apesar de viver neste sítio, a minha vida é tudo menos calma, como já deu para reparar. E durante o Covid, quer dizer, tínhamos de estar todos fechados em casa, os quatro, eu, o Carlos e os meus dois filhos, o Tomé e o José, aconteceu com toda a gente, evidentemente não fui só eu, não fomos nós só. E tínhamos de ter aulas, cada um estava à procura do seu espaço para poder ter as suas aulas, ter o seu trabalho, as reuniões de trabalho, tudo o que estava a fazer.

Esta situação, levou-nos a ocupar outros espaços, começou a haver outros espaços que não tinham de ser os quartos, porque a ideia de ter computadores nos quartos, isso foi sempre uma coisa que eu, gosto desta possibilidade de contínuo, mas a ideia de ter televisão e computador no quarto, não. Porque o quarto é para dormir e descansar, podíamos estar a trabalhar em todas as salas e todos os outros espaços, mas a ideia de estar deitado a ver televisão, não, é para dormir. E de repente, passámos a descobrir outros espaços que a casa tinha e nós nunca tínhamos, isto é, sabíamos que estávamos lá, mas não o usávamos. Como uma varanda que ligava a uma sala e que de repente para mim passou a ser coisa mais, uma varanda generosa, que está por cima de uma loja onde tem ainda um forno e a casa das máquinas e passou a ser, para mim, passou a ser um sítio importantíssimo. Aliás, adoro estar lá, sempre que posso tomo um pequeno-almoço lá, quando consigo tomar um pequeno-almoço, porque a relação com o jardim e com a paisagem é maravilhosa. Ou seja, há muitos planos de verde e de flores, tenho a montanha, depois tenho o pinheiro manso e o cedro e depois tenho a glicínia e depois tenho a vinha na latada e depois há o limoeiro e depois há todas as jardineiras da varanda e depois há os gatos e há os pássaros. É uma coisa impressionante, aquele espaço tão pequeno, de repente é riquíssimo, e eu nunca tinha reparado nele e fiquei cidrada, como é que eu nunca tinha reparado naquilo e foi maravilhoso e passou a ser fundamental.

Outro espaço, a cobertura plana desta nova sala, que não é nova, mas foi feita em 2008, a sala de jantar e de estar. Nós trouxemos uma escada de uma obra, nós trazemos sempre o que normalmente ninguém quer de uma obra, mesmo que seja pública e que vá para aterro, e que nós achamos que faz sentido recuperar e incorporar noutra obra, pedimos para trazer. Foi o caso de uma escada de acesso a um sótão, que por um milagre batia certo com a altura que nós tínhamos da varanda para o piso de cima, para este pátio. E então começámos, durante a pandemia, passámos a ir lá acima, estava feito, tinha-se feita essa escada, essa varanda, mas ainda não tínhamos tempo, já tínhamos lá ido, mas não passámos a ir. E então, de repente, começámos a ir quando havia sol, este sítio é fabuloso, tem uma luz incrível, conseguimos ver um pôr-do-sol maravilhoso, passámos a ter uma mesa lá em cima, porque passávamos a ter a vista do telhado, como se fosse uma altana de cima da casa, e foi incrível, de repente começámos a ver o jardim como nunca o tínhamos visto. Foram espaços que fomos descobrindo. O próprio jardim, que praticamente não temos tempo para usar ou não tínhamos tempo para usar, passou a ser muito mais usado e descobrimos muitos espaços que se calhar só os cães usavam e que se divertiam a usar. E isso só foi possível porque estávamos confinados, e estes espaços, aos quais nós muitas vezes não prestamos atenção e que não têm de ser interiores, podem

ser exteriores, porque há espaços de transição exteriores, muitos, são incríveis e nós muitas vezes não prestamos atenção, e eles estão lá para serem vividos.

Ronelxy Zarate: Exato, bem relativamente sobre a próxima questão e o gênero. Como é que ser uma mulher arquiteta influenciou nas decisões no projeto da casa?

Desirée Pedro: Não faço a menor ideia. Não faço mesmo a menor ideia como é que influenciou, aliás, é coisa que eu não sei classificar e é muito curioso. Porque, por exemplo, eu trabalho com o Carlos, que é meu marido, e alguma da arquitetura que nós fazemos, e quando dizem que é mais orgânica, atribuem a mim, mas não. Porque o Carlos é muito mais, se calhar, muito mais experimental e orgânico, há coisas que ele faz que, aparentemente, num estereótipo que se criou de que as mulheres são mais orgânicas e mais flexíveis e mais fluidas, ele encaixa muito melhor do que eu, por isso é que eu acho muito engraçado. Quando me perguntam se aquilo que eu faço é assim, não faço a menor ideia, não faço mesmo a menor ideia se tem a ver com isso.

Há questões que eu tomei, e decisões que nós tomamos quando íamos para aqui, e que têm a ver com posições políticas, não sei se são de gênero ou não, acho que não. Tem a ver, sim, no sentido em que há espaços que estavam conotados com o lugar onde dormia a empregada, que a casa tinha, e que não nos parecia de todo digno, e que foi a primeira coisa que deitámos abaixo. Mas isso é uma posição política, pensámos os dois a mesma coisa, a primeira coisa que temos de fazer é demolir isto, porque isto não tem sentido nenhum, é abjeto, é um espaço que é de má memória, não interessa. Este espaço tem de ser fluido, não tem de estar aqui. E eu não sei dizer até que ponto as decisões que tomo têm a ver com esta questão, se resultam de eu ser mulher ou não. Não faço a menor ideia.

Sempre me fez impressão de que, na história da arquitetura, em escritórios mistos, ou pessoas onde havia mulheres e homens, não aparecessem mulheres. Isso sempre me fez impressão, porque eu acho que elas tinham um papel tão relevante como eles tinham. Mas faz-me igualmente impressão de que muitas vezes outros homens que também tiveram papéis relevantes não apareçam, ou seja, não percebo porque é que há um protagonismo que se cria sobre determinada persona. Essa questão comigo nunca aconteceu, eu não sei se fui privilegiada ou não, mas efetivamente nunca a senti. Sempre fiz questão de demonstrar que, se trabalho numa coisa, tenho que lá estar, se não trabalho, não estou, não tenho de estar, é tão simples quanto isto. Mas se foram importantes na decisão que tomei, talvez, não sei, não faço a menor ideia, se passa por perceber que há aqui questões de priorizar determinadas zonas espaciais ou funcionais, não faço a menor ideia.

Nesta obra, por exemplo, nós fomos resolvendo problemas que estavam a acontecer, a lareira, por acaso, foi uma obsessão minha, porque eu morrei de frio, e aí, sim, foi feita logo. Mas choveu na cozinha, nós tínhamos de ir resolvendo problemas e não havia este pensamento. Eu, por exemplo, gosto imenso de pensar, quando estamos a trabalhar em projetos e a fazer concursos em obra pública, gosto imenso de desenvolver o programa, de pensar as organizações e distribuições espaciais e a maneira de como é que elas se articulam, é uma das coisas que me dão imenso prazer. Quando fazemos concursos, é uma das coisas que gosto imenso, perceber os circuitos e como é que as coisas se ligam e como é que funcionam. Se isso tem a ver com eu ser mulher ou não, não faço a menor ideia, tem a ver com aquilo que eu gosto. O Carlos gosta imenso de perceber as relações volumétricas e formais que os espaços têm e como é que estes se articulam uns com os outros, e confia em absoluto na organização funcional e distribuição espacial que eu estou a fazer. Ele está preocupado com outras coisas e nós, no fundo, fomos encontrando aquilo que a cada um de nós lhe interessava e fomos tentando perceber. Tu gostas de fazer isto, eu gosto de fazer isto e como é que tiramos partido disso, trabalhando os dois juntos, agora, se tem a ver com eu ser mulher, ele ser homem não sei, não consigo dizer isso. Terá de ser alguém de fora, eu não consigo dizer isso.

Ronelxy Zarate: Relativamente a uma reflexão final do que seria a Entrevista realizada, tenho mais 4 questões. A partir da experiência que construiu a sua casa, considera que os espaços de transição desempenham um papel essencial na arquitetura contemporânea de habitação, sobretudo em zonas não urbanas?

Desirée Pedro: Sim, considero, mas não é só não urbana, nas zonas urbanas acho que são fundamentais. São espaços que, sobretudo em habitação, até em habitação coletiva, que podem ter uma função de sociabilização, de encontro, de partilha, por isso até os acho mais importantes em espaço urbano do que em não urbano. Mas depois também isto tem a ver com a definição que nós damos, o que é espaço urbano? a partir do momento que duas casas, duas habitações estão próximas uma da outra, temos um espaço urbano. Há urbanidade, porque as pessoas cruzam-se, confrontam-se, portanto, estes espaços onde as pessoas podem partilhar, conviver, partilhar ações, são espaços de estar e que não tem de ser necessariamente espaços de passagem. E eu acho-os mesmo fundamentais, e estes espaços são tão importantes no interior, que já falámos deles, como no exterior, no exterior são essenciais. E são espaços que articulam, que permitem articular as várias áreas e passagens para onde as pessoas se movimentam, e podem ser riquíssimos. São espaços que podem ser riquíssimos e tornar todas estas circulações muito mais ricas, espacialmente, temporalmente, vivencialmente, podem ser coisas que podem tornar a vida das pessoas francamente melhor.

Ronelxy Zarate: Continuando com as questões. A experiência de habitar a sua própria casa mudou a sua forma de projetar para outros?

Desirée Pedro: Sim e não. Sim, na medida em que alguns dos problemas que nós nos confrontamos aqui, nós sentimos ao fazer algumas das outras habitações, mas nós não fazemos muitas casas, nós fazemos mais programa público, habitação temos poucas. E quando eu digo não, é porque aqui nós temos uma liberdade, que ao projetar para os outros, não a podemos ter. E tem a ver com aquilo que eu disse, nós aqui podemos falhar alguma coisa, podemos experimentar uma coisa que não temos a certeza que está bem, só depois de a ver é que vamos saber. E quando estamos a fazer isso para alguém, temos muito mais cuidado, porque esta dimensão experimental nem todos os clientes estão disponíveis para ter e para passar por isso.

Ronelxy Zarate: Sim, compreendo. O que mais a surpreendeu na vivência da casa depois de construída? Ou pronto, ainda não esta acabada.

Desirée Pedro: Isto teremos a vida toda. Na vivência da casa, a mim, uma das coisas que eu gosto mais de descobrir é precisamente a possibilidade de saber, de controlar a cor da luz que entra de maneira diferente ao longo do dia, dos meses, do ano. Essa surpresa permanente a mim agrada-me imenso, essa imprevisibilidade de nós acharmos que vamos estar sempre a ver uma determinada coisa da mesma maneira, porque há esta tendência que os arquitetos têm de achar que vamos de algum modo congelar aquilo que achamos muito bonito, vamos congelar para estarmos sempre a ver aquilo. Nós tentamos não fazer isso, e efetivamente, como o próprio jardim faz parte desta relação do interior e do exterior, é muito diferente aquilo que estamos sempre a ver, a luz que entra, a natureza que está, que vai mudando ao longo do tempo. Os animais da casa que entram e passam e que se organizam de determinada, ou outra maneira, nós próprios que vamos passando e vamos mudando e essa imprevisibilidade agrada-me muito.

Ronelxy Zarate: A última questão vai ao encontro de que conselhos daria a uma arquiteta jovem que quer projetar a sua própria habitação?

Desirée Pedro: Isso é tão difícil. Diria para estar disponível para experimentar e para se enganar e não ficar frustrada com isso. Porque pode depender imenso, isto é um processo que nunca está terminado e cada coisa que falha pode ser uma oportunidade nova e então, nesse sentido, nunca é falhada. Eu estou a falar na casa, uma obra pública não é assim, já sabemos, mas também tem de haver um grau de experimentação que as obras públicas estão a deixar de ter. Eu acho que nós temos de estar sempre disponíveis para arriscar, para experimentar e para nos enganarmos, reconhecer que nos enganámos e perceber onde é que nos enganámos e perceber que há coisas que vamos aprender

imenso com aquilo e está disponível para o engano. Porque às vezes vemos, de repente, acontecer uma coisa muito mais interessante que não estávamos a contar com isso e isso é que é fascinante naquilo que nós fazemos, este grau de imprevisibilidade que as coisas têm, isso é o que me fascina, confesso.

Ronelxy Zarate: Bem, seria o fim da entrevista realizada. Obrigada.

II| Entrevista realizada a Ana Cunha (online)

Tempo de gravação: 01:06:50

Realizada em 18 de julho de 2025

Ronelxy Zarate: Com a sua permissão vou dar início a gravação e a entrevista realizada. Relativamente a uma perguntas sobre contextualização pessoal e profissional, quais foram as tuas motivações para estudar arquitetura?

Ana Cunha: As minhas motivações para estudar arquitetura foi gostar do ambiente urbano, começar a apreciar as casas muito cedo. Quando tinha sete anos, eu vivia em Angola, nasci em Angola, e vivia numa casa de arquitetura modernista, e lembro-me de ficar fascinada com as soluções que a casa tinha, com aquela idade. Isso foi uma coisinha que aconteceu quando era muito nova, não é? Uma criança, e depois fui um bocadinho sensibilizada para isso, sempre apreciei muito, e depois foi um bocadinho ao longo do meu percurso académico que comecei a ter certezas. Era esse o caminho que eu queria seguir, mas é por isso, por apreciar o ambiente urbano, os jardins, as casas, a envolvente, o enquadramento, preocupava-me sempre com isso, ainda não estava a arquitetura tão definida na minha vida, e foi assim crescendo, digamos assim.

Ronelxy Zarate: A minha segunda questão vai ao encontro no desenvolvimento e intenções do projeto. Quais foram as premissas iniciais do projeto da casa?

Ana Cunha: As premissas iniciais foram fazer um projeto de reabilitação, que afinal representasse tudo aquilo que eu defendo em termos de reabilitação. Isto é, não é tanto a solução do espacial, que isso foi uma solução que a própria casa me trouxe, mas ao nível das técnicas de reabilitação. A questão das argamassas de cala aérea, os barramentos, a questão da estrutura de madeira, quer ao nível da cobertura, quer ao nível do pavimento, porque são casas de alvenaria de pedra autoportantes. Embora, tenha rasgado a parte de trás da casa, claro que tive de reforçar a estrutura com uma viga de betão e amarrar as outras paredes, mas a ideia foi sempre reabilitar respeitando a construção original, em termos de técnicas. E não tanto remetendo para as vivências daquela altura, porque queria luz, queria um espaço amplo, queria pé direito, queria esse tipo de soluções, digamos assim, que me iam fazer sentir bem na minha casa. Tudo o que é novo, como eu também simpatizo muito com estruturas de ferro, foi tudo em ferro e pedra, foi um bocadinho as premissas que, digamos, nortearam a proposta de intervenção. A organização foi um bocadinho encontrar o espaço para colocar dois quartos e duas casas de banho, na parte no

piso zero, e no piso um, que também é piso de entrada, a sala e a cozinha. No anexo que eu tinha à parte, que já existia e que eu conseguia ampliar, ter as outras funções que em mim preocupam muito, como é o sítio para guardar as roupas, porque no caso do meu quarto transformou-se em closet, no piso de baixo, e no piso de cima é lavanderia e arrecadação. E mais uma casinha de banho de apoio à zona da sala e da cozinha, e foi basicamente ter espaços que me permitiam resolver as minhas necessidades e aquilo que eu prezo. Que eu prezo, sobretudo, sem perder espaço, portanto, tudo ali está muito pensado ao milímetro, e o que ali teve mais representatividade foi, definitivamente, as técnicas e os materiais que eu utilizei para a reabilitação.

Ronelxy Zarate: Bem, a seguinte questão seria, quias foram as inquietações para optar por este lugar e mais para projetar a sua própria casa?

Ana Cunha: Isto foi uma descoberta que fiz através de um senhor que reside na aldeia e que tinha sido presidente da junta de freguesia e com o qual eu trabalhei, enquanto funcionária do município do Fundão e fiz projetos para aquela aldeia. E o senhor Lima, que é este senhor de quem estou a falar, foi uma pessoa com quem enfatizei muito e vice-versa, o que originou que eu, já há muito tempo, que partilhava com algumas pessoas das freguesias. Uma vez que eu tenho esse contacto profissional direto, então ia dizendo, “se houver aqui uma casa” e tal, “eu gostava de viver numa aldeia”. Pronto, e aqui eu ficava e aqui eu passava, e há um dia que o senhor Lima chega aqui e me diz assim, “olha, ó senhora arquiteta, tenho uma casa para si”, e eu, “ah, não diga isso”, “Ah, mas é que não duvide, “Tenho uma casa para si na aldeia, em Castelo novo”, “ah, está com dúvidas? Abra aí o Google Earth”. Abrimos o Google Earth e ele disse-me onde é que era a casa e eu, claro, quando vi a casa, apaixonei-me, porque percebi o potencial, porque a casa não só estava em ruína, como tinha ardido. Ou seja, como era tudo estrutura em madeira e eles tiveram lá um grande incêndio, pronto, foi a casa que perdeu basicamente a cobertura, o sobrado, digamos assim, e as divisórias que havia, que também não interessavam nada, também ficaram, digamos, impossibilitadas de recuperar. O que para mim não era um problema, mas uma oportunidade, ou seja, ele ia demolir tudo, porém já estava meio demolido. E foi assim, nesse mesmo dia fiz o negócio da casa, ele arranjou-me o contacto da senhora e ela aceitou e comprei a casa, pronto. E depois foi ali mais um tempinho, por causa das papeladas e foi assim, foi um processo muito fácil, nunca tive dúvidas, adorei o sítio e a aldeia de Castelo novo tinha várias vantagens, mais vantagens e a desvantagem, já lá moro há cerca de três anos, ou dois anos e pouco, não vejo desvantagens. É muito perto do Fundão, ou seja, é por autoestrada, mesmo quando se pagava por taxa, não havia, pronto até Castelo novo, foi sempre gratuito. A viagem que eu faço do Fundão para

Castelo novo demora cerca de 10, 15 minutos, o máximo, se houver assim algum constrangimento no caminho, um caminhão, coisa assim, 15, normalmente são 10 minutos. E de pôr o pão todos os dias à porta, se eu quiser todos os dias, eu é que não quero todos os dias, mas tenho um senhor que vende os legumes e as frutas, que também vai à porta, tem uma carrinha e apita. Portanto, eu só vejo vantagens, não tive, também pela proximidade, se quiser vir ao Fundão, em 10 minutos ponho-me no Fundão. Portanto, nunca tive qualquer dúvida que aquilo foi uma das melhores coisas que me aconteceu na vida, pela possibilidade que tive de fazer o projeto da minha casa, como também viver num sítio que eu ambicionava enquanto espaço-aldeia. Estou dentro da aldeia, mas virada para a paisagem, ou seja, é aquela coisa que nós dizemos, assim, “aquela casa tem a minha cara” pronto, foi um bocadinho assim.

Ronelxy Zarate: É para si.

Ana Cunha: Agora, deixa-me só dizer uma coisa a este nível. Quando, obviamente que a aldeia histórica de Castelo Novo é classificada como conjunto de interesse público e o projeto foi, na altura, Direção Regional de Cultura do Centro, para parecer, para emissão de parecer, que agora já não é Direção Regional de Cultura do Centro, mas CCDR Cultura, que mudaram este orgânico, este, vamos-lhe chamar assim, um serviço ligado ao Estado, ao Ministério da Cultura, integrou-se na CCDR. E, obviamente que estive à espera do parecer, todas essas questões, posso dizer que criaram um bocadinho de inquietação, não exagerado, porque depois tudo se concretizou pelo melhor.

A minha vontade de, de alguma maneira, dar um ar contemporâneo à casa, dentro da sua arquitetura tradicional, fez-me crer que não me iriam pôr obstáculos. Ou seja, se pusessem obstáculos, eu se calhar não sei como é que teria sido o processo a partir daí, porque as condicionantes de ter uma frente toda rasgada em vidro para a paisagem, para mim era condição necessária para eu poder desfrutar. E obter da minha casa aquilo que eu também pretendia, que era essa visão abrangente do território que está no horizonte, essa entrada de luz, portanto tudo isso foi concretizado. Portanto, talvez aí, em dada altura, eu disse ok, espero bem, Deus queira que eles me aproveem a casa com a solução mais contemporânea, para que eu possa realmente concretizar o meu projeto na sua plenitude. Pronto, e foi assim.

Ronelxy Zarate: Com isto, respondeu a seguinte questão, que se relacionava com o modo de as pré-existências influenciaram nas decisões. Uma vez que já respondeu, vou passar a seguinte questão. Como surgiu, no processo inicial, a ideia de articular os espaços interiores com os exteriores?

Ana Cunha: A casa, estrategicamente e por eu valorizar bastante o seu alçado principal, que é aquela imagem da casinha da aldeia, que tem apenas uma porta e uma janela, de pedra aparente, e isso foi ao encontro de um imaginário que de alguma maneira cá estava, que eu tinha interiorizado e que me maravilhou quando conheci a casa. E essa relação com a sua envolvente direta, a aldeia, porque esse alçado é que está, digamos, virado para a aldeia, uma vez que o outro está virado mais para a paisagem, está sobranceiro, digamos, à estrada de acesso a Castelo Novo, mas o casario está para trás, vamos-lhe chamar assim, está para Norte e para Poente. Portanto, a minha casa faz ali um bocadinho, quase a fronteira do que é a aldeia, o fim da aldeia.

Portanto, nessa questão, essa integração desse alçado principal na Praceta, onde ela está, se localiza, Praceta Dona Candidinha, e as restantes casas da aldeia, está perfeita, porque vai muito ao encontro do que é as soluções da arquitetura popular e que são mais repetidas naquela frente de rua. Para o lado dela depois tem um alçado lateral para um beco, onde eu também privilegiei as entradas de luz que já existiam, embora uma fosse já da construção original e outra já tivesse sido a posteriori. Mas eu respeitei, porque não quis também mexer nessa composição, vamos chamar assim, uma vez que aquelas entradas de luz até me faziam sentido para o meu espaço interior. Depois, no alçado de ardósio é que houve a grande intervenção de abrir, rasgar a fachada do piso da sala e da cozinha e no piso dos quartos também conseguir, digamos, abrir duas portas, uma porta em cada quarto com duas folhas para me permitir esse acesso direto ao terraço. Chamo terraço porque tem umas dimensões que assim se justifica, essa caracterização é fantástica, claro. E depois tive a oportunidade de comprar o terreno que esta confinante para o lado de trás, onde eu agora tenho um jardim, uma hortinha, esse contacto entre o interior e o exterior é muito agradável, e esses espaços exteriores onde se pode descansar, ter umas cadeiras, ou de manhã ou no final do dia, estar ali a ler um livro ou na companhia de alguém a conversa, pronto, são espaços que eu privilegio muito. E que numa aldeia de aquela me faz todo o sentido, não só o espaço aberto, rasgado, que obviamente iria ser sustentado por uma varanda, uma vez que são portas todas que se abrem. Mas, também, essa vivência do exterior, esse contacto direto com o céu, essa permeabilidade, que também nós permite estar dentro e estar fora.

Ronelxy Zarate: Vou a seguir dar início à definição e vivência dos espaços de transição, qual é para si, o papel que têm os espaços de transição?

Ana Cunha: Ora bem, os espaços de transição são espaços importantes, não é? Em que eu, em minha casa, se pensar num espaço de transição, se calhar associo mais, a este espaço entre o exterior e o interior da casa e eventualmente aqueles espaços em que saís de uma divisão, quer ela seja quarto, quer ela seja casa de banho e entras num corredor

de acesso ao resto da casa. No que respeita, por exemplo, à questão da sala e da cozinha, permanecerem num espaço em que é amplo, eu contive o espaço da cozinha através de uma parede até dois metros de altura, e um conjunto de armários que têm em frente quer para a cozinha, quer para a sala, pronto. E houve essa necessidade de conter o espaço porque, não haja dúvida, que a ambiência que tem uma sala que está mais resguardada do que é a rotina da cozinha, para mim tem vantagem, que é eu quando estou a comer, já na área de refeições, ou naquela mesa que eu localizei numa zona da cozinha, que tem acesso direto através de uma ilha. Portanto, essa questão estava indefinida e aí há uma maneira de estar, que é no convívio, na partilha, na conversa, na degustação, o que nós quisermos, não, ou o que nós mais valorizamos na refeição. Acho que é estas questões todas que nos permitem, ter este prazer de nos sentar à mesa com alguém, ou sozinhas, conforme as situações.

A questão da sala, é uma questão mais de relax, nem que seja para continuar a conversa, mas é outra maneira de estar. E, portanto, eu ali consegui fazer essas zonas de transição, continuando a tirar partido da espacialidade da cobertura. Que não se esconde, ou seja, a estrutura está à vista, e as inclinações das águas acabam por estar dentro da casa. A questão de estar na cozinha a confeccionar, a preparar, a lavar os alimentos e, pronto, até a questão dos cheiros, são um bocadinho tamponados, outra coisa é a refeição em si, que é uma coisa que está mais ligada ao espaço de confeção. E depois a outra zona, já um bocadinho ali mais distante, que me permite depois, pronto, fechar um bocadinho o que é o estar em casa, os diversos espaços de estar em casa, mais relaxado, ou a ler um livro, ou a ver televisão, ou na conversa, mas noutra maneira de estar.

Ronelxy Zarate: Com a questão anterior, conseguiu responder a seguinte questão. A qual se formulava da seguinte maneira, neste projeto, que espaços de transição identificas. Portanto, vou passar para a seguinte questão, há alguma memória pessoal, cultural ou afetiva que influenciou o desenho de um desses espaços que mencionou anteriormente?

Ana Cunha: É assim, memória afetiva, porque a minha mãe, como há bocadinho falei, nasci em Angola, mais propriamente na cidade do Huambo. Na altura uma das colónias ultramarinas, vivia muito de um desenvolvimento, de um urbanismo diferenciador. Para a época mais modernista, onde muitos arquitetos se estream com soluções muito vanguardistas, que marcaram uma época. A questão do minimalismo, a questão da arquitetura modernista, começou a haver aqui, em termos de influência, uma maneira de desenhar cidade e de própria habitação, que marcou e que estava muito à frente daqui de Portugal. Porque se desenhava em Portugal, não só pelo Antigo Regime, mas também porque era um país um bocadinho encravado ainda, em muitas, um egocentrista, que não deixava que as pessoas evoluíssem na sua própria essência do ser, portanto tudo

muito controlado. E Angola não, era uma liberdade incrível e eu, ao contrário, que sempre apreciei isso e mesmo tendo vindo para Portugal, ainda muito jovem, novinha, eu ouvi sempre a minha mãe falar sobre as memórias dela da aldeia. Minha mãe nasceu numa aldeia da guarda, não tanto o meu pai, que falava dessas memórias dele, não o trazia a ele, o que trazia a minha mãe, que era essa vontade de voltar à sua infância, onde ela tinha sido tão feliz, naquele ambiente da aldeia. Eu depois vim a conhecer a casa da minha avó, da mãe dela, e algo aqui me tocou, em termos do que poderia ser a minha ambição também e perceber no que ela partilhava, o quão simples era a vida na aldeia e também o que isso poderia trazer para o bem-estar.

E foi assim, quer dizer, essa minha ligação, essa minha procura por uma casa na aldeia. Enquanto os meus filhos estiveram comigo, eu vivi sempre na zona mais central do Fundão, que era a Avenida da Liberdade, muito perto das escolas onde eles andavam. Quando eu percebi que eles tinham a sua própria vida, e saíram de casa, tinham a sua própria casa, começaram a ter a vida independente, percebi que era o momento. Já não me fazia sentido estar ali, nem a cidade propriamente me dizia algo, ter ali o café ou o ter ali o sítio para ir às compras, os supermercados, as superfícies comerciais, nada disso para já não era, não me era barrado, se eu não vivesse. Se eu vivesse numa aldeia isso estaria também à minha disposição, através de uma viagem de carro eu estaria onde quisesse. Portanto, acho que foi essa, se calhar, essa ambiência que a minha mãe me passou, de bem-estar, de liberdade, de se poder respirar de outra maneira, o próprio contexto da natureza, de estar muito próximo. Penso que terá sido essa a memória, e depois o meu trabalho, aqui na Câmara, que passa muito por projetos também de raiz, mas também muito de reabilitação de casas que a Câmara compra para instalar equipamentos ou outras valências. Nas infraestruturas, nas freguesias, que também me apaixonou. Eu venho para o fundão por causa de um programa das aldeias do Xisto que passa pela reabilitação das casas de Xisto, das aldeias de Xisto e portanto se calhar aí isso também acabou por mexer comigo e sedimentar aquela coisa do que era viver numa aldeia, recuperar uma casa de pedra e o potencial que isso tinha, que a maior parte das pessoas não conseguia ver e não conseguia perceber que uma casa de pedra, não tendo luz, pode passar a ter, uma casa de pedra não tendo pé direito, pode passar a ter, ou seja, todo esse conhecimento, digamos assim, que eu fui pondo na prática. Não ficou no projeto, portanto foram muitas obras concluídas e que me fez não ter dúvidas de que isso seria uma boa opção para a minha vida.

Ronelxy Zarate: A seguinte questão é, sobre se esses espaços de transição são usados como pensaste ou acabaram por ganhar outros papéis?

Ana Cunha: Eu penso que os espaços de transição que eu desenhei estão condizentes e permitem-me a vivência que eu imaginei. Ou seja, não houve nada nos espaços de transição que me surpreendesse. Estava bastante bem pensado e surgindo numa primeira fase do esquiço, que se foi apurando e por várias situações de complementaridade, eu acho que eles cumprem totalmente a sua função.

Ronelxy Zarate: Certo, a seguinte questão vai e a encontro do que seria habitar e género. Como é que ser uma mulher arquiteta influenciou nas decisões no projeto da casa?

Ana Cunha: Eu acho que a mulher arquiteta, mais do que mulher, tem a ver com a experiência de cada um, ou seja, e já falámos um bocadinho sobre isso, a minha experiência de vida, quer pessoal, quer profissional, influenciou totalmente o projeto da minha Casa. Que se eu fizesse outra Casa, se calhar aqui por oposição, talvez assim, se consiga tirar aqui a ideia chave, imagina que eu iria ter um terreno, também uma aldeia, eventualmente, e queria fazer uma casa de raiz. Tudo mudaria, a minha experiência como profissional, em termos de arquitetura contemporânea, que eu gosto, gosto imenso, e o desenho que iria aparecer, também ia ser desta mulher arquiteta, e seria uma coisa totalmente diferente.

Portanto, o que é que influenciou o projeto enquanto autora ou enquanto usufruidora, vamos lá ver, proprietária? Foi o contexto da Casa que me apareceu e que gostei, que comprei, e que me influenciou totalmente na sua realização. Claro, já falámos sobre isso com o know-how, o conhecimento que eu fui adquirindo e fui apurando, e fui sempre identificando cada vez mais, sedimentando. O que era para mim a reabilitação, e que consegui, de alguma maneira, operacionalizar em todo o seu contexto, em todos os seus contextos, como já também abordámos. Mas poderia ser outra coisa qualquer, dependendo do espaço, do que é que me motivava para fazer, o projeto seria o espaço com o pinhal, vou abrir a casa para o pinhal, vou abrir a casa para a serra, ou seja, vou virar a casa de costas para aqui ou para ali.

Portanto, o projeto nasce de um contexto da mulher, neste caso da arquiteta, que as arquitetas mulheres têm eventualmente, na minha opinião, uma sensibilidade diferente dos arquitetos homens, talvez mais sensível a determinadas coisas, até porque temos uma relação com a Casa diferente. Não é que os homens não possam fazer trabalhos de casa, claro que podem, e muitos fazem, e cada vez fazem mais, se calhar fazem todos atualmente, ou uns mais que outros, não interessa, isso também tem a ver com a personalidade, assim como há mulheres que também não fazem, também detestam os trabalhos de casa, portanto, isso está mais ou menos generalizado. Mas a nossa relação com a Casa e com o espaço, acaba sempre por ser um bocadinho diferente. Portanto, isso

é que vai fazer com que o projeto possa ser um projeto que tenha a essência, que tenha a identidade, mesmo que neste caso foi para mim, e isso ganha muita força. Mesmo que nós façamos um projeto para alguém, a nossa essência também lá está, independentemente de estarmos a trabalhar com algo que nos é solicitado. Há um programa, há uma imagem, materiais, mas a nossa essência no desenho e na composição também está lá. Portanto, eu acho que é um bocadinho, não tanto mulher arquiteta supostamente mais isolada a fazer a Casa, mas sim essa complexidade do que a mulher é na sua essência, com as suas vivências, com as suas experiências pessoais e profissionais. Daí nasce o projeto.

Ronelxy Zarate: Mais outra questão que tem haver com, a partir da experiência que construiu a sua casa, considera que os espaços de transição desempenham um papel essencial na arquitetura contemporânea de habitação, sobretudo em zonas não urbanas?

Ana Cunha: Eu penso que os espaços de transição são importantíssimos, não é? Que nos fazem viver a Casa com uma amplitude mais... como é que eu irei de dizer isso? Mais reforçada, ou seja, eu quando estou num espaço e esse espaço tem uma determinada função, esse espaço se tiver alguma contenção, permite-me estar de uma maneira se calhar mais intensa. Não estou tão dispersa com os espaços, estou ali, estou a comer, tenho ali uma zona que me vai facultar esse espaço contido, esse espaço que me permite de alguma maneira fechar um bocadinho o círculo do resto da Casa. Estou aqui, agora, ou aqui ou agora, um bocadinho capotado, ou aqui ou agora. Isso em todas as divisões, e a minha Casa é pequena, como sabes, mas acaba por acontecer isso. A pessoa entra no quarto, fecha a porta, encerrou o espaço e depois abre as portas todas do sonho. Mas, no que respeita, agora, se calhar poderia ser interessante integrar aqui um outro conceito que tem a ver com o exterior, esse espaço de transição entre o exterior, a aldeia.

Para mim é essencial o espaço de transição, se em zonas urbanas ou menos urbanas que esses espaços ganham valor, ou ganham importância, se calhar sim, porque em espaços menos urbanos mais ligados ou mais próximos da natureza ou que sejam aglomerados um bocadinho mais rural, com um grupo mais restrito de casas, com um casario também mais contido. Se calhar, esses espaços de transição proporcionam essa entrega a nossa envolvente, mais próximos ainda do que é a natureza, mais próximos do que é o espaço de aldeia, que é um espaço mais calmo. Não é que não tenha pessoas, porque na minha experiência, tem pessoas, que saem mais a rua, se calhar porque as vezes têm uma vivência mais de proximidade, as pessoas, os vizinhos conhecem-se todos. Nas zonas urbanas, isso já não é tão assim, é mais se calhar um comprimento formal, nós não falamos com os vizinhos como nas aldeias se fala com os vizinhos, há uma entrega até talvez afetiva, quando as pessoas são mais empáticas, por parte dos vizinhos, e isso acho

que é muito interessante. Portanto, esses passos de transição se servirem para aproximar, tu ao sair da tua casa, tens ali, como eu por acaso tenho na minha, umas pedras que já lá estavam e eu mantive com todo o cuidado para sentar à porta de casa ou aquela coisa de chegares à varanda e estares no meio do que é o espaço de mais natureza quer seja o meu jardim quer seja propriamente toda a envolvente do que está no horizonte, o céu. Tudo isso acho que é muito interessante e aí ganha valor na questão de a aldeia também favorece e a natureza também entra mais.

Ronelxy Zarate: Sim, claro. A seguinte questão seria, a experiência de habitar a sua própria casa mudou a sua forma de projetar para outros?

Ana Cunha: Se calhar não mudou a minha forma de projetar para outros, mas se calhar sedimentou. Ou seja, quando? Para novos clientes que já tive, não é? Depois de ter feito a minha casa e como a minha casa saiu numa revista e eles souberam e abordaram-me nesse âmbito. E eu mais facilmente, em termos do projeto de arquitetura e de execução, quando entra a parte das soluções estruturais e de acabamentos e esses complementos ao desenho da própria casa, foi mais fácil que eles assumissem estes materiais próprios para a reabilitação as argamassas de cala aérea, as estruturas de madeira ou seja depois com os isolamentos todos etc. Obviamente que é um bocadinho e buscar um querer à essência da arquitetura popular, mas depois adicionas o isolamento térmico, no caso da minha casa foi a cortiça, mais a impermeabilização, mais os remates de zinco para que a casa seja estanque ao nível da cobertura, que é por aí que a casa às vezes briga. A própria estrutura do piso ser em madeira, a madeira não ser envernizada, ser tratada com ceras e óleos foi mais fácil demonstrar que realmente aquilo resulta e que o resultado é aquele e só aí talvez é que eu fui tirar benefícios disto. Ou seja, eu gosto de fazer assim e na minha casa fiz assim e resultou nisto E, portanto, aí eu consigo demonstrar que, afinal, as argamassas fazem sentido e ficam espetaculares, que a estrutura de madeira funciona lindamente, e, se calhar, foi aí que houve aí uma mudança.

Ronelxy Zarate: Ok. A minha seguinte questão seria o que mais a surpreendeu na vivência da casa depois de construída?

Ana Cunha: Foi, realmente o contraste do que é a imagem da casa no alçado principal, que é onde está a porta de entrada, e a espacialidade que se ganha dentro. Ou seja, não é que eu não tivesse a espera que isso acontecesse, mas realmente, todos os dias que entre ali, é um prazer olhar, entrar em casa naquela portinha contida e de repente abraçar o horizonte que está muito mais longe e isso é definitivamente o que mais me surpreendeu.

Ronelxy Zarate: A minha última questão seria que conselhos daria para uma arquiteta jovem que quer projetar a sua própria habitação?

Ronelxy Zarate: Eu penso que aí uma arquiteta jovem não tem, digamos, ainda a experiência, nem é tanto de projetar, é de ver as obras construídas e olhar para elas e dizer, hoje fazia diferente. Ou seja, a experiência que vamos tendo ao longo dos anos com projetos que não deixam de ser marcos também na nossa vida, coisas que nós vamos deixando e que foram soluções do momento que a gente as pensou, não tenho dúvidas nenhuma, pelo menos no meu caso, o mais reflexivamente possível. Refletir, mas no fim há algo ali, depois da obra construída, que me traz uma experiência e que posso dizer, não poria aquela porta, ou se calhar, abria daquele lado. Fazia aqui e falta uma janela de paisagem, ou devia ter aberto esta parede, porque me apetecia. São digamos aprendizagens que a vida profissional nos traz e quando sobretudo quando temos a possibilidade de fazer várias obras e que vamos em cada uma delas e aprendermos imensas coisas. Se tivermos essa atenção, se quisermos muito, e eu faço aí uma apologia que é o arquiteto quando desenvolve um projeto e que pensa nele do ponto de vista do que é que ele quer no fim da obra. Estamos a projetar e estamos a ver a casa feita, estamos a ver aquele quarto que vai ter madeira no chão, aquele armário que vai abrir daquela maneira, portanto, nós estamos a criar ambientes, para além de fazer o projeto.

Criamos ambientes, e quando temos essa ligação ao projeto, de estarmos a ver a casa pronta, enquanto desenho conseguimos fazer essa transição, temos muito mais gosto de acompanhar a obra e fazer com que ela respeite integralmente a nossa ideia, porque se for um projeto só para dividir um espaço e para fazer um telhado e pôr umas lajes e fazer isto e aquilo não nos traz essa apetência de controlar o pormenor do que a arquitetura vive. A arquitetura vive do pormenor, vive do rodapé, se está embutido na parede, vive da sanca do teto, vive da luz que é de cortina, ou da luz que é suspensa, portanto, o projeto vive disso. Ou seja, no final, não é o projeto, é a casa que vive disso, o espaço, seja casa, seja o que for, a construção, o edifício vive disso. Se for casa é de uma maneira, se for museu é de outra, se for um equipamento para idosos é outra, mas todos eles têm de ter essa ligação do que nós imaginamos naquele espaço quando estamos a fazer a sua conceção. E aí eu penso, que conselho que me parece mais importante numa arquiteta jovem que é quando se faz o projeto é essa ligação ao espaço que já está construído, eu estou a fazer isto, olho para a direita é um vazio, mas eu estou a projetar aquilo que eu quero que aquela casa seja. Já estou a ver, pronto, este pormenor aqui, eu tenho de se calhar fazer isto em uma escala um bocadinho maior para eles perceberem mesmo como é que eu quero este rodapé, ou como é que eu quero este estore, ou como é que a janela fica a face, ou não fica a face. E aí ganha-se esse afeto pelo projeto, essa conceção da casa pronta. E quando se vai acompanhar o projeto, quando o projeto vai para a obra, há essa ligação, “não, não, não. O senhor não está a fazer isso como eu tenho lá no projeto”. Que nós

aprendamos com as pessoas que trabalham conosco, até porque os empreiteiros, sobretudo os encarregados das obras, têm muita experiência. E às vezes já contribuíram imensas vezes para soluções que eu tinha e que me ajudaram a chegar à mesma imagem que eu queria, mas de outra maneira. Isso é uma coisa, outra coisa é, de repente já não é nada assim, olha, afinal eu tinha o rodapé embutido e eles já me puseram o rodapé fora da parede. Imagina, o degrau era lisinho e na vida eles puseram um focinho no degrau, projetaram o degrau para a frente. São coisas que nós temos de desculpar, mas vai ter de refazer, para si é um pormenor, mas para mim é importante.

E essa ligação, esse cuidado com o pormenor, também se calhar, esse entendimento do que pode ser o objetivo da pessoa que quer fazer a casa, não é? quer uma casa que seja para o seu dia-a-dia, quer uma casa que seja de fim de semana, essa ligação, ouvir o outro, tentar ir ao encontro, mesmo não desvirtuando. Imagina, já aconteceu, não comigo, mas já aconteceu, a verem pessoas que querem fazer uma casa, ou fazer o que quer que seja, e trazem projetos já feitos e dizem, “eu quero isto”, pronto, e aí nós temos que nos posicionar e dizer depois, “não sei se vai ser exatamente isso que o senhor quer ou que a senhora quer”, “estou aqui para dar uma volta sim”, “vou ter isso em conta, mas não lhe prometo que isso seja exatamente assim” e “porque eu tenho aqui também outras mais valias que se calhar vai beneficiar a solução portanto tenho que acreditar em mim”, isso também é uma coisa que é importante termos alguma personalidade na maneira de projetar ouvirmos o cliente, o outro, seja ele quem for, e fazer esse casamento entre o projeto e aquilo que queremos que a casa seja.

E para uma arquiteta jovem isso é o essencial, é firmarmos no pormenor e fazermos com que o nosso projeto que está pensado seja construído. Não seja adulterado, que aquilo que era tão bonito, de repente entramos lá e dizemos isto não tem nada a ver comigo, porque não fiz o acompanhamento ou fui mais flexível aqui ou ali e deixei que isto se tornasse uma outra coisa com a qual eu não me identifico. Porque numa arquiteta experiente já há muito conhecimento, quer dizer, não há muita mais experiência de coisas que correram bem, correram melhor, correram menos bem, então aprendemos, vamos acumulando conhecimento, experiência profissional traz-nos isso. Sobretudo quando queremos incluir e queremos dizer ok, eu não sou a melhor, já aprendi muito e se calhar no próximo projeto já não faço coisas que fiz ainda agora há um mês e isso é a nossa postura é essa abertura do que é que pode vir aí. E para melhorarmos também e como pessoas acaba sempre influenciar nossa abertura para com o outro também nos dá aqui uma dimensão um bocadinho diferente.

Ronelxy Zarate: Muito obrigada da entrevista realizada. Obrigada pelo seu tempo.

Ana Cunha: Depois gostava de ter acesso ao trabalho final.

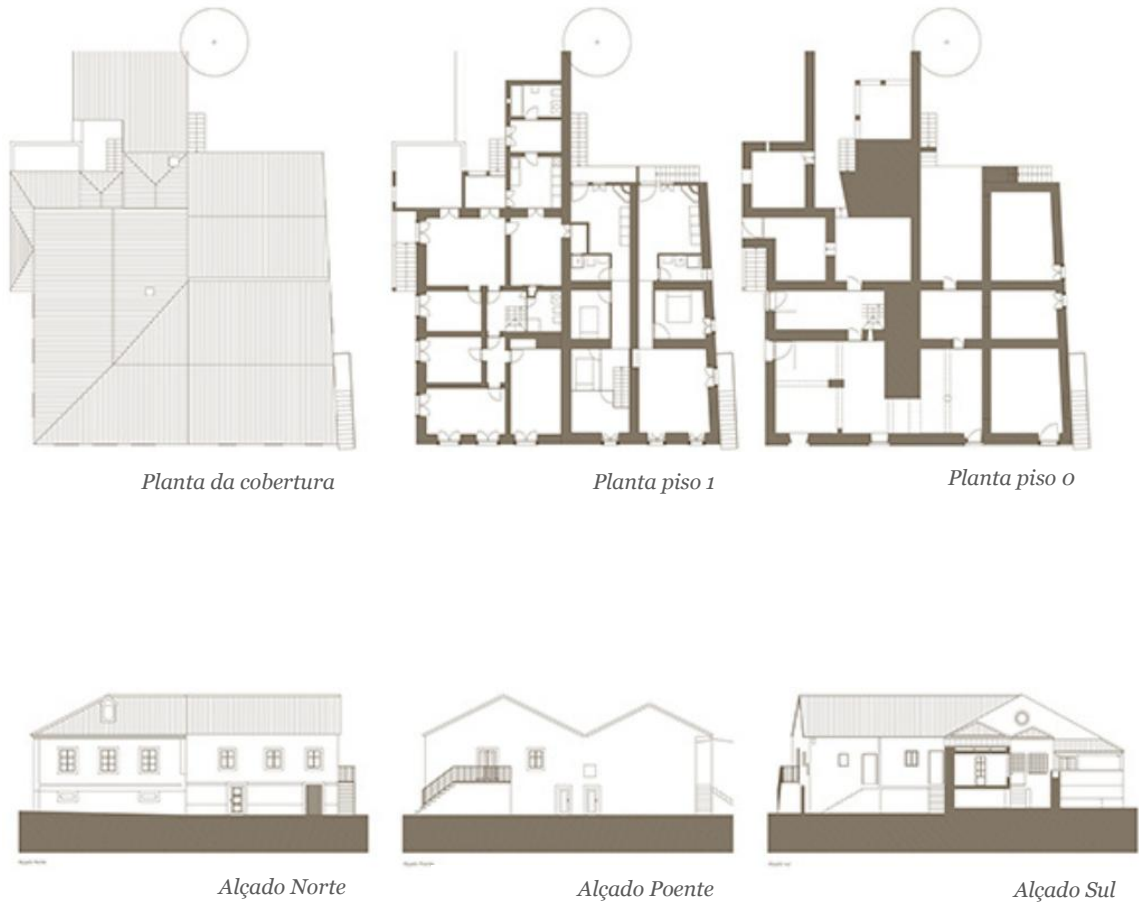
Ronelxy Zarate: Claro que sim.

Ana Cunha: Sim, ok. Muito bem. Está bem. Então, olha, eu disponho qualquer questão que tenhas, podemos falar mais um bocadinho ou manda por mail, como quiseres. E eu tento encaixar aqui, no meu dia de trabalho, está bem?

Ronelxy Zarate: Sim. Muito obrigada.

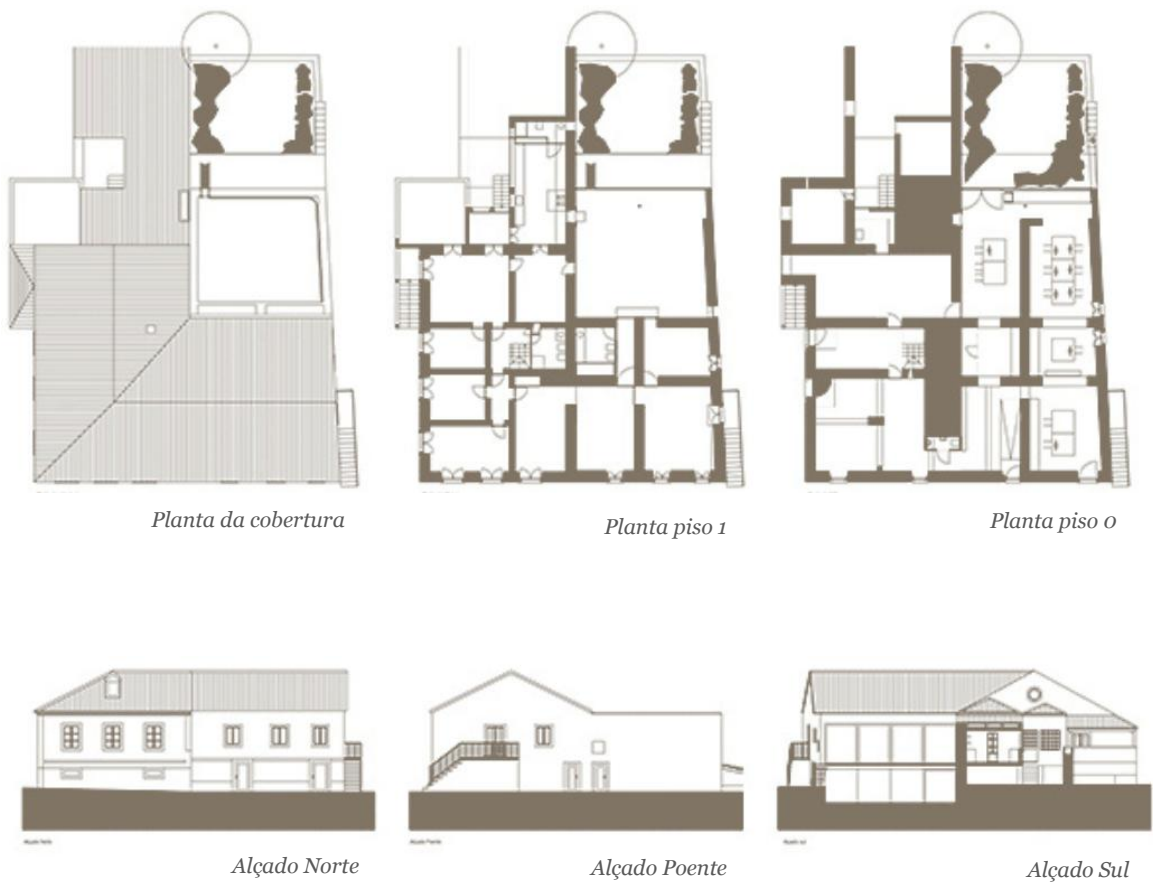
Anexos

I| Casa-atelier



0 [1] 5 N/

Fig. 79-Desenhos do existente antes da reabilitação.
Desenho partilhado pela arquiteta



*Fig. 80- Desenhos depois da reabilitação.
Desenho partilhado pela arquiteta*

II | “Casa da Ana”

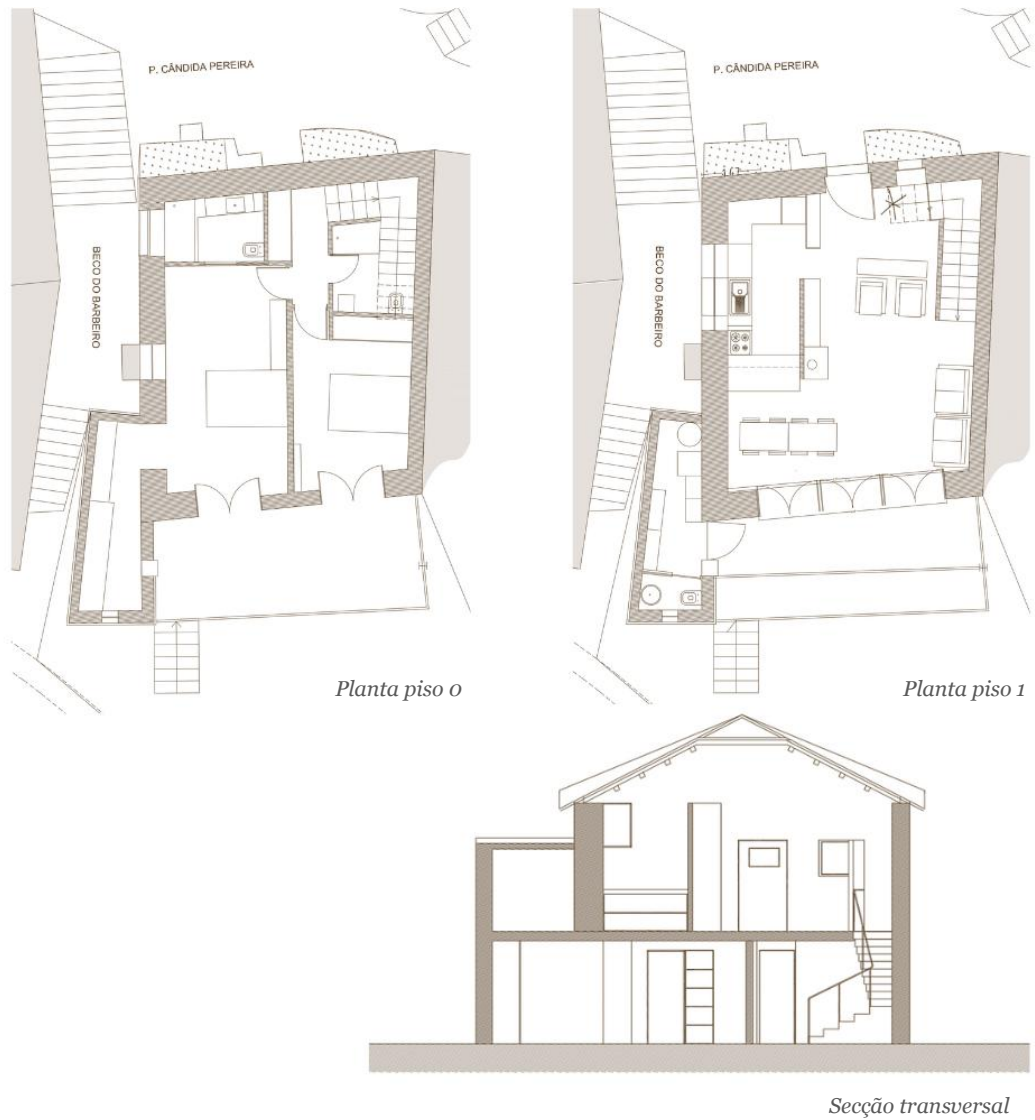


Fig. 81- Desenhos depois da reabilitação.
Desenho partilhado pela arquiteta